

7

H.S.
7247

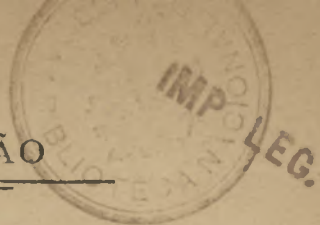


A GRANDE GUERRA

A BATALHA DO MARNE

*Composto e impresso na Imprensa
♦♦ de Manuel Lucas Tôrres ♦♦
R. Diário de Noticias, 87, a 93, Lisboa.*

GARIBALDI FALCÃO



A GRANDE GUERRA

A

Batalha do Marne

(Illustrada com 2 mapas)

Dispensa de r. 310



1916

GUIMARÃES & C.ª — Editores

68, Rua do Mundo, 70

LISBOA

PREFACIO

Poucas palavras apenas como introdução do presente volume. Para os que tem seguido de perto o desenrolar dos acontecimentos que constituem a horrivel tragedia que ha dois annos vem ensanguentando a Europa, não constitue elle uma novidade. Servirá apenas para rememorar os antecedentes da batalha do Marne, a primeira grande victoria alcançada pelos exercitos alliados e que constituiu para muitos — para que occultal-o? — uma verdadeira surpresa, pois que imaginavam já vêr a França completamente aniquilada, esmagada sob o poderio das hordas teutonicas, a cujo avanço parecia impossivel oppôr um dique.

Para aquelles, porém, cujas occupações lhes não permitem seguir dia a dia, com o devido des-
envolvimento, as operações militares, n'uma rapida leitura ficarão a par d'esse grande acontecimento, que marca uma *étape* na historia da Grande Guerra

Tal o intuito com que escrevemos **A Batalha do Marne.**

Se o conseguimos, ou não, o leitor o dirá. Por contentes nos daremos em contribuir com o nosso modesto trabalho para tornar conhecido o «milagre do Marne», como já se lhe chamou. E' um «milagre», sim, porque marcou a derrota da Alemanha.

Saudamos a data esplendida de 10 de setembro de 1914, que figurará como uma aurora de redempção da Humanidade, durante um momento ameaçada de cahir sob o jugo da tyrania e do despotismo, representados pelos imperios centraes.



A BATALHA DO MARNE

CAPITULO I

A conflagração europeia — O rompimento de hostilidades

Sobre a Europa pairava de ha muito a ameaça d'uma grande conflagração que envolveria todas ou quasi todas as nações do Velho Mundo, mas no ultimo momento, quando uma pequena faisca bastava para atear o incendio, perante a visão dos horrores, da carnificina que um gesto, uma palavra imprudente podiam provocar, todos recuavam.

Antes de entrarmos propriamente no assumpto d'este livro — a batalha do Marne, a primeira grande victoria dos alliados — rememoraremos o que deu causa indirecta, ou antes serviu de pretexto ao desencadeiar da Grande Guerra, pretexto habilmente aproveitado pela Allemanha, a unica nação que não recuou perante as consequencias que d'ahi adviriam.

No dia 28 de junho de 1914, quando o archiduque Francisco Fernando, herdeiro do throno da Austria — a alliada da Allemanha — se dirigia com sua esposa, em carruagem descoberta, para o palacio da municipalidade de Serajevo, a capital das duas provincias annexadas, a Herzegovina e a Bukovina, foi victima d'um attentado commettido por um servo, de nome Princip, que a tiro matou o archiduque e sua esposa.

As paixões desencadeiaram-se e Serajevo presenciou

scenas d'uma selvageria que se não harmonisa com os costumes da epocha, sendo em grande parte culpada a imprensa, que excitou as massas populares contra a nação de que era filho o auctor do attentado.

Os incidentes occorridos foram de tal importancia que o estado de sitio foi proclamado não só na cidade, mas em todo o districto. Cêrca de duzentos estabelecimentos servios, cafés, cervejarias, restaurantes e até casas particulares dos subditos do rei Pedro foram assaltadas e saqueadas, tendo de muitas d'essas propriedades ficado apenas as paredes. Em Mostar, antiga capital da Herzegovina, houve graves manifestações contra a Servia. Em Agram, capital da Croacia, ao terminar a sessão do parlamento, que decorrera agitadissima, produziram-se graves desordens, sendo invadidos e saqueados um café e varias casas habitadas por servios. O numero de feridos foi grande e a policia foi impotente para manter a ordem, tendo de intervir a força armada, o que espalhou o panico na população.

Em Brunn, capital da Moravia, no dia 29, dia designado para a realisação do Congresso annual dos estudantes polacos, houve serios disturbios entre allemães e polacos, tendo de intervir a policia, que carregou sobre os amotinados, ficando feridos cincoenta e quatro polacos, dos quaes quatorze gravemente, entre elles dois deputados, e quarenta allemães. Os estudantes servios e russos que tinham ido a Brunn, a fim de tomar parte no Congresso, foram forçados pela policia a sahir da cidade.

Em Lemberg, capital da Galicia, os estudantes polacos promoveram tambem manifestações contra os allemães, intervindo a policia a tempo de evitar o assalto ao consulado allemão e ao palacio do governo.

Em Vienna, os estudantes fizeram uma manifestação tumultuosa em frente da legação da Servia, queimando uma bandeira d'essa nação. A policia interveiu dispersando os manifestantes, não effectuando, porém, prisão alguma.

Ao mesmo tempo, a imprensa allemã encetava uma violenta campanha contra a Servia, chegando um jornal de Berlim a dizer que Belgrado era um foco de conSPIrações e que a Servia era o paiz dos assassínios e das revoluções militares, sendo muito possível que nos meios officiaes fôsse de antemão conhecido o crime que se ia perpetrar em Serajevo.

A attitude da Servia foi o mais digna possível. Logo que foi conhecido o attentado suspenderam-se todos os festejos commemorativos do anniversario do rei Pedro, que n'esse dia se celebrava. O principe Alexandre, regente do reino, em nome de seu pae, que estava ausente, enviou um telegramma de pezames ao imperador da Austria, o ministro servio em Vienna foi apresentar condolencias ao governo austro-hungaro e o presidente do parlamento servio — a skupchtina — telegraphou aos presidentes dos parlamentos austro e hungaro. O rei Pedro igualmente telegraphou ao imperador Francisco José e ordenou que a côrte da Servia tomasse luto e que fôssem celebradas exequias solemnes por alma das victimas.

A imprensa pangermanista não affrouxou, porém, na sua campanha, concorrendo para exacerbar mais as paixões que na Austria separavam os allemães dos slavos, apresentando o movimento pan-servio como a origem da tragedia que victimára o archiduque Francisco Fernando e sua esposa e insinuando que o trama fôra preparado com conhecimento, se não com assentimento do governo de Belgrado.

O partido militar — o partido da guerra — por seu lado trabalhava, e bem, pois que conseguiu o seu objectivo, levando o governo austriaco a enviar ao governo servio, a 23 de julho de 1914, uma nota em que se affirmava que o attentado de Serajevo havia sido preparado em Belgrado e em que se pedia á Servia que fizesse publica no jornal official do dia 26 e communicasse ao exercito em ordem do dia, assignada pelo rei, una declaração

dizendo que a Servia condemnava a propaganda contra a Austria, lastimava as consequencias funestas d'essas machinações criminosas e que procederia com a maior energia contra aquelles que fôsem reconhecidos como culpados de taes procedimentos. Além d'isso, o governo servio comprometter-se-hia a supprimir toda e qualquer publicação anti-austriaca, a afastar do exercito e da administração os officiaes e funcionarios culpados, a perseguir os cúmplices da conspiração de 28 de junho e a aceitar a collaboração da Austria para a repressão d'esse movimento subversivo. A Austria fixava o prazo da resposta até ao dia 25, ás 6 horas da tarde.

A Servia respondeu, declarando que não tinha culpa alguma na tragedia de Serajevo, motivo por que não podia humilhar-se a ponto de pedir perdão. Faria tudo quanto pudesse para evitar agitações e movimentos anti-austriacos, mas não aceitava intervenções injustificaveis.

Apoz a visita que Pachitch, presidente do ministerio servio, fez ao ministro austriaco, barão Giesl de Giesling, este diplomata não se deu por satisfeito com as explicações que lhe haviam sido dadas, rompendo-se as relações entre a Austria e a Servia no dia 25.

Na noite d'esse dia, o conselho de ministros servio, reunido sob a presidencia do principe Alexandre, deliberou acceder a grande parte das exigencias da Austria, permittindo assim que se entabolassem novas negociações. Pelas 3 horas da tarde, fôra ordenada a mobilisação geral.

As chancellarias europeias não ficaram de braços cruzados, como talvez muita gente poderia suppôr, e o que de modo algum convinha á Allemanha e á Austria, pois que a tragedia de Serajevo foi habilmente aproveitada para atear o incendio.

A Russia interveiu, affirmando que não consentiria na violação do territorio servio e tentando obter que fôsse prorogado o prazo para a resposta da Servia. Recebeu

uma resposta negativa, accrescentando-se que com a regularisação das questões entre a Austria e a Servia nada tinham os outros paizes.

Como resposta dos preparativos militares austriacos, a Russia ordenou a mobilisação de nove corpos do seu exercito nas provincias da fronteira austriaca.

Na Austria foram apprehendidos todos os jornaes tcheques que haviam commentado desfavoravelmente o *ultimatum* enviado á Servia, tendo-se effectuado numerosas prisões e buscas.

A imprensa de todas as grandes capitae europeias considerava de extrema gravidade o momento, sendo igualmente essa a opinião dominante nos meios politicos e diplomaticos. Nas bolsas da Europa e da America os fundos baixaram assustadoramente, produzindo se diversos *kraks* financeiros.

Nas fronteiras da Allemanha e da Austria enormes forças começaram a ser concentradas. Em Vienna e em Budapesth as manifestações a favor da guerra succediam-se, sendo os soldados acclamados ao passarem nas ruas, ao mesmo tempo que hymnos patrioticos se ouviam em toda a parte.

Em Paris, elementos da raça slava, arvorando uma bandeira austriaca, dirigiram-se á embaixada da Austria, rasgaram e queimaram a bandeira, seguindo depois para a embaixada da Russia, em frente da qual acclamaram tanto essa nação como a França.

Em Berlim, os partidarios da guerra fizeram manifestações hostis deante da embaixada da Russia, acclamaram o representante da Austria e desfilaram silenciosamente por defronte da embaixada franceza. Em Belgrado, o principe Alexandre fôra acclamado ao sahir do ministerio da guerra, sendo victoriadas a França e a Russia. Em S. Petersburgo, o czar tinha sido acclamado nas ruas e nos theatros.

Um sopro guerreiro agitava a Europa. A grande con-

flagração estava imminente. Tal era a situação geral no dia 26 de julho de 1914.

A diplomacia não perdera, porém, ainda as esperanças de resolver o conflicto sem ter de se recorrer á intervenção das armas. A Inglaterra empregou diligencias junto da França, da Allemanha e da Italia no sentido de que os seus governos levassem os gabinetes de Vienna e S. Petersburgo a evitar um choque, conseguindo que o conflicto austro-servio fôsse resolvido por meio de mediação.

Em Paris, no dia 27 á noite, n'uma manifestação promovida pelos syndicalistas contra a guerra a policia interveiu violentamente, havendo tumultos, ferimentos e prisões. A' primeira esquadra ingleza, que estava concentrada em Portland, foi dada ordem para que estivesse prompta á primeira voz. O exercito montenegrino mobilizou, sendo o principe herdeiro, que estava ausente, chamado telegraphicamente.

Todas as esperanças — se esperanças ainda havia — se desvaneceram por completo, porque no dia 28 o jornal official austriaco publicava a declaração de guerra nos seguintes termos :

«Não tendo o governo real da Servia respondido de modo satisfactorio á nota que lhe foi entregue pelo ministro da Austria-Hungria em Belgrado na data de 23 de julho de 1914, o governo imperial e real vê-se na necessidade de provêr por si mesmo á salvaguarda dos seus direitos e de recorrer para esse effeito á força das armas. A Austria-Hungria considera-se, pois, desde este momento, em estado de guerra com a Servia. — (a) O ministro dos negocios estrangeiros da Austria-Hungria, *Conde Berchtold*».

Tratava-se já, não de evitar a guerra entre a Austria e a Servia, mas sim de que ella se generalisasse, empregando

o governo inglez, apoiado abertamente pela França, todos os esforços para que a tormenta se não desencadeasse sobre toda a Europa. A diplomacia tentava ainda conseguir a paz.

No entretanto, os preparativos bellicos proseguiam com a maior actividade. A França enviava para a fronteira os regimentos de artilharia e infantaria que andavam em manobras. A Allemanha chamava ás fileiras as reservas de dois annos. A Inglaterra tinha vinte e nove couraçados concentrados em Portland. A Austria continuava a concentrar tropas nas fronteiras austro-servia e austro-montenegrina.

Para se avaliar bem até que ponto se justificava o rompimento de relações e a declaração de guerra, convem conhecer minuciosamente as exigencias formuladas pela Austria-Hungria no seu *ultimatum* e a resposta que a Servia lhes dera, modificando a sua primeira nota.

A Austria exigia que fôsse publicada na primeira pagina do jornal official uma declaração, uma especie de *mea culpa*, redigida pelo governo de Vienna. O governo servio accedia a essa exigencia.

A Austria exigia que essa reclamação fôsse communicada ao exercito em ordem do dia assignada pelo rei Pedro. O governo servio acceitou.

A Austria exigia que o governo servio se obrigasse :

1.º — A supprimir qualquer publicação em que se incitasse ao odio ou desprezo pela Austria. O governo servio concordava em modificar a lei de liberdade de imprensa.

2.º — A dissolver immediatamente a Associação Narodna Obrana e a proceder da mesma fórma para com as outras sociedades e associações servias que fizessem propaganda contra a Austria. O governo servio acceitava.

3.º — A demittir os professores, funcionarios e officiaes culpados de propaganda contra a Austria que o governo de Vienna indicasse, citando os factos em que esti-

vessem implicados, e a aceitar a collaboração do governo austriaco na repressão do movimento subversivo contra a Austria. O governo servio compromettia-se a demittil-os quando a accusação formulada se provasse e pedia que lhe fôsse communicados os nomes dos culpados.

4.^o — A abrir um inquerito judicial contra os partidarios da conjuração de 28 de junho em territorio servio, tomando parte nas investigações delegados do governo austriaco. O governo servio aceitava o inquerito e pedia explicações sobre a sua acção, entendendo que se devia obedecer aos principios de direito internacional e ás relações de boa vizinhança.

5.^o — A prender immediatamente o major Voija Tankositch e o funcionario publico Milan Ciganovitch, compromettidos no crime, segundo as investigações feitas em Serajevo. O governo servio aceitava.

6.^o — A Austria formulava outras exigencias relativamente ao trafico de armas, licenceamento, castigos de funcionarios que serviam na fronteira e ás opiniões emitidas por alguns funcionarios servios. O governo servio aceitava essas exigencias e promettia ainda, se o governo austriaco achasse insufficientes as explicações dadas, acatar as resoluções que tomassem o tribunal da Haya e as potencias signatarias da declaração de 1909 relativa á Bosnia-Herzegovina.

A Servia não podia fazer mais, nem humilhar-se mais. E, se assim procedera, fôra a conselho das potencias, principalmente da Russia e da França, as quaes, incitadas pela Inglaterra, queriam a todo o transe evitar a conflagração europeia.

A Austria, porém, incitada pela Allemanha, não quiz deixar de aproveitar a occasião.

O governo russo ordenára a mobilisação de parte do seu exercito. O governo de Berlim, que ordenára secretamente a mobilisação, embora, oficialmente, negasse tal

facto, a ponto de se mandar prender o director e o gerente de um jornal que a tal se referira e de se obrigar o *Lokal Anzeiger* a publicar uma edição especial para desmentir essa noticia, de que se fizera echo, pediu explicações á Russia sobre tres pontos: primeiro, sobre o fim da mobilisação russa; segundo, sobre se essa mobilisação era feita contra a Austria; terceiro, se a Russia estava disposta a ordenar a sua cessação immediata.

Belgrado, a capital da Servia, fôra já bombardeada a 29 pelos monitores austriacos, tendo-se d'ella apoderado as tropas austro-hungaras, que encontraram na cidade apenas umas trinta pessoas, visto que a população retirára para o interior, como para o interior haviam sido mandados todos os archivos.

No dia 31 de julho, o imperador Guilherme decretára o estado de «ameaça de guerra» e o governo allemão prohibiu a sahida de navios mercantes nacionaes dos seus portos, assim como prohibiu a exportação de cereaes.

Em Inglaterra os carregamentos de carvão foram embargados por ordem do almirantado. Na Hollanda foi decretada a mobilisação geral, na Noruega a parcial e na Belgica a geral, para garantir a neutralidade do seu territorio. A Suissa, no dia 1 d'agosto, seguiu o exemplo, sendo ordenada a mobilisação do exercito federal.

A proposta que a Inglaterra fizera para se reunir uma conferencia em Londres, onde a questão austro-servia fôsse apreciada, não foi acceite pela Allemanha, desaparecendo, assim, a ultima esperança de evitar a tremenda catastrophe que estava imminente. A diplomacia allemã entendia «que se devia deixar os acontecimentos seguir o seu curso».

A Allemanha, ao mesmó tempo que enviava uma nota á Russia intimando-a a suspender a mobilisação no prazo de 12 horas, dirigia-se á França a perguntar-lhe qual seria a sua attitude em presença da mobilisação russa e in-

sistindo por uma resposta em termos taes que era de pre-
vêr que d'elles resultasse a retirada do embaixador francez
em Berlim.

A resposta da França foi ordenar a affixação de edi-
taes inserindo o decreto da mobilisação geral.

A's 7 horas e meia da tarde de 1 d'agosto, o embaixa-
dor allemão em S. Petersburgo, não tendo recebido res-
posta á nota do seu governo, entregava a Sazonoff, pre-
sidente do conselho de ministros, a declaração de guerra.

Telegrammas haviam, nos dias 28, 29, 30 e 31 de julho,
sido trocados entre o kaiser e o czar, nos quaes este fazia
um appello ao imperador da Allemanha para que inter-
viesse junto da Austria, a fim de se evitar a tremenda efu-
são de sangue que ia causar a guerra europeia, prestes
a estalar.

Guilherme II respondeu sempre evasivamente, exigindo
primeiro que tudo que a Russia suspendesse os seus pre-
parativos militares, que — dizia — ameaçavam a Austria
e a Allemanha.

Compreende-se bem o plano : a Russia completamente
desarmada perante o exercito allemão, que mobilisava se-
cretamente, e perante o austro-hungaro, que mobilisava
ás claras, sob o pretexto de que a mobilisação era apenas
dirigida contra a Servia.

O ultimo telegramma trocado entre os dois imperado-
res tem a data de 1 d'agosto e é concebido nos seguintes
termos :

«Agradeço-te o teu telegramma ; indiquei hontem ao teu
governo o unico meio pelo qual a guerra podia ainda ser
evitada:

«Apezar de ter pedido uma resposta para o meio dia,
telegramma algum do meu embaixador com a resposta
do teu governo me chegou ainda ás mãos. Fui, pois, obri-
gado a mobilisar o meu exercito.

«Uma resposta immediata, clara e sem equivocos, do

teu governo é o unico meio de conjurar uma calamidade incommensuravel. Emquanto não receber esse telegramma, é me impossivel, com grande pezar meu, discutir o assumpto do teu telegramma. Sou forçado a pedir-te categoricamente que dê sem demora ordens ás tuas tropas para que em caso algum façam o mais ligeiro ataque ás nossas fronteiras. — *Guilherme*».

Transparecia já a preocupação, até hoje sempre mantida, de alijar responsabilidades. E quando Nicolau II pede ao kaiser que lhe dê a mesma garantia que espontaneamente elle dera — a sua palavra de honra de que as suas tropas não commetteriam acto algum de provocação — Guilherme II illude a questão e não empenha a sua palavra.

Ganhar tempo era o principal objectivo. A Russia que desmobilisasse, para assim ser surprehendida com mais facilidade. E em Vienna d'Austria, em vez de se aconselhar a paz, incitava-se á guerra o velho imperador Francisco José.

Ao mesmo tempo aventava-se a hypothese da neutralidade da França n'uma guerra allemã, aproveitando-se para isso um equivoco, um supposto equivoco, havido n'uma conversação telephonica, neutralidade que seria garantida pela Inglaterra.

O imperador Guilherme telegraphava a Jorge V, no dia 1 d'agosto :

«Acabo de receber a communição do seu governo offerecendo-me a neutralidade da França sob a garantia da Gran-Bretanha. A esse offerecimento estava ligada a questão de saber se, com essa condição, a Allemanha não atacaria a França. Por motivos technicos, a minha mobilisação, que foi ordenada esta tarde nas duas fronteiras, a oriental e a occidental, deve proseguir em conformidade com os preparativos começados.

«Não podem ser dadas contra-ordens e a comunicação chegou, infelizmente, muito tarde. Mas se a França offerece a sua neutralidade, garantida pela armada e pelo exercito inglezes, abster-me-hei de a atacar e empregarei as minhas tropas n'outra parte. Desejo que a França se não mostre nervosa. As minhas tropas são n'este momento detidas, por ordens telegraphicas e telephonicas, na sua marcha para transporem a fronteira franceza. — *Guilherme*».

O rei Jorge V respondeu immediatamente:

«Em resposta ao seu telegramma, que acaba de me ser entregue, tenho a dizer-lhe que se deu um equivoco a proposito da suggestão feita no decurso d'uma conversação amigavel entre o principe Lichnowsky e sir Edward Grey, em que se discutiu como um conflicto armado entre a Allemanha e a França poderia ser retardado até se encontrar uma formula de accordo entre a Austria-Hungria e a Russia. Sir Edward Grey falará amanhã de manhã com o principe Lichnowsky para accentuar bem que houve um equivoco da parte do principe. — *Jorge*».

Fôra o principe Lichnowsky, embaixador allemão em Londres, que dera origem a esse equivoco, telegraphando ao chancellor Bethmann-Hollweg, dizendo que sir Edward Grey lhe perguntára telephonicamente se elle podia declarar que a Allemanha não atacaria a França, no caso d'esta nação se conservar neutral n'uma guerra russo-allemã.

O embaixador allemão em Roma procurára, no dia 1 d'agosto, o marquez de San Giuliano, ministro dos negocios estrangeiros, a quem perguntou qual seria a attitude da Italia no caso de guerra austro-germanica contra a França e a Russia.

A resposta foi que a Italia permaneceria neutral, visto

que os seus compromissos com a Triplice Alliança a obrigavam apenas em caso de guerra defensiva e que, sendo a provocadora a Austria, apoiada pela Allemanha, portanto uma guerra essencialmente offensiva, a Italia se considerava desligada dos seus compromissos.

E, se assim o declarou, assim procedeu, pois, como se sabe, só ao fim de dez mezes sahiu da sua neutralidade, enfileirando ao lado dos alliados.

No dia 3, o embaixador allemão em Paris entregava ao governo francez a declaração de guerra, para justificar a qual se attribuia aos aviadores francezes o lançamento de bombas sobre cidades allemãs e se dizia que as tropas francezas haviam iniciado os ataques na fronteira.

Ora, para evitar o minimo pretexto de ser accusada a França de aggressora ou de provocadora da guerra, o governo francez, embora expondo-se a um grave risco, mandára retirar as suas tropas para dez kilometros a dentro da fronteira.

No dia 4, na Camara dos Communs, em Inglaterra, sir Edward Grey declarava que essa nação não consentiria ataque algum á esquadra franceza, assim como não permitiria que fôsse violada a neutralidade da Belgica. Ordens foram dadas para a mobilisação das forças de terra e mar.

Ao mesmo tempo, a Allemanha era convidada a comunicar á Belgica que respeitaria a sua neutralidade, fixando a Inglaterra o prazo até á meia noite d'esse dia. O governo de Berlim respondeu que daria explicações acêrca da invasão do territorio belga depois da guerra terminar. O governo britannico respondeu declarando guerra á Allemanha e ordenando ao almirantado que as esquadras rompessem as hostilidades.

No dia 6, a Austria-Hungria declarava guerra á Russia. Rebutára a grande conflagração europeia.

CAPITULO II

A invasão do Luxemburgo e da Belgica

Para invadir a França, os allemães tinham dois caminhos: ou forçar a linha de defeza de «fortes de deteni-mento» flanqueados e apoiados pelas fortalezas de Verdun, Toul, Nancy, E'pinal e Belfort, ou contornal-a e entrar em França pelo nordeste.

A primeira d'essas alternativas era um emprehendi-mento desesperado, sem a certeza de um exito e que cus-taria muito sangue — que o invasor estava disposto a derramar de boa vontade — e muito tempo, o que lhe não convinha, porque, no caso de uma guerra com a França e com a Russia, o tempo para os allemães era um dos principaes factores.

Todo o seu eschema era, considerado na sua fórmula mais simples, uma operação colossal na linha interior contra inimigos divididos e que só teria exito se o primeiro pudesse ser derrotado antes do segundo entrar em acção.

Assim, vinte dos poderosos corpos d'exercito allemães eram destinados ao ataque da França, sendo deixados os restantes, conjunctamente com a *landwher* e outros corpos de reserva e algumas fracções do exercito que a Austria pudesse desviar da Servia, para apararem o choque da Russia até que a derrota da França permitisse poder desviar alguns d'esses corpos para a fronteira oriental.

A segunda alternativa tinha serias desvantagens. Para espalhar o exercito allemão n'uma linha de invasão desde o norte de Metz até Verdun, forçoso era violar o territorio

do gran-ducado do Luxemburgo, cuja integridade havia sido garantida por um tratado que datava de 1867. E dado o grande numero de homens que era necessario empregar n'uma tão larga frente de marcha, era quasi certo, desde o principio, que não seria o Luxemburgo o unico Estado que veria desrespeitada a sua neutralidade.

A largura do gran-ducado é apenas de cerca de sessenta e quatro kilometros e não se podia esperar, dadas as modernas condições de guerra, que accomodasse as columnas de mais de tres corpos d'exercito de frente ou de seis em linha dupla.

O ter amontoado doze ou quinze corpos d'exercito no espaço que medeia entre Metz e a fronteira norte do gran-ducado seria um erro militar em que se não podia pensar e que não salvaria os allemães de serem accusados de violação de territorio neutral. Seguia-se d'ahi que, se o principal ataque dos allemães tinha de ser feito pelo norte de Metz, a violação do territorio da Belgica, nos arredores das Ardennas e de Liége, era uma necessidade militar.

A unica alternativa que restava, completamente inadmissivel sob o ponto de vista allemão, era o seu exercito conservar-se na defensiva entre o Mosa e o Rheno. Ora tal hypotese, repetimos, era inadmissivel e, portanto, o plano de campanha do estado maior allemão envolvia a violação do territorio da Belgica e do Luxemburgo logo aos primeiros movimentos.

Durante a noite de sabbado, 1 d'agosto, soldados allemães, ligeiramente equipados, entraram no Luxemburgo, occuparam a estação e as pontes do caminho de ferro sobre o Tréves, assim como as linhas ferreas, a fim de assegurar a passagem dos comboios com tropas allemãs pelo gran-ducado. No domingo, 2 d'agosto, a população do Luxemburgo, ao acordar, ficou sabendo que não era já livre no seu proprio paiz, porque todos os meios de communi-

cação estavam em poder de destacamentos de soldados com uniforme allemão, muitos d'elles commandados por officiaes em quem os surprehendidos luxemburguezes reconheceram homens que, ainda dias antes, estavam, disfarçados em empregados de todas as categorias, no Luxemburgo.

Esses officiaes tinham, por tal motivo, adquirido pleno conhecimento da topographia dos locais e das suas disposições, o que os habilitava não só a collocarem os seus soldados nas melhores posições, mas ainda a indicarem onde podiam ser adquiridos fornecimentos de provisões e quaes as pessoas que deviam ser detidas para boa execução dos planos allemães. Contra uma manobra tão astuciosamente levada a cabo e tão bem posta em pratica, os habitantes do Luxemburgo eram impotentes.

O primeiro a tentar uma resistencia inutil foi o ministro Eyschen, que se dirigiu, em automovel, para a ponte Adolpho e mostrou ao official que commandava os allemães uma copia do Tratado que garantia a neutralidade do Estado. O official allemão limitou-se a responder que conhecia o Tratado, mas que havia recebido ordens.

A archiduzesza Maria Adelaide, que tambem tentou obstruir a passagem da ponte com o seu automovel, e o general Vandyck, commandante em chefe do Luxemburgo, que protestou encolerisadamente, não obtiveram melhor resultado, porque a archiduzesza foi obrigada, sob ameaça de prisão, a recolher ao seu palacio, e o segundo foi ameaçado com um revolver.

No mesmo dia o chanceller imperial de Berlim telegraphava ao governo do Luxemburgo dizendo que nenhum acto hostile seria praticado contra o gran-ducado e que apenas seriam tomadas as medidas necessarias, protegendo os caminhos de ferro, para garantir a segurança ás tropas allemãs contra um possivel ataque dos francezes.

Tendo-se apoderado do Luxemburgo, os allemães não perderam tempo em fortifica-lo contra qualquer ataque,

limitando-se a destruir todas as «villas», herdades e bosques que podiam servir de abrigo ao inimigo. Ao mesmo tempo todos os pretextos serviam para prender cidadãos como suppostos espiões.

D'ahi a poucos dias os habitantes do gran-ducado começaram a admirar-se da onda da invasão germanica não passar com a rapidez que era de esperar para a França. Mas a verdade era que a onda recebera um choque inesperado, o que a obrigára a deter-se.

A força invasora não tinha contado com a resistencia de Liége. Faltavam-lhe provisões e munições e o exercito atacante era obrigado a esperar não só por ellas, mas ainda pela artilharia pesada, que, segundo o plano primacial, devia ser transportada com facilidade atravez da Belgica, atraz do victorioso exercito de occupação e da qual este não teria, naturalmente, necessidade, excepto para bater os fortes de Paris! A resistencia de Liége fazia cahir por terra todos esses planos.

Foi a 2 d'agosto que os allemães mostraram o valor que ligavam aos «farrapos de papel», apoderando-se do Luxemburgo, cuja neutralidade se tinham compromettido, por um tratado, a respeitar e proteger.

O barão de Broqueville, presidente do ministerio belga, declarava n'esse dia que tinha a convicção de que o territorio da Belgica não seria viclado. Comtudo, esforço algum tinha sido poupado para se prepararem para o peor, embóra talvez os belgas não pensassem n'aquelle momento na espantosa barbarie que ia assolar o seu paiz — quasi com a rapidez com que se fórma uma trovoadá uo céu pouco antes azul — nem nas assombrosas provas de heroismo que esse pequeno povo ia dar.

Nos fins de julho, quando a tempestade estava prestes a estalar, tinham sido mandadas mobilisar treze classes de recrutas belgas, mas mesmo assim todo o exercito contava apenas 200.000 homens — um total que, no meio das forças que iam tomar parte na invasão, parecia apenas

um simples grupo de homens lutando contra as primeiras ondas d'um mar pelo qual seriam, em breve, inevitavelmente cercados e submergidos. . .

O objectivo dos allemães ao invadirem a Belgica era, como dissemos, evitar um difficilimo ataque de frente contra as fortalezas da fronteira leste da França, servindo-se do triangulo da Belgica entre Namur, Arlon e Aix-la-Chapelle como uma base pela qual contornassem a esquerda das defezas francezas; e esperava-se que, n'esse caso, a Belgica, tomada de surpresa antes da sua nova organização militar estar completa, nada de melhor teria a fazer do que abrir caminho ante as hostes germanicas e unir o seu exercito com a esquerda da linha franceza.

Até Herbetal, cidade allemã cujos suburbios actualmente chegam á fronteira mais proxima de Liége, as tropas tinham sido transportadas em caminho de ferro, e ahi, sahindo do comboio, formaram em longas columnas e penetraram na Belgica.

Na fronteira não encontraram resistencia absolutamente alguma, apezar da cavallaria que avançava na frente da força principal e que penetrou a grande distancia além da fronteira dizer que sobre ella haviam sido disparados alguns tiros. Foram esses tiros, sem duvida, dados por sentinellas ou escoteiros belgas, mas não houve opposição militar á occupação allemã de Limburg, a primeira cidade belga no caminho para Liége. Tão inesperada, na realidade, fôra a feição que os acontecimentos haviam tomado, que os allemães não só acharam o caminho de ferro intacto, mas ainda as locomotivas e o material circulante, de que se iam utilisar para os transportar para Liége.

A proxima cidade belga após Limburg era Verviers, e ahi uma pequena força belga tinha sido facilmente repellido pela cavallaria allemã. Os habitantes, assustados, não offereceram resistencia, limitando-se a contemplar por detraz das persianas das suas janellas fechadas os invasores, os quaes sucegadamente tomaram posse dos edificios pu-

blicos e affixaram proclamações annunciando a annexação da cidade e do districto, nomeando um official para governador e advertindo a população de que toda a resistencia á auctoridade allemã seria punida immediatamente com a morte.

Tudo correu em harmonia com os planos allemães e, como os invasores esperavam, o povo não só se mostrou humilde e zeloso em cumprir as ordens que lhe eram dadas para fornecer mantimentos, como em breve dominava os seus receios o sufficiente para sahir de casa e conversar amigavelmente com o inimigo. No mesmo dia, as tropas allemãs entravam na Belgica, sem opposição, em Dalhem, Franconchamps e Stavelot.

Tão auspicioso principio era decerto bom de mais para poder durar até ao fim. A «pacifica occupação do territorio belga» a que se referem os primeiros telegrammas mandados para Berlim não se estendeu a muitas leguas.

A primeira resistencia séria ao invasor que as palavras de protesto belga iam tornar effectiva foi encontrada pelas tropas allemãs ao avançarem para Liége por Dalhem e Herve, nas pontes do Mosa e nos tunneis das Tres Pontes. A tentativa allemã para se apoderar d'essas pontes por surpresa falhára e os seus esforços para tomar outras encontraram successivamente resistencia. E apesar das fortificações de Liége serem boas e ter sido reforçada a sua guarnição com 22.500 homens, não se esperava de fórma alguma que a sua defeza exercesse tão grande influencia como a que veiu a exercer no decurso da campanha.

Ao atravessarem a fronteira, os allemães nunca tal supuzeram. Um dos seus primeiros objectivos era naturalmente Visé, uma socegada cidade belga exactamente na fronteira hollandeza e que occupa uma posição strategica no flanco de qualquer força que avance de leste sobre Liége.

Ahi, porém, os allemães souberam que, embora o seu avanço tivesse sido rapido, os belgas não tinham andado

com menos rapidez; as pontes tinham sido cortadas e elles foram obrigados a construir outras. Metteram mãos á obra. A engenharia allemã começava a construir uma segunda ponte depois de concluida a primeira, quando uma força belga, que até ahi estivera emboscada, abriu fogo sobre os allemães, matando muitos e destruindo a nova ponte.

Assim, a tomada de Visé, que teria sido um preliminar para o investimento parcial de Liége com o fim de atacar os fortes, era adiada até o assalto geral a esses fortes ser dado. Depois de uma lucta violenta, os allemães conseguiram entrar na cidade.

A principio, não massacraram os habitantes, limitando-se a matar aquelles que auxiliavam as tropas belgas, incluindo mulheres e rapazes que arremessavam pedras contra elles. A verdade é que a carnificina não foi geral, embora nas primeiras noticias ácerca da tomada de Visé os allemães fôsem accusados das maiores atrocidades. Convém rememorar isto, para se ser justo e imparcial, porque os ultrajes commettidos pelos allemães antes de terem recebido qualquér provocação são da categoria d'aquelles que não teem desculpa, embora tentassem justificar-os allegando que eram represalias.

A guerra começou no momento em que a Belgica estava pondo em execução a sua ultima reforma militar, cujo fim era, principalmente, obter os homens necessarios para guarnecer as suas grandes fortalezas do Antuerpia, Liége e Namur, para elevar as fileiras do seu exercito em campanha a 150.000 homens e para ter as devidas reservas.

Sem recorrer ao serviço militar obrigatorio, não era possível elevar o exercito a essa força, incluindo n'elle a guarda civica, uma velha reliquia dos dias em que a Belgica não tinha politica nacional, não precisando, por isso, d'outra força além d'uma especie de policia armada.

Fôra resolvido incluir a guarda civica no exercito, mas a guerra rebentou antes d'essa medida estar em execução e, quando essa corporação, com a maior coragem, tomou

o seu logar para se oppôr aos invasores allemães, estes consideraram-na como uma força civil tomando parte em operações militares. A guarda civica possuia todos os attributos dos soldados. Mas os allemães persistiram em vêr n'ella forças que deviam ser excluidas, ameaçando tratar os seus homens como não combatentes. A morte d'um membro da guarda civica que era capturado era considerada pelos belgas como o assassinio d'um prisioneiro e pelos allemães unicamente como a execução d'um espião.

Tal facto, como era natural, exasperava os belgas, sendo por isso de grande valor o saber-se que são elles proprios que dizem que os allemães não commetteram atrocidades na occasião da tomada de Visé.

Na primeira narrativa completa do ataque de Liége que foi mandada para o *Times*, diz-se claramente :

«Depois d'uma lucta violenta, as tropas allemãs conseguiram entrar em Visé. Comtudo não massacraram, como se referiu, os habitantes d'essa praça. Com excepção dos poucos civis que foram mortos durante o ataque, a população civil não foi incommodada. O fogo manifestou-se em muitos bairros, mas a cidade não foi incendiada de proposito.»

Esta passagem, extrahida d'uma narrativa em que transparecem a maior sympathia e admiração pelos belgas e pela sua coragem combativa, é muito importante, porque mostra que os allemães, embora a sua subsequente conducta mudasse, não tinham deliberado adoptar methodos brutaes contra a população belga no seu plano de campanha, a principio.

Comtudo, embora a passagem que citamos assim fale, foi realmente em Visé que os allemães primeiro mostraram quão depressa os seus methodos iam mudar.

Segundo uma testemunha ocular belga, o mal manifestou-se quando os allemães tentaram tomar a ponte de Visé sobre o Mosa. Os belgas tinham-na destruido na extensão de cerca de cincoenta metros no centro e quando a pri-

meira força de cavallaria prussiana chegou para d'ella tomar posse foi quasi que anniquilada por um fogo vivo que sobre ella foi feito pela infantaria, escondida entre os pilares da ponte destruida.

Ao mesmo tempo, tiros eram disparados das casas proximas, e, segundo o que diz essa testemunha ocular, foi quando as tropas allemãs foram em soccorro da sua cavallaria que começaram a matança dos habitantes, sem distincção, embora não tivessem a certeza nem provas algumas de que não haviam sido soldados que tivessem feito fogo d'essas casas.

Depois do ultimo soldado belga se ter retirado e cessado toda a resistencia, os habitantes que restavam foram levados como um rebanho para o centro da sua arruinada cidade e cercados pelas tropas, cujo commandante lhes dirigiu uma longa allocução em francez, dizendo que a Allemanha não «estava em guerra com a Belgica», mas que iam ser submittidos á lei militar allemã e que qualquer ataque ás tropas seria punida com a morte.

N'esse momento, um tiro de pistola soou e o official cahiu ferido; oito pessoas, do meio das quaes parecia ter partido o tiro, foram agarradas e executadas, embora todas ellas affirmassem que não tinham feito fogo.

Era o principio do reinado do terror que ia tornar-se o papel da obra allemã na Belgica, augmentando em ferocidade á medida que os invasores viam falhar os seus planos e refinando em taes actos de vandalismo, tão numerosos e tão terriveis, que a sua narrativa forma uma secção completa da historia da guerra.

A referencia que fazemos ao reinado do terror como sendo o papel da obra allemã na Belgica baseia-se n'uma communicação official allemã, enviada, pela telegraphia sem fios, de Berlim. Essa communicação dizia :

«A distribuição de armas e munições entre a população civil da Belgica foi feita systematicamente e as auctorida-

des incitam o povo contra a Allemanha, fazendo circular falsos relatorios. Estão sob a impressão de que, com o auxilio dos francezes, poderão fazer sahir os allemães da Belgica no prazo de dois dias. O unico meio de prevenir ataques de surpresa da parte da população civil foi interferir com a maior severidade e dar exemplos, que pelo seu rigôr fôssem um aviso para todo o paiz.»

As palavras com que abre essa communicacão eram uma refalsada mentira, porque os commandantes allemães em campanha tinham visto, todos elles, as proclamações do governo belga nas povoações que haviam destruido, aconselhando os habitantes a não tomarem parte na lucta por amôr dos seus proprios parentes ou dos seus vizinhos ; e essa communicacão — feita com a maior complacencia por um governo que admittia ao invadir a Belgica uma desculpa para atrocidades inenarraveis commettidas sobre homens, mulheres e creanças — lança uma luz offuscante sobre o que os allemães de hoje consideram como sua «consciencia» nacional para horrorisarem o mundo civilizado.

CAPITULO III

O cerco e a tomada de Liége

O kaiser encontrou na Belgica um resolutivo antagonista, e, quando estalou a tempestade, os tres corpos do exercito do general Emmich, que se tinham posto em marcha ligeiramente equipados e municidados, descobriram que não era só um ataque á França atravez da Belgica, mas uma séria invasão d'este paiz que tinham de levar a effeito, ao mesmo tempo que a tomada da pequena cidade de Visé fazia derramar muito sangue e provocava uma inimizade que era de mau augurio para os seus projectos.

O bombardeamento de Liége começou de manhã cedo — uma sombria e quente manhã — no dia 5 d'agosto, tendo sido o avanço da artilharia coberto — como sempre succede nos movimentos allemães — por massas de cavallaria. Continuou ininterruptamente até ao dia 8.

Os allemães atacaram ao longo d'uma ampla frente, occupando ao norte as ruinas fumegantes de Visé, para fecharem a fronteira hollandeza, e ao sul uma consideravel distancia abaixo de Liége, mas a artilharia empregada não era ainda a pezada. As grandes peças de sitio não tinham chegado e os fortes levavam a melhor n'esse duello preliminar.

Então succedeu uma coisa surprehendente. Os generaes allemães, pensando que isso lhes daria uma victoria subita, empregaram enormes massas de homens, que atiraram para a frente, ao assalto. Nada conseguiram, porém, porque os belgas, por detraz das suas muralhas, faziam um

fogo mortifero contra o qual se quebrava o impeto allemão.

A' medida que o dia avançava, a batalha tornou-se mais violenta, pela simples razão de que as ondas de assaltantes se succediam uma a outra, a ponto de em frente de um dos fortes uma grande massa conseguir chegar junto dos fossos, para os quaes as peças não podiam fazer fogo.

Durante um breve espaço de tempo pareceu que podiam já cantar victoria e precipitaram-se ao assalto, mas para irem encontrar a morte, porque peças de proposito collocadas para tal fim os esperavam. Atraz d'elles, os seus camaradas haviam sido mortos: elles foram ali massacrados, litteralmente.

As tropas belgas mostravam-se magnificamente adextra-das. Muitas das ondas assaltantes dos allemães só eram derrubadas pelo fogo de fuzilaria a pouca distancia e quando conseguiam approximar-se de mais eram recebidas á carga c'ê bayoneta. Os allemães tinham um medo enorme d'essas cargas. Muitos voltavam costas e fugiam, outros erguiam as mãos e rendiam-se, os restantes eram mortos.

Contrasta o ataque de Liége com o mais rapido methodo adoptado cóntra os fortes de Namur. As primeiras noticias recebidas em Inglaterra vieram no fim d'um longo telegramma descrevendo o continuo avanço do exercito allemão para Paris, nas seguintes palavras: «Elles (os allemães) investiram Namur parcialmente e abriram fogo sobre os seus fortes com a artilharia pezada.» Era esse o unico meio a adoptar para atacar uma fortaleza. A primeira coisa a fazer para a investir é abrir n'ella uma brecha. Depois ha tempo de fazer penetrar massas de infantaria atravez d'essa brecha.

Em Liége, as massas de infantaria foram atiradas contra uma muralha intacta. Em Namur o fogo das peças pezadas tinha rompido a muralha em muitos sitios quasi

que simultaneamente. Eis porque tão difficil foi aos allemães avançar em Liége, como facil lhes foi alcançar victoria em Namur.

A fieira dos fortes de Liége tinha cincoenta e tres kilometros de circumferencia e cada um d'elle estava situado a cêrca de seis kilometros e meio da cidade e de dois e meio a quatro kilometros uns dos outros.

Assim, o intervallo entre cada um era demasiado extenso para ser defendido por uma guarnição tão fraca numericamente como a que estava sob o commando do general Leman. Verdade seja que durante as ultimas phases do combate, quando o ataque allemão se desenvolvia apenas n'uma estreita frente, a extraordinaria mobilidade das forças belgas, correndo d'um lado para o outro em curtas linhas interiores de comunicação, as habilitava a oppôrem um fogo vivissimo de artilharia e de fuzilaria ao avanço allemão e até a precipitarem-se sobre as fileiras dos assaltantes e pôrem-nas em debandada com as suas cargas de bayoneta.

Mas essa vantagem foi perdida logo que a area do ataque allemão abrangeu tantos fortes que força alguma podia abandonar o que estava defendendo para correr em socorro de outro. Foi n'esse momento que a necessidade de retirar as forças de campanha se tornou evidente para o general Leman, que quiz sustentar-se só côm as dos fortes.

A esse tempo já as 400 peças que representavam o armamento total dos fortes eram excedidas em duas vezes o seu numero e alcance pela artilharia pezada que os allemães tinham assestado e o ultimo reducto de Liége em breve perdia a esperanza de poder ser mantido. Tudo o que o general Leman podia esperar fazer — e conseguiu fazel-o — era retardar o avanço allemão o mais que pudesse e proceder de modo a que os fortes ao cahirem nas mãos do inimigo não fôssem mais do que um montão de ruinas.

As contradicções das narrativas publicadas na ocasião concernentes á resistencia offerecida pelos fortes foram principalmente devidas á confusão entre os grandes e pequenos fortes. Da fieira de doze, tres ao norte e a leste, chamados Pontisse, Barchon e Fléron, e tres a oeste e sul, chamados Loncin, Tlémalle e Boncelles, eram grandes e bem artilhados. Os outros seis eram relativamente pequenos e pouco importantes como auxiliares, apesar do que, se tivessem tido a necessaria guarnição, teriam continuado a ser, como o haviam sido a principio, d'um grande valor para a linha de combate e para a linha de communição entre os grandes fortes.

Não tinham, porém, quando isolados, a força sufficiente para resistirem a um sitio com a artilharia moderna; e se considerarmos Liége como uma fieira de fortalezas, só os seis fortes cujos nomes acabamos de citar merecem tal designação. Todos esses fortes haviam sido contruidos sob o mesmo plano, sendo triangulares na fórma, com um reducto de cada lado e canhões a cada canto.

No centro do espaço interior havia uma torre de aço com duas howitzers de 6 pollegadas, e em volta d'esse espaço quatro outras torres de aço todas armadas com canhões de 5 pollegadas. Todas essas torres estavam ligadas por um solido bloco. Aos cantos do triangulo, canhões, como egualmente canhões havia em torres giratorias.

Na epocha em que haviam sido construidos, esses fortes eram inexpugnaveis e resistiam á artilharia de então, mas os canhões de sitio que os allemães assestavam contra elles eram muito mais poderosos do que os conhecidos n'esse tempo.

Para se comprehenderem alguns dos curiosos incidentes que se deram nos primeiros ataques a Liége é preciso lembrar que os mesmos secretos preparativos que tão bom resultado tiveram no Luxemburgo haviam tambem sido feitos em Liége. Em muitas casas occupadas por homens de quem se não suspeitava, mas que eram agentes allemães

secretos, foram encontradas milhares de espingardas e de equipamentos, para se armarem os allemães que entrassem na cidade desarmados.

Foi essa circumstancia, em parte coroada de exito, que esteve quasi a custar a vida do general Lemán na occasião em que o coronel Marchand foi morto no principio do cêrco, porque deu azo a que um bando de allemães armados cercasse, disfarçadamente, a casa onde o commandante de Liége estava conferenciando com o estado maior.

Varias narrativas se tem feito da lucta que se travou, mas todas concordam em que foi n'ella que morreu o coronel Marchand e que foi um official de constituição herculea que salvou o general, fazendo-o transpôr a parede de uma fundição contigua.

Foi a descoberta da presença de inimigos occultos em Liége que levou o general Lemán a armar a cilada em que foi aniquilado um bando de allemães e preso um outro bando.

Das confusas narrativas dos sangrentos combates na noite de 7 de agosto um facto parece resaltar, innegavel: é que enquanto os allemães pediam um armistício, allegando que era para enterrarem os seus mortos, entravam as suas tropas na cidade, seguindo-se uma lucta feroz nas ruas, em resultado da qual a maior parte da guarnição belga retirava na melhor ordem.

Infortunadamente, como em Visé, muitos dos habitantes haviam tomado parte activa na lucta; para se vingarem, os allemães mataram os homens, as mulheres e creanças que lhes cahiram nas mãos. Não ha sequer a menor duvida de que para tal massacre foram dadas ordens superiores. Uma communicacão semi-official, provida de Berlim no dia 9, dizia:

«Conforme noticias recebidas ácerca das operações em volta de Liége, a população civil tomou parte na lucta e as tropas allemãs e os medicos das ambulancias foram feridos de emboscada. . . E' possivel que estes factos sejam

devidos á população mixta dos centros industriaes, mas é tambem possivel que a França e a Belgica estejam preparando uma guerra de franco-atiradores contra as nossas tropas. Se tal se provar por factos ulteriores, os nossos adversarios são responsaveis se a guerra alastrar com rigor até á população culpada. As tropas allemãs estão habituadas a combater contra tropas de um Estado inimigo e não podem ser censuradas se em defeza propria não derem quartel».

Preparava-se assim uma desculpa para as barbaridades que as tropas allemãs iam commetter. Era no dia 9 de agosto que em Berlim o governo do kaiser proclamava que «os adversarios seriam responsaveis pelas atrocidades commetidas», visto «estarem preparando uma guerra de franco-atiradores», e já no dia 7, dois dias antes, o governo allemão tinha pleno conhecimento das atrocidades commettidas pelas suas tropas em belgas desarmados, em Liége, onde era geral o massacre de todos os que lhes cahiam nas mãos, homens, mulheres e creanças.

De todos os meios lançavam mão os allemães. Provou-se que no dia 6 de agosto, deante de um dos fortes, elles surprehenderam uma partida de soldados belgas occupados em cavar entrincheiramentos. Estando desarmados, os belgas hastearam a bandeira branca; os allemães continuaram a fazer fogo sobre elles. No mesmo dia, em frente do forte Loncin, parte das tropas allemãs hastearam o signal de se renderem e abriram fogo em fileiras cerradas sobre os soldados que os belgas tinham mandado para os aprisionarem.

Tal procedimento contrasta com o espirito guerreiro da Belgica. Victima d'um ataque que não fôra provocado, mal preparada para a tempestade que sobre ella ia desabar, deu ao mundo um exemplo que electricizou a Europa. Que na excitação de momento ferisse com as duas mãos o invasor, não tendo em conta que as leis da guerra apenas permittem o emprego de tropas — porque o governo

belga não tivera tempo de affixar nas povoações avisos aos civis para não tomarem parte no conflicto — era uma ligeira offensa que um inimigo generoso desculparia. E para um inimigo generoso a vida dos belgas não combatentes seria respeitada.

Mas não era esse o processo allemão e das pessimas consequencias que advieram da brutalisação da guerra na Europa o governo do kaiser é unica, directa e exclusivamente o responsavel.

O general von Emmich era, n'essa occasião, o commandante em chefe do exercito allemão do Mosa. Tinha estado anteriormente no comando do 10.^o corpo de exercito no Hanover, e este, com o 7.^o corpo, era a parte da força empregada para executar as ordens que evidentemente lhe tinham sido dadas para se apoderar de Liége rapidamente, a todo o custo. Empregou 88.000 homens no primeiro dia, numero que subiu a 120.000 no segundo, contra os 22:500 belgas que os allemães sabiam ser impotentes para defenderem a fortaleza; nada mais natural do que ter determinado, mesmo sem ordens explicitas de Berlim, varrel-os do seu caminho como um preliminar do rapido avanço atravez da Belgica para a fronteira franceza.

Os seus officiaes suppunham certamente que tinham de executar uma tarefa facil — uma tarefa para rir, como um d'elles, prisioneiro, declarou mais tarde — e entraram na acção na melhor disposição de espirito. Grande deve ter sido o seu desapontamento quando viram que o 7.^o corpo de exercito, depois de concentrar o seu ataque sobre os tres fortes orientaes Barahon, Évegnée e Fléron — era recebido com um fogo de artilharia tão devastador e um tão nutrido fogo de fusilaria das trincheiras e das barricadas que tinham sido erguidas deante d'esses fortes, que teve de recuar.

O alcance da victoria ganha pelos belgas na resistencia ao primeiro choque allemão foi incalculavel. Não só destruiu um grande factor do plano do kaiser para a

conquista da França — pois elle acreditava, como dizia, que atravessaria a Belgica com a maior facilidade — como perdia um tempo precioso, visto que essa conquista devia concluir-se antes da Russia lhe poder prestar auxilio.

Outra consequencia não menos importante foi a de fazer ruir a reputação de invencivel que o exercito do kaiser tinha. Havia-se supposto que os officiaes allemães eram prodigios de efficiencia militar e que as tropas que elles commandavam eram as mais perfeitas machinas combativas que o genio humano e a «perfectibilidade» podiam crear. Mas em Liége os commandantes allemães mostraram ser incompetentes e os seus homens inaptos com a espingarda e terem um medo invencivel das bayonetas.

O general von Emmich esforçou-se por se apoderar com rapidez de Liége para continuar a sua marcha para Paris e quando o 7.º corpo de exercito foi reforçado pelo 10.º e pelo 9.º e seis dos fortes foram simultaneamente atacados nem por isso os resultados que se seguiram ao assalto em fórma foram melhores sob o ponto de vista allemão.

O terem os belgas detido 120.000 homens das melhores tropas allemãs durante dias, n'uma lucta terrivel, foi um esplendido feito d'armas.

Von Emmich partilhava a opinião allemã de que uma fortaleza como Liége podia ser tomada se se arrojasse contra ella um numero elevado de homens. Mas no terceiro dia do assalto o resultado obtido não foi melhor do que nos anteriores, a não ser o facto de uma divisão de cavallaria allemã, que tinha atravessado o Mosa, ser surpreendida e varrida pela brigada mixta belga, e o 9.º corpo de exercito, assim como o 7.º e o 10.º terem enormes perdas computadas por alguns em 25.000 homens, mais do que toda a guarnição belga.

Que o assalto não dera resultado demonstra-o o pedido, feito pelos allemães, de um armisticio de 24 horas, para enterrar os mortos e recolher os feridos, pedido que não foi attendido, não por deshumanidade da parte do ge-

neral Leman, mas por desconfiança — aliaz justificada — da lealdade germanica.

Na noite do fatidico dia de agosto em que a cidade foi tomada e os fortes de Barchon, E'vegnée, Fléran, Chaudfontaine, Embourg e Boncelles bombardeados ao mesmo tempo, um contra ataque dos belgas foi coroado de brilhante exito.

Foi dado das alturas de Wandre, posição a oeste de Barchon, que era o forte mais ao norte dos então cercados. Era de facto um assalto aos postos avançados do flanco direito dos allemães e os belgas conseguiram matar muitos e repellir outros para o norte, para longe do grosso do exercito, fazendo-os internar em Maestricht. D'ahi, foram mandados, diz-se, pelas auctoridades hollandezas para Aix-la-Chapelle.

No mesmo dia, no outro extremo da linha semi-circular de batalha, no lado esquerdo do avanço allemão, a guarda civica de Liége alcançava uma brilhante victoria e fazia malograr um ataque ao forte de Boncelles. Essa victoria levantava uma questão internacional, porque os allemães continuavam a insistir em considerar a guarda civica como composta de não-combatentes.

Um outro successo d'esse dia foi o do castello de Langres.

Ahi, os belgas fizeram um simulacro de resistencia antes de retirarem, e quando os allemães, julgando-se victoriosos, penetraram no edificio, uma terrivel explosão cobriu durante momentos o proprio ruido do troar da artilharia que estava batendo os fortes. O castello tinha sido minado e ia pelos ares.

N'esse dia, os belgas alcançavam victoria em todos os pontos, tendo feito muitos prisioneiros, tomado sete canhões e derrotado por completo o corpo de Brandenburgo.

A brilhante defeza de Liége deu á cidade a mais alta recompensa que o governo francez pode conceder. Ante-

cipando-se ao impulso da gratidão e admiração que tão heroicos feitos despertavam não só em França, mas em todo o mundo civilizado, o presidente da Republica Franzeza enviava, a 7 d'agosto, a seguinte mensagem ao rei da Belgica :

«Tenho a maior satisfação em annunciar a Vossa Magestade que o governo da Republica condecorou com a Legião de Honra a valente cidade de Liége.

Deseja assim honrar os corajosos defensores d'essa praça e todo o exercito belga, com o qual desde esta manhã o exercito franzez derrama o seu sangue no campo de batalha.

Raymond Poincaré.»

Para a nação belga, muitos nomes, tanto de regimentos como individuaes, foram consagrados como dignos de emparelharem com o do general Lemane na lista dos que souberam defender até ao ultimo transe a honra da nação. A coragem da 13.^a brigada mixta ficará sempre como uma recordação permanente de bravura.

As successivas cargas de um simples esquadrão de lanceiros belgas contra seis esquadrões de cavallaria allemã são outro brilhante episodio que nunca será esquecido. Quanto a heroes individuaes, desde o coronel Marchand, que deu a vida pelo seu chefe, até Private Demolin, que, sósinho, se precipitou contra os allemães á bayoneta e voltou a são e salvo depois de ter morto quatro, ha, só em Liége, os sufficientes para satisfazerem o orgulho d'uma nação.

Mas Liége não podia resistir ao numero esmagador de homens que os allemães arrojaram sobre ella e aos terribes morteiros de 42 centimetros, monstros como nunca se tinham até então visto e cujo effeito era horroroso, pois os homens que estavam nos fortes por elles bombardeados não eram só mortos ou feridos, eram esmagados, reduzidos litteralmente a pó.

A defeza não podia ser mais brilhante, nem melhor sustentada. Quando chegou o momento em que o general Léman viu que lhe era impossivel continuar a resistir, mandou retirar 40.000 homens a fim de se irem reunir ao exercito belga em operações, ficando elle como governador militar de Liége, para tratar de defender os fortes pelo tempo que ainda fôsse possivel e exercer influencia moral sobre a guarnição. E' esta a explicação da decisão por elle tomada e que deu n'uma carta escripta do captiveiro ao rei Alberto.

Os fortes foram, um a um, e depois de reduzidos a um montão de ruinas, occupados pelo invasor, e o general Léman, depois de destruir todos os mappas, planos e papeis relativos á defeza e ter mandado encravar as ultimas tres peças que restavam no forte Loncin, onde estabelecera o seu quartel general, preparava-se, com os poucos homens que lhe restavam, para o abandonar, quando foi sepultado sob os escombros de uma explosão provocada por um projectil allemão, dizem os allemães, por ordem do general, dizem os belgas.

Encontrado, ainda respirando, no meio das ruinas, e reconhecido, foi aprisionado e levado n'uma ambulancia para a cidade, já então em poder do invasor. Voltando a si, foi conduzido á presença do general von Emmich.

O encontro foi commovente.

Estendendo-lhe a mão, o general allemão disse-lhe:

— General, defendeu com a maior valentia e nobreza os seus fortes.

O general Léman respondeu:

— Agradecido. As nossas tropas conquistaram bem a sua reputação.

E, com um sorriso, acrescentou:

— A guerra não é como as manobras.

Referia-se assim ao facto do general allemão ter pouco tempo antes assistido ás manobras do exercito belga.

CAPITULO IV

Ataques na Belgica -- O avanço sobre Bruxellas

A situação na Belgica nos dias que se seguiram ao re-bentar da guerra era deveras perigosa. Os fortes de Liége defendiam os principaes caminhos da Allemanha para a costa, mas Liége não podia resistir por muito tempo — e resistiu ainda mais do que se esperava, — a um ataque violento. E, cahindo Liége, não havia mais fortalezas entre a fronteira germanica e Antuerpia.

Bruxellas era uma cidade aberta e a lucta para a sua conquista devia travar-se, não nos seus suburbios, mas em campo raso nos proximos districtos de Aerschot, Diest, Louvain e Wavre. Se a Allemanha tentasse conquistar a Belgica, era evidente que, por maior que fôsse o esforço dos belgas, se não fôsse auxiliados, a não poderiam salvar.

A esperança da nação fundava-se em duas possibilidades : a chegada de immediato auxilio da Inglaterra e da França, ou a probabilidade dos exercitos allemães avançarem, não para a costa, mas a direito para Paris. O caminho para essa capital fica a oeste. Por isso, embora dia a dia as noticias da frente da batalha dessem como imminente a tomada de Liége, a população da Belgica do norte tinha a esperança de que os seus lares escapariam aos horrores da dominação estrangeira.

A região da fronteira franco belga entre o Lys e o Yser e o valle do Somme abaixo de Amiens parecia ser o caminho mais a direito para o avanço sobre Paris, que parecia

dever, assim, ser limitado pela linha Liége-Bruxellas-Lille-Amiens. Não era verosimil que os allemães desviassem grandes forças desde que conseguissem o seu objectivo principal. D'ahi, o parecer que a região do oeste e ao norte da linha indicada escaparia realmente a uma occupação effectiva até depois do avanço sobre Paris ter sido coroado de exito, ou ter falhado.

Se os belgas tivessem tido tempo, em poucos mezes teriam organizado e treinado um exercito de meio milhão de homens, os quaes teriam repellido os allemães, com o auxilio dos francezes e dos inglezes. Mas faltava-lhes o tempo para isso. As suas fronteiras corriam, de Visé ao Luxemburgo, proximo das da Allemanha. Os caminhos de ferro de Dusseldorf, Colonia e Coblantz transportavam em poucas horas para o territorio belga fortes exercitos, e, em cada estação da fronteira, os comboios com tropas desembocavam uns apoz outros.

Os aquartelamentos principaes em Aix-la-Chapelle estavam quasi á vista do solo belga. A Allemanha fizera todos os preparativos para se apoderar da Belgica de subito. Mesmo antes da guerra estar declarada, as tropas allemãs transpunham a fronteira. Abstrahindo das forças necessarias para guarnecer as fortalezas de Namur e de Antuerpia, a Belgica apenas podia pôr em linha de combate, apoz a queda de Liége, um exercito de cêrca de 110.000 homens, para guardar o caminho para Bruxellas e para o norte. Contra elles, os allemães podiam empregar 250.000 homens e mesmo mais se necessario fôsse.

Os belgas julgavam que os inglezes e os francezes acorreriam immediatamente em seu auxilio. Todos os dias, no começo da guerra, grandes massas de povo estacionavam na praia de Ostende, armados muitos dos curiosos de binoculos de grande alcance, procurando no horisonte os primeiros signaes da chegada dos expedicionarios inglezes. A cada inglez que era encontrado perguntavam constantemente :

— Então, quando chegam as tropas do seu paiz ?

Quando foi recebida a noticia de que uma força expedicionaria sahira de Inglaterra, os jornaes de Bruxellas noticiaram que ella estava desembarcando em Zeebrugge e Ostende e que em breve estaria a combater no Mosa. Por mais d'uma vez a multidão se dirigiu para a gare do Norte em Bruxellas, ao correr o boato de que tinham chegado os inglezes, para lhes fazer uma calorosa recepção.

Os belgas confiavam egualmente no auxilio francez. Presumiam que os exercitos francezes concentrados entre Namur e Verdun se poriam em marcha para leste, em direcção ao grão-ducado do Luxemburgo. As esperanças belgas da cooperação d'esse paiz eram animadas pela apparição de officiaes do estado maior francez, em Bruxellas, e de cavallaria franceza em certa força, de Longwy para o norte até Gembloux.

Corriam boatos de que os francezes estavam avançando em força para leste de Namur ao longo das margens do Mosa para Liége. Sabia-se que estavam fortificando a posição estrategica triangular entre o Sambre, o Mosa e Namur.

O povo belga sabia que o seu exercito era de per si insufficiente para offerecer uma resistencia demorada a um ataque allemão. Comtudo, não diminuiu isso a sua resolução em combater até final. Uma onda de patriotismo fez erguer a nação, que relegou para um plano secundario todas as questões partidarias. O rei soltou o grito de «A's armas!» e apontou o caminho para as trincheiras.

Tornou-se, no espaço d'uma hora, o idolo popular e aquelles mesmo que eram inimigos da monarchia diziam :

— Se fizessemos da Belgica uma republica, queriamos Alberto para nosso primeiro presidente.

Os socialistas, um poderoso e numeroso grupo, que anteriormente defendia a causa do pacifismo e combatia reforma do exercito, eram agora os primeiros voluntarios

a alistarem-se para a guerra. O presidente do conselho pediu a cooperação de todos os partidos. Vandervelde, o *leader* socialista, foi convidado para uma pasta e expressou os sentimentos do seu partido quando declarou que os trabalhadores defenderiam o seu paiz, quando atacado, com o mesmo ardor com que anteriormente haviam defendido as suas liberdades. *O Povo*, o órgão do Partido do Trabalho, chamou os trabalhadores ás armas: «Porque — dizia elle — sendo irreconciliaveis anti-militaristas, gritamos bravo! do fundo do coração a todos os que se offerecem para a defeza do paiz? Porque é não só necessario proteger os lares e as casas, as mulheres e as creanças, mas é tambem necessario proteger á custa do nosso sangue a herança de liberdade que recebemos.

«Vão, filhos dos trabalhadores, vão alistar-se. Preferimos morrer pela ideia do progresso e solidariedade da humanidade a viver sob um regimen cuja força brutal e selvagem violencia calçou o direito.»

Emquanto as tropas allemãs estavam investindo Liége, os belgas preparavam-se para uma encarniçada defeza nacional. O exercito estava já nos seus postos, as reservas tinham sido convocadas, a guarda civica estava sendo armada, e as cidades e aldeias ao sul de Bruxellas, de Hasselt a Gembloux e Namur, estavam-se fortificando. Em muitas aldeias os camponezes, ao mesmo tempo, faziam as colheitas. Levavam para os campos as armas que tinham, velhas espingardas e carabinas, armas caçadeiras, pistolas, enfim tudo o que possuíam.

Os que não tinham armas de fogo levavam navalhas. Uniam-se em bandos e formavam uma guarda local. Estrangeiro algum passava sem responder a um interrogatorio e sem justificar com documentos a sua profissão.

«Todos os caminhos estavam guardados — escreveu o correspondente d'um jornal que tentava n'essa occasião alcançar a frente de batalha. — Posso dizer que tive de parar durante uma jornada de 70 kilometros nada menos

de 52 vezes á ordem da policia, da guarda civica, de soldados, e, finalmente, até de camponezes. Estes apresentavam-se armados com as mais variadas armas, exemplares como nunca vi em muzeu algum. Muitos traziam bayonetas que com certeza foram apanhadas em Waterloo. Ordenavam em mau francez e flamengo ao viajante que parasse e pullulavam em volta do carro com a firme convicção de que elle era um espião. Passaportes assignados pelas mais altas auctoridades civis e militares do paiz muitas vezes de pouco serviam».

A desconfiança do espião tinha-se espalhado pelo paiz e havia realmente motivo para tal. Homens que tinham vivido em differentes povoações durante annos como negociantes desappareciam de subito, para voltarem mais tarde como guias do exercito allemão. Outros eram descobertos tentando cortar o telegrapho e os caminhos de ferro ou esforçando-se, servindo-se de pombos correios ou de outros meios, para se pôrem em communicação com os allemães na fronteira. Alguns disfarçavam-se em frades ou freiras, outros em curas, outros ainda em telegraphistas. A repartição de espionagem allemã provou a sua efficacia nos primeiros dias da guerra. O levantamento dos camponeses, admiravel como revelação do espirito nacional, era inutil sob o ponto de vista de constituir uma força combativa real. Grupos de civis mal armados e mal exercitados não podem offerecer uma resistencia effectiva a tropas regulares. Os camponezes belgas aprisionaram um certo numero de uhlanos isolados, dando assim pretexto ás atrocidades commettidas pelas allemães.

Em breve as proprias auctoridades lhes pediram para desistirem do seu intento. Os commandantes allemães tinham feito saber que não concederiam quartel aos civis que pegassem em armas e que os tratariam e «aos districtos onde elles operassem» com o maior rigor. Para os civis em geral havia apenas uma penalidade pela sua resistencia — a morte. Os proprios guardas civicos, em-

bora uniformizados como estavam, eram tratados como civis e executados em massa quando aprisionados com as armas em punho.

As auctoridades belgas affixaram editaes em todo o paiz aconselhando a população civil a que não resistisse ás tropas allemãs. O levantamento dos camponezes não fez retardar uma hora sequer o avanço do exercito allemão. Findou quasi tão depressa como começára, mas não antes de grande numero de homens e rapazes de todas as edades terem sido sacrificados no Brabante, em Namur, em Liége e no Luxemburgo belga. Serviu apenas a demonstrar d'um modo irrefutavel que a resistencia a um inimigo poderoso deve ser organizada com antecipação.

O pequeno exercito belga aproveitou o tempo de demora que os allemães tiveram em frente de Liége para tomar disposições que lhe dessem vantagens. Toda a região do sul estava preparada para a resistencia. Vagons cheios de dynamite estavam promptos a ir pelos ares á primeira voz. Astutas emboscadas foram preparadas nas estradas para os uhlanos, dispondo-se quasi que invisiveis rêdes de fios de ferro dos dois lados d'ellas, de modo a deitar cavallos e cavalleiros por terra. A região do sul de Louvain preparava-se para uma guerra de guerrilhas, para o que se prestava, por ser coberta de bosques e portanto magnifica para occultar pequenos bandos de tropa.

A resistencia do general Léman e da guarnição em Liége deu alguns dias de treguas ao exercito belga. Liége era o principal centro de caminhos de ferro para as linhas do sul, pois que o caminho principal a atravessar e as importantes pontes para transpôr o Mosa estão ao alcance dos seus canhões. Quando as tropas belgas cortaram a ponte de Visé nas primeiras horas de guerra, os allemães tentaram construir pontões para atravessarem o rio. Os seus primeiros esforços não foram coroados de exito. Em Visé construíram nada menos de vinte pontões, destruidos immediatamente, á medida que iam sendo lançados, pelos

canhões dos fortes de Liége. Uma ponte foi, contudo, construída perto da fronteira hollandeza e forças consideráveis puderam por ella passar. Enquanto os allemães estavam esperando, em volta de Liége, a chegada dos seus grandes canhões de sitio que iam destruir os fortes, uma grande força — nada menos de cinco corpos de exercito — penetrava na região do sul do rio. Uma divisão de cavallaria transpuzera o rio e percorria toda a região. Seguindo o plano que tanto exito dera na guerra franco-prussiana, pequenos bandos de uhlanos, hussards e couraceiros eram mandados em todas as direcções para o norte. Muitos d'elles estavam aparentemente mal equipados para a sua tarefa. Não iam munidos de mappas e pareciam não ter plano algum definitivo a não ser o de marcharem até entrarem em contacto com os belgas. Levavam muito pouco alimento. Provavelmente tinha-se resolvido que procurassem os generos de que necessitassem no paiz. Muitos d'elles foram aprisionados e muitos outros mortos.

E' possivel que a dispersão d'esses bandos isolados fôsse feita propositadamente, não só para estarem em constante contacto com o inimigo, mas ainda para darem aos belgas uma ideia falsa da preparação allemã. E' bem conhecido o principio da estrategia allemã de fazer um simulacro de fraqueza até estarem completos os preparativos que habilitem um exercito a apresentar-se em toda a sua força. E, se a cavallaria allemã era derrotada em alguns logares, levava o terror a outros.

Em breve a reputação dos uhlanos se espalhou por centenaes de aldeias, como a de homens que nada respeitavam, matando homens e creanças, violentando mulheres, incendiando casas, sem piedade e sem dó. Escusado nos parece dizer que obedeciam a ordens superiores, as quaes os mandavam não só reconhecer as forças com que tinham a haver-se, mas espalhar o terror, a fim de que o avanço não fôsse retardado. A região entre Liége

e Louvain offerecia um sombrio quadro n'aquelles primeiros dias de guerra.

As seáras estavam em estado de maturação, mas não havia homens para proceder ás colheitas e as mulheres e as creanças tinham fugido para o norte. Nas aldeias muitas casas haviam sido destruidas pelos proprios belgas, para privarem o inimigo de qualquer recurso, ao passo que outras tinham sido incendiadas pelos allemães. Cada estrada tinha barricadas, e, atraz de cada linha de arvoredo e de moitas, pequenos bandos de soldados e guardas civicos estavam emboscados.

Muitos d'esses bandos eram reservistas que tinham sido convocados quasi sem aviso -- chefes de familia cujos corações estavam cheios de anciedade pelos seus. — Davam, comtudo, signaes evidentes de que a antiga coragem dos homens da Flandres ainda n'elles se não extinguiu. A disciplina era frouxa, os conhecimentos militares em muitos casos poucos, e estavam mal preparados para o violento trabalho que tinham de executar de dia e de noite, mas ninguem lhes podia negar coragem e zelo.

Muitos regimentos eram acompanhados por padres, que exhortavam os soldados a combater pelo seu paiz e pela sua fé.

As esposas e amigos dos soldados visitavam-nos, levando-lhes alimentos e tabaco. Esses homens estavam combatendo, muitos d'elles exactamente pelos seus lares, quasi á vista das proprias familias. Não hesitavam, comtudo, em sacrificar tudo o que entendiam que podia auxiliar o inimigo. Os carris dos caminhos de ferro eram arrancados, as pontes destruidas, os tunneis obstruidos com locomotivas que se faziam descarrilar, fazendo ainda saltar outras dentro d'elles, de modo a formar um montão de destroços impossivel de remover.

Os belgas, a principio, serviram-se de aeroplanos para operar reconhecimentos. Mas os camponezes e voluntarios faziam fogo sobre todos os aeroplanos que viam, o que

levava a crêr que, assim, dariam cabo de muitos aeroplanos belgas.

Ordens foram dadas para se acabar com tão estúpido systema de fazer fogo. Gradualmente, os «Taube» allemães entraram em acção e antes da tomada de Bruxellas os aeroplanos dos invasores tinham a supremacia do ar.

No fim da primeira semana as auctoridades militares belgas mostravam-se satisfeitas. Liége resistia ainda, apesar de cercada por tres corpos de exercito allemães. Em numerosas acções de menor importancia as tropas tinham dado provas do seu valor. A cavallaria, em especial, tinha-se distinguido pela sua bravura.

«Tudo está tranquillo. Tudo vae bem.» Tal a phrase que muitos labios proferiam.

Tinham até circulado boatos de que os allemães se estavam entrincheirando nas margens do Ourthe e no Luxemburgo, para protegerem a retirada.

A realidade era muito differente, porém. Os allemães tinham finalmente conseguido lançar uma ponte no Lixhe sobre a qual a sua cavallaria e a artilharia pezada passaram. Uma força consideravel de cavallaria tinha já atravessado o rio e fez um avanço preliminar enquanto a força principal tomava posições. No domingo, 9 d'agosto, duas divisões de cavallaria allemã, contando cêrca de 7.000 homens, apoiadas pela infantaria, puzeram-se em marcha para Hesbaye. A população de Tongres ficou surprehendida n'esse dia ao vêr um destacamento do inimigo atravessar a sua rua principal. Foi um panico subito e a população fechou-se á pressa e tratou de barricar portas e janellas, deixando as ruas desertas.

A cavallaria dirigiu-se para a camara municipal, sendo ahi dada ordem ao burgomestre para abrir o cofre e arriar a bandeira belga, que estava içada n'uma das janellas. O burgomestre recusou-se a arriar-a, o que os allemães fizeram.

Apoderaram-se do dinheiro do municipio, assim como

de 10.000 francos que encontraram no edificio dos correios. Pediram comida, que pagaram, e banquetearam-se na praça do mercado.

A cavallaria espalhou-se em diferentes direcções e teve recontros com as tropas belgas a todo o longo da linha de Saint Trond, Tirlemont, Osmael, Guxenhaven e outros pequenos logares.

As tropas allemãs eram acompanhadas por automoveis blindados, que produziam grandes estragos.

E' evidente que o seu proposito era apenas fazer reconhecimentos e não travar combates sérios, porque, depois d'algumas escaramuças, retiraram. Os belgas suppuzeram que os tinham derrotado e feito recuar.

No dia seguinte, chegou a Louvain, ao quartel general belga, a noticia de que uma força de 6.000 cavalleiros allemães estava em movimento para impedir a passagem para a fronteira hollandeza. N'essa mesma tarde os allemães tomavam Landen, 60 kilometros apenas a leste de Bruxellas. Um comboio de passageiros era detido, quando ahi chegou, por uma força do inimigo. Os allemães destruíram o telegrapho e os semaphoros do caminho de ferro.

Juntamente com os reconhecimentos da cavallaria eram agora vistos aeroplanos militares avançar e pairarem a grande altura sobre as posições belgas.

Outra acção se travou em Tirlemont, na qual houve uma brilhante carga de lanceiros belgas contra os uhlanos allemães. Os lanceiros derrotaram-nos, fazendo-os recuar. Mas os uhlanos allemães, recebendo reforços e com automoveis blindados, obrigaram por sua vez os belgas a recuar sobre a infantaria que os apoiava.

Hasselt foi theatro d'uma lucta encarniçada. Ahi, uma divisão de cavallaria allemã, apoiada por um batalhão de infantaria e doze peças, atacou uma força belga composta de uma divisão de cavallaria e d'uma brigada de infantaria. A povoação foi tomada e retomada tres vesez.

Tornou-se evidente que o plano do exercito allemão era seguir para o norte pela planicie entre Hasselt e Haelen e procurar envolver o exercito belga. Emquanto os belgas pudessem sustentar a linha que haviam tomado desde Hasselt até Saint Trond e Tirlemont, tudo ia bem. Mas essa linha em breve foi rôta e grandes forças allemãs atacaram Hasselt por um lado e Haelen e Diest por outro.

A 12 d'agosto, de manhã cedo, uma força de cavallaria allemã, avaliada em 10.000 homens, acompanhada por artilharia e alguma infantaria, pôz-se em movimento, de varias direcções, para Haelen e Diest. O paiz, n'essa região, é banhado por tres afluentes do rio Demer, o Hercke, o Gethe e o Velp.

Para chegar a Diest, era necessario atravessar o Gethe em Haelen. Os belgas estavam bem informados do avanço allemão e haviam formado o plano de o impedir. Foram levantadas barricadas e construidas trincheiras, collocando-se a artilharia de campanha em posições vantajosas.

Os allemães approximaram-se, cêrca das 11 horas da manhã, e estavam já a pouca distancia quando a artilharia belga abriu fogo sobre elles, que immediatamente repostaram.

Os belgas enviavam shrapnels com a maior precisão, produzindo grande estragos na cavallaria inimiga. A maior violencia e coragem se revelavam de ambos os lados.

A cavallaria belga tentou carregar os allemães, mas não o poudé conseguir por causa do accidentado do terreno. A cavallaria allemã por seu turno investiu a galope contra as barricadas. Ao approximarse, os canhões que estavam occultos abriram fogo sobre ella, varrendo-a. Não obsiante as perdas, os allemães caminhavam a direito sobre as barricadas, tentando tomal-as.

Não o conseguiram, porém, e depois de terem perdido tres quintas partes do seu effectivo viram-se forçados a

retirar. Outras forças allemãs tentaram avançar para Cor-tenaeken.

Travaram-se combates em muitas pontes sobre o rio. Em toda a parte o resultado foi o mesmo. Os proprios belgas eram os primeiros a reconhecer a grande coragem de que davam prova os allemães. N'um ponto onde os perseguiram, os allemães entricheiraram-se detraz d'um baluarte de homens e cavallos mortos. Comparados com os combates que em breve se iam ferir, os de Haelen e D'est parecem não ter importancia. Era, comtudo, um magnifico exemplo do que os soldados belgas, muitos d'elles reservistas chamados ás fileiras apenas uma quinzena antes, eram capazes de fazer. Muitos casos se contam acêrca do procedimento das tropas belgas. Vamos narrar apenas um d'elles:

«Uma prova notavel da bravura belga deu-a o procedimento do sargento Rousseau, de caçadores a cavallo. A' frente de oito homens carregou um esquadrão inteiro de uhlanos, que dispersou, deixando muitos mortos e feridos. A brava patrulha belga voltou triumphalmente para Haelen com doze magnificos cavallos como tropheus da sua façanha».

Houve uma lueta em Eghezee, 16 kilometros ao norte de Namur, onde um bando de 350 uhlanos chegou, precedido por 60 cyclistas, que se apoderaram á força de tres automoveis, um dos quaes pertencente a um medico da Cruz Vermelha belga. Os allemães acamparam na praça durante a noite, e de manhã um aviador belga, correndo para o logar onde haviam sido alojados os cavallos, fez fogo, revelando assim onde elles estavam a uma patrulha de cyclistas belgas, os quaes se precipitaram na direcção d'onde partira o tiro.

«Os cyclistas uhlanos — escreveu o correspondente especial do *Times* ao descrever a scena — que estavam já em marcha, ao avistarem os que chegavam, voltaram para traz o mais rapidamente que puderam, a fim de dar o

alarme. Foi geral o «salve-se quem puder». Muitos dos allemães estavam, n'esse momento, socegradamente nos cafés da aldeia de Boneffe, conversando com os aldeãos. Precipitaram-se para a estrada, fugindo de Eghezee, abandonando tudo, cavallos, carabinas, metralhadoras e até os automoveis que haviam requisitado. Os poucos homens que estavam de guarda aos cavallos, ouvindo o toque de corneta dos fugitivos chamando-os e vendo os perseguidores, cêrca d'uns trinta, dirigirem-se para onde elles estavam, atiraram-se sobre os cavallos e galoparam doidamente. Os belgas que estavam n'uma trincheira proxima, para onde tinham sido mandados uma semana antes a fim de se oppôrem ao avanço allemão, abriram fogo sobre os que fugiam. Mataram quatro ou cinco dos que estavam de guarda e aprisionaram uns trinta e cinco dos fugitivos, entre elles um tenente e, ao que se diz, um coronel, apoderando-se tambem de muitos cavallos».

Na sexta-feira, 14 d'agosto, annunciava-se oficialmente que tropas francezas haviam penetrado na Belgica por Charleroi e feito a sua junção com o exercito belga.

Tres officiaes francezes tinham sido addidos ao quartel general belga e dois officiaes belgas representavam o seu exercito nas tropas francezas. Os francezes avançaram para o norte de Charleroi em direcção a Wavre. Iam reforçar uma fortissima posição e numerosas acções se travaram entre a sua cavallaria e a allemã.

Seguiu-se uma pequena pausa. Os allemães, tendo reconhecido a força do inimigo, esperavam reforços. Algumas das suas patrulhas de cavallaria, caminhando ao longo da fronteira hollandeza, chegaram a 40 kilometros de Antuerpia, a Gheel e a Mall.

Ao atravessar a região, deixavam em ruinas muitas das aldeias por onde passavam.

Enforcavam ou fuzilavam todo o camponez suspeito de resistencia; voltavam ás povoações onde uhlanos isolados tinham sido mortos poucos dias antes e arrazavam-nas. A

minima suspeita d'um ataque aos allemães era sufficiente para se ser condemnado á morte. A politica do terror era semeada em tão vasta escala que não podia deixar de ser um plano deliberado e posto em execução em obediencia a ordens dimanadas dos quartéis generaes. O estado maior general allemão procedia provavelmente assim, não só para aterrorisar os belgas e quebrar qualquer resistencia dos civicos, como para provocar tal medo nos proximos districtos hollandezes que a população da Hollanda não permittisse ao seu governo o praticar qualquer acto contra um inimigo tão desapiedado.

O estado maior general belga continuava a publicar boletins tranquillizadores sobre a situação na frente, mas não tinha illusões ácerca do verdadeiro estado das coisas. Era evidente, hora a hora, que a posição de Bruxellas se tornava mais e mais critica.

Se os allemães tornassem a atacar em Diest e ficassem victoriosos não só Bruxellas ficaria a descoberto, mas todo o exercito de operações estaria ameaçado de ser feito prisioneiro. Bruxellas não podia ser defendida. Era facto que 20.000 guardas civicos tinham sido armados com espingardas Mauser e que os arredores da cidade haviam sido entrincheirados e protegidos com rêdes de arame farpado. Trincheiras guarnecidas por guardas civicos podiam ser d'alguma utilidade contra um *raid* de cavallaria ligeira, mas não tinham valor algum contra o avanço em força que, agora e cada vez mais claramente, se via que os allemães iam tentar. No dia 17, os allemães iniciavam o avanço. Uma grande força penetrou como uma cunha entre os exercitos francez e belga nas proximidades de Wavre. De Diest, de Tirlemont e d'um cento d'aldeias em redor vieram noticias de que os allemães estavam em movimento, contando-se por dezenas de milhares.

O exercito belga resistiu desesperadamente em toda a linha, mas era muito inferior em homens, em artilharia de campanha e em metralhadoras. Todas as aldeias tinham

sido transformadas em campos entrincheirados, com vagons atravessados nas estradas, rêdes de arame farpado estendidas nas estradas e trincheiras levantadas. Mas os allemães adoptaram uma tactica perante a qual todas as precauções eram inuteis. As aldeias eram primeiro batidas pelo fogo da artilharia. Quando a cavallaria belga tentava repetir as suas primeiras façanhas e carregar o inimigo, era recebida pelo fogo de metralhadoras collocadas em magnificas posições, que a varriam.

Ao menor signal de fraqueza, a cavallaria allemã carregava sobre ella.

Tirlemont foi theatro d'um vigoroso ataque. Poderosos canhões allemães bombardearam-na com grande resultado, depois de que a cavallaria carregou de subito. O avanço foi tão rapido e tão inesperado que grande numero de pacificos aldeãos, mulheres e creanças, não puderam fugir. Correndo atravez dos campos o mais depressa que podiam, era-lhes impossivel evitar a cavallaria allemã que os seguia, matando e acutilando mulheres e homens, trespassando creanças, cahindo sobre a posição n'uma carga irresistivel.

Tornou-se evidente que o exercito belga não podia sustentar-se nas suas posições. Maior demora representaria a sua destruição total. Alguns regimentos tinham sido varridos quasi que por completo, especialmente os de cavallaria. Duas brigadas mixtas receberam ordem para sustentar o choque do inimigo, custasse o que custasse, a fim de cobrirem a retirada em direcção a Antuerpia.

A derrota do exercito belga ao longo de toda a linha era completa e aterradora. A lueta travou-se no dia 17 d'agosto.

N'essa noite a retirada começou.

Em toda a parte a artilharia allemã quebrava a defeza dos belgas, os quaes eram forçados a recuar para Vertrycke, d'ahi para Corbeek Loo e d'essa povoação para Louvain, onde se haviam preparado para oppôr uma ul-

tima resistencia. Ahi, porém, uma consideração os demoveu de tal.

Pelo caminho por que tinham sido forçados a recuar, não podiam abrigar a esperança de em Louvain poderem deter o avanço allemão. E os allemães, perseguindo-os, iam decerto bombardear e destruir a cidade, incendiando-a talvez, como tinham feito a numerosas aldeias.

Para todos os belgas Louvain era uma cidade de preciosas recordações, olhada com veneração, digna de ser protegida de qualquer risco. A sua antiga universidade, as construcções do seculo XIV, a sua inapreciavel livraria, mereciam ser poupadas.

Obedecendo a esta consideração, o exercito belga retirou para além da cidade, deixando os allemães entrar sem opposição.

Imaginavam que assim salvariam a cidade, não contando com a selvageria dos commandantes allemães, que ia revelar-se d'um modo feroz.

A posição do exercito belga era insustentavel. Não podia ter esperança de fazer recuar os allemães. Permanecer em campo aberto por mais tempo era votal-o a uma destruição completa.

O espirito dos soldados estava um pouco abalado pelos terriveis ataques que tinham soffrido. O exercito estava separado do francez. Um unico recurso restava: abandonar Bruxellas e retirar para Antuerpia. A lucta tinha sido sustentada principalmente pela primeira, segunda e terceira divisões do exercito. As duas brigadas mixtas que cobriram a retirada sustiveram durante algumas horas um ataque formidavel feito pelos allemães entre Becquaboort e Gelrode.

Tem-se perguntado por que motivo o exercito francez, ficando nas suas linhas ao norte de Namur, não tentou, com um movimento de avanço, soccorrer o exercito belga.

Uma consideravel força allemã estava já em contacto permanente com os francezes. O ataque aos belgas foi tão

subito que não deram tempo a que os francezes pudessem correr em seu auxilio.

De resto, ha razão para crêr que os francezes, a esse tempo, não estavam ainda em força sufficiente ao norte de Namur para poderem fazer um avanço. Os principaes exercitos francezes estavam concentrados, não ahi, mas mais para o sul. Mesmo depois do exercito belga ter sido derrotado, o estado maior general francez acreditava que o avanço na Belgica não era mais que uma manobra simulada para desviar a attenção da frente da Alsacia Lorena. Crendo em tal, recusou-se, até o perigo no seu flanco esquerdo se manifestar aterrador, a alterar os planos que havia feito.

Bruxellas, a capital da Belgica, estava na convicção, desde o principio da guerra, de que os inglezes iriam em seu auxilio antes dos allemães chegarem e que um outro Waterloo se daria além dos suburbios da cidade, com o mesmo resultado da batalha ali pelejada 99 annos antes.

O estado maior continuava a publicar boletins tranquilisadores. A imprensa continuava tambem a animar a confiança do povo. Havia um certo receio, mas signal algum de fraqueza se manifestava.

Uma chamma de patriotismo se accendera e se manifestava em todas as classes. Se a dedicação e o sacrificio influissem no decurso das operações militares, com certeza que a Belgica teria vencido.

«E' uma guerra pelo lar e pela fé, no mais alto sentido da palavra — escreveu um observador que estava em Bruxellas n'essa occasião. — Uniu todas as classes, fez da nação um só homem. Os membros do clero da mais alta categoria prestam os seus serviços voluntariamente; as mulheres servem nos telegraphos, guiam carros, prestam toda a especie de serviços, em muitos casos sem remuneração. Nas aldeias as camponezas trazem pão e cerveja aos soldados, dando tudo quanto tem.

«Não acceitam dinheiro. E o mais pobre dos pobres

tem contribuido com o seu ultimo obolo, dedicadamente, para a defeza commum.»

Não foi ignorada por muito tempo a realidade da situação. A cidade estava agora recebendo os feridos da frente da batalha. Palacios reaes, hoteis, casas particulares, edificios publicos eram occupados por medicos e enfermeiros e longas filas de feridos chegavam, ou em automoveis espezias, ou em comboios. A rainha, a Cruz Vermelha e mulheres de todas as classes uniam-se na missão de piedade e auxilio ás victimas.

Além dos feridos, um outro exercito de victimas da guerra vinha recolhendo á cidade: os refugiados das aldeias e cidades destruidas pelos allemães que iam avançando. Muitos nada tinham e preciso era soccorrel-os. Outros traziam malas e cabazes em que se continha tudo quanto lhes restava do que haviam possuido.

Mães habituadas até ahí a uma vida de conforto viam-se forçadas a jornadaear com seus filhos, que tambem até então apenas haviam conhecido uma vida tranquilla e socegada, sem commodidades de especie alguma, com fome, chorando os seus lares destruidos, não sabendo o que fazer nem onde ir para obterem alimentação. Ali, eram camponezas que contavam como seus maridos e seus filhos, por terem ousado resistir ás vanguardas dos uhlanos, tinham sido enforcados nas arvores mais proximas.

Além, eram raparigas que relatavam como, nas suas aldeias, todos os homens tinham sido aprisionados, como refens, o parocho, o medico e o professor mortos, sendo os restantes levados para destino desconhecido.

Preparativos significativos se faziam para defeza da cidade. Tinha-se grande confiança na guarda civica, que se via exercitando-se nos parques e jardins. Entrincheiramentos estavam sendo levantados e barricadas se erguiam na calçada de Louvain, no Campo de Manobras e para além dos cemiterios. As auctoridades militares explicavam que essas precauções eram necessarias, porque alguns bandos

de uhlanos estavam proximos. Tinham sido cercados pelos belgas e alguns d'elles, obrigados a recuar, podiam cahir sobre a cidade, que precisava por isso ser protegida contra o perigo d'uma subita invasão. Tal invasão, porém, como se dizia officialmente, era absolutamente improvavel.

Comtudo, no dia 17 d'agosto, a gravidade da situação tornou-se evidente. Os fugitivos começaram a chegar em numero que augmentava de momento a momento. O governo julgou necessario estatuir formalmente sobre medidas a tomar para defeza local. Ao mesmo tempo nos jornaes appareciam noticias significativas, aconselhando a população civil a não tentar resistir ás tropas allemãs se ellas chegassem, e a ficar em suas casas, fechar portas e janellas e nada fazer que desse ao inimigo pretexto para um massacre ou exercer represalias.

A imprensa estava sujeita á mais rigorosa censura. Um decreto do dia 17 limitava as edições dos jornaes a duas por dia.

Mais tarde passou a ser apenas uma. Cada jornal, antes de ser posto á venda, tinha de ir á censura militar, que cortava o que lhe não agradava. Um jornal tentou dar noticia do que se estava passando. Foi immediatamente suprimido.

Na tarde d'esse mesmo dia tornou-se evidente ás autoridades que Bruxellas não podia defender-se e resolveu-se transferir a séde do governo para Antuerpia. O *Jornal Official* tentou diminuir a importancia de tal resolução na noticia publicada na manhã seguinte e que dizia:

«Em contrario ás provisões da lei de 1859, o governo conservou-se em Bruxellas durante a phase da guerra em que o nosso exercito era sósinho a oppôr-se ao inimigo. Agora, que os exercitos dos nossos amigos estão no nosso territorio, o governo julgou que a sua séde podia ser, sem inconveniente, transferida para Antuerpia, em

conformidade com o desejo d'aquelles que crearam essa grande posição fortificada.

«Não é porque os acontecimentos tenham maior gravidade do que teem tido até aqui. Ao contrario, as nossas tropas, apoiadas pela cavallaria franceza, teem alcançado novas vantagens. Mas, como é necessario que a transferencia seja feita normalmente e sem a mais ligeira interrupção na execução das funcções soberanas, o governo considerou preferivel começar a transferir os serviços dos varios ministerios emquanto familias dos ministros permanecem na capital.

«Alguns ministros, porém, fixaram residencia em Antuerpia, onde os serviços respeitantes á guerra ficarão melhor emquanto o exercito estiver em campo. Accedendo ao desejo do governo, sua magestade a rainha e os principes irão para o palacio de Antuerpia.

«Emquanto o rei permanecer entre os nossos valentes soldados a sua casa civil e militar continuará em Bruxellas.

«A pedido do governo muitos estadistas que exerceram já o logar de ministros, especialmente os da opposição, mudarão temporariamente para Antuerpia».

Já antes d'este aviso ter sido feito, os archivos militares haviam sido mandados em camions para aquella cidade. Os papeis do Estado e o thesouro seguiram o mesmo caminho.

Durante todas estas tempestuosas senas da tragedia que se estava desenrolando, Bruxellas conservava-se no auge da emoção. Dia a dia, durante a quinzena antecedente, a multidão juntava-se nas ruas e fazia manifestações ao mais ligeiro pretexto. Umas vezes, era o rei que sahia do parlamento, cavalgando o seu cavallo de batalha, para ir pôr-se á frente do exercito. Outras vezes, eram a rainha e os principes que seguiam a pé pelas ruas, recebidos em toda a parte pelas acclamações do povo. Outras vezes ainda, eram soldados que partiam para o sul, regulares e

voluntarios, corpos especiaes, todos elles cercados não só pelos seus proprios amigos, mas por tudo o que podia animal-os.

O povo manifestava o seu enthusiasmo ao vêr o uniforme d'um official de exercito francez. Isso presagiva seguramente a chegada das tropas francezas! Outras veves manifestava-se ao correr o boato de que os inglezes estavam a chegar.

A cidade tinha resolvido conservar a coragem e mostrar rosto alegre.

Que importava que os allemães estivessem só a 64 kilometros ou mais perto ainda, ao sul? Os alliados procederiam de modo a que elles não avançassem mais.

Nos primeiros dias, antes da imprensa ser sujeita á censura, que limitou o numero das edições a publicar cada dia, os jornaes sahiam de hora a hora e exgotavam-se. As ruas estavam embandeiradas. A «Brabançonne» ouvia-se em todos os lados. A certas horas podia imaginar-se, se não fossem as filas e filas de feridos e as casas marcadas com a Cruz Vermelha, que Bruxellas estava em festa.

O enthusiasmo foi affrouxando pouco a pouco. Os repetidos boatos da chegada de exercitos amigos não se confirmavam. Dia a dia, o povo ia perdendo a esperança de vêr chegar os inglezes e os francezes.

«Recebi informações esta manhã — escrevia um correspondente no dia seguinte ao de rebentar a guerra — de que as tropas britannicas estão a caminho para virem defender a neutralidade belga. Seguirão, diz-se, para Laeken, nos suburbios da qual passarão. Como suppuz, tal noticia era prematura. Assegura-se que regimentos francezes estão a chegar a Namur. Outros veem a caminho da Belgica.»

Todas estas noticias e muitas outras que circulavam levavam o enthusiasmo ao coração do povo. Mas a verdade impunha-se.

Os boatos do massacre em Visé causaram grande an-

cidade n'aquelles que n'essa cidade tinham amigos e parentes.

As narrativas iam chegando pouco a pouco mais precisas, tornando a anciedade maior. Juntamente com isso, o vêr-se a guarda civica exercitando-se, a construcção de trincheiras e de barricadas tomou para os optimistas uma tremenda significação.

Quando na manhã do dia 18 se soube que a séde do governo fôra transferida para Antuerpia, a anciedade recrudescu.

A' noite, porém, muita gente na cidade tentou ainda crêr que tudo ia bem. Os francezes, dizia-se, tinham tomado a offensiva e estavam repellindo os uhlanos dos bosques e fazendo-os recuar para além das estradas de Namur e Bruxellas.

Os allemães tinham mudado o seu plano de campanha.

Diziam alguns que a approximação dos allemães fazia parte do plano dos aliados. Era para os esmagarem com maior certeza.

Bruxellas servia de isco para os attrahir e seria nas suas proximidades que os derrotariam.

Os boatos de victoria, ao passarem de bocca em bocca, avolumavam-se.

No emtanto, ouviam-se as detonações longinquas das explosões de pontes e de caminhos de ferro, que se faziam ir pelos ares para retardar o avanço do invasor. Nos suburbios da cidade, ricos e pobres traziam tudo o que podiam para se erguerem barricadas. Tudo, absolutamente tudo era sacrificado para esse fim vendo-se as coisas mais heterogeneas, como pianos, commodas, mezas e até mesmo camas.

Durante a noite d'esse dia e no dia seguinte centenas de fugitivos continuaram a entrar na cidade. Vinham em bandos, familias inteiras, grandes e pequenos, mulheres e creanças, algumas das primeiras com 80 e mais annos, ao lado de creanças que mal apodiam inda andar, todos famintos,

cançados, com os rostos sulcados de lagrimas e demonstrando bem as privações por que acabavam de passar. Os que podiam ou que tinham sido mais felizes dirigiam-se para a costa em automoveis, carros, toda a especie de vehiculos que haviam podido encontrar.

Bruxellas era para esses fugitivos apenas ponto de passagem. Não se demoravam ali mais do que o tempo sufficiente para refazerem as forças e continuarem a sua peregrinação.

Alguns não traziam dinheiro, alimentos, fato, nada, absolutamente nada. E era preciso soccorrel-os, o que não era tarefa facil.

No dia 19 soube-se que o exercito retirára de Louvain para Antuerpia. A principio dizia-se que uma grande força belga permanecia ainda na região coberta de bosques entre Louvain e Bruxellas, que estava bem provida de artilharia e que ia precipitar-se sobre os allemães a fim de os fazer recuar.

Essas tropas, accrescentava-se, seriam ainda reforçadas e teriam como reserva a guarda civica. Mas os que estavam á frente dos negocios publicos não tinham illusões. Sabiam muito bem que qualquer esforço para repellir os allemães seria contraproducente e concorreria para a destruição de Bruxellas.

Havia comtudo os que advogavam a lucta até ao fim. Estavam em minoria e advertencias das nações neutraes aconselhavam o dever de não tentar uma resistencia impossivel. Dar uma batalha com barricadas traria apenas o bombardeamento da cidade e a lucta nas ruas, com todos os horrores a que essa lucta dá azo.

Os conselhos prudentes prevaleceram e foi resolvido deixar entrar os allemães pacificamente.

A' noite foi affixada uma proclamação nas paredes das ruas de Bruxellas. Era assignada pelo burgomestre Max, o qual, nas semanas de anciedade que se iam seguir, tão elevada reputação conquistou pela sua coragem e pelo

facto que revelou nas relações com os allemães. Essa proclamação dizia :

«Apezar da heroica resistencia das nossas tropas, auxiliadas pelos exercitos alliados, é para receiar que o inimigo occupe Bruxellas. No caso de tal facto se dar aconselho a população a permanecer tranquilla. Que não haja panico. As leis da guerra não permitem ao inimigo que obtenha pela força informações relativas á defeza nacional. Os habitantes de Bruxellas teem direito a recusar toda e qualquer informação d'esse genero.

«Emquanto eu fôr vivo ou estiver em liberdade, esforçar-me-hei por proteger os direitos e a dignidade dos meus concidadãos.

«Peço-lhes que tornem a minha tarefa menos difficultosa abstendo-se de todos os actos host'is. Cidadãos, succeda o que succeder, tenham confiança no seu burgomestre. Elle não os atraiçoará. Viva a Belgica livre e independente! Viva Bruxellas!»

Na quinta feira de manhã o burgomestre, em automovel, acompanhado de quatro vereadores municipaes, dirigiu-se ao encontro do commandante militar allemão, que o recebeu com modos bruscos e lhe perguntou se estava disposto a entregar a cidade sem condições. Em caso contrario, seria bombardeada. Fez-lhe saber que não lhe restava outro recurso senão o de capitular. Informou-o, além d'isso, de que o tornava responsavel pelo procedimento dos habitantes da cidade e que qualquer acto de violencia da parte do povo contra os allemães recahiria sobre elle e as pessoas principaes da cidade. As tropas allemãs entrariam e occupariam Bruxellas n'esse dia. O commandante allemão, o general Sixtus von Arnim, redigiu a seguinte proclamação, que foi affixada d'ahi a pouco :

«As tropas allemãs atravessarão hoje e nos dias seguin-

tes Bruxellas e são obrigadas pelas circumstancias a pedir á cidade alojamento, alimentação e provisões. Tudo isso será combinado pelos meios legaes com as auctoridades municipaes.

«Espero que a população se conforme sem resistencia com estas necessidades da guerra, e especialmente que não commetta acto algum aggressivo contra as tropas e que promptamente forneça as provisões pedidas.

«Em tal caso dou todas as garantias de que a cidade será poupada e que os seus habitantes estarão em segurança.

«Se comtudo, como infortunadamente n'alguns logares já tem succedido, se der algum acto de aggressão contra os soldados, incendio em edificios e explosões de qualquer especie, serei obrigado a tomar as medidas mais severas.

O general commandante dos corpos do exercito — *Sixtus von Arnim.*»

Durante a manhã grupos se reuniram n'um profundo silencio nas ruas principaes do centro da cidade. Ninguem sabia por que esperava. Eram levados pela curiosidade de vêr a chegada do invasor. Dizia-se que os allemães estavam já em grande força nas estradas de Waterloo, de Louvain e de Tervueren.

O estado maior general allemão havia evidentemente ordenado que a entrada em Bruxellas se fizesse com o maior apparato possivel. Em vez de mostrar as fileiras rareadas dos regimentos que tinham combatido e soffrido tantas perdas em Liége, fôra mandado vir um corpo de exercito que ainda não entrára em fogo. A população de Bruxellas esperava vêr soldados exhaustos e derreados apresentando cicatrizes e feridas, de uniformes rôtos. A realidade foi muito differente.

Pouco depois das 2 horas da tarde o distante troar da artilharia annunciou a approximação dos allemães. Em seguida ouviu-se o som da musica e a guarda avançada

do triumphante exercito appareceu. A' frente cavalgava um general prussiano descripto pelos assistentes como um verdadeiro bruto, feio, desengonçado. Embora fôsse o proprio Apollo, n'esse dia não teria agradado á população de Bruxellas.

Cada regimento, de infantaria ou de cavallaria, trazia a sua banda e o som dos instrumentos era coberto pelo canto dos soldados entoando o *Die Wacht am Rhein* e o *Deutschland uber Alles*. As tropas vinham frescas e marchavam bem. Os uniformes eram novos, os equipamentos sem uma beliscadura e o seu garbo militar proprio para despertar a admiração dos que os viam. O longo desfilar das tropas foi avaliado em 40.000 homens. Estavam representadas todas as armas do exercito allemão. Parte d'esse desfile foi constituido por automoveis blindados com metralhadoras. Todo o exercito vinha vestido de uma unica côr: cinzento esverdeado. Mesmo as metralhadoras, a secção de pontes e os equipamentos dos sapadores eram cinzento. Era o uniforme de guerra dos allemães.

O exercito pôz-se em movimento da calçada de Louvain pelos grandes *boulevards* em direcção á gare do Norte. Qando chegaram á principal arteria, uma voz de commando soou e a infantaria immediatamente tomou o celebre passo de parada allemão. A mutação fez effeito.

A população esperava vêr feridos e soldados com cicatrizes. Nada d'isso, como dissemos, appareceu.

As tropas em breve tomaram posse de varios pontos estrategicos da cidade. Todos os receios de massacre se haviam dissipado. Os soldados, em vez de despojarem a população, pareciam anciosos por provar o poder allemão e a sua prosperidade, pela abundancia de dinheiro e a espontaneidade em o dispender. O burgomestre Max foi tambem tornado responsavel pelo que dizia respeito aos serviços da administração local.

Os allemães nomearam um governador seu, que era a auctoridade suprema.

Um dos primeiros pedidos, logo que tomaram conta da administração da cidade, foi uma indemnisação de oito milhões como tributo de guerra. O burgomestre respondeu que tal exigencia não podia ser satisfeita, porque os fundos municipaes tinham sido mandados para Antuerpia.

Com a entrada dos allemães em Bruxellas terminava a primeira phase da guerra. Os belgas tinham cumprido bem a sua missão. Tinham conseguido suster o avanço allemão d'um modo que se não esperava. Tinham dado tempo á França para concluir a mobilisação das suas forças e á Inglaterra a oportunidade de enviar a sua força expedicionaria á França. A guerra ia agora tomar outro character. Em vez da lucta de relativamente pequenas forças ao longo de limitadas frentes na Belgica, ia ser o combate directo entre os fortes exercitos da França apoiados pelos inglezes e as forças da Allemanha, primeiro na fronteira belga, em seguida no solo francez. A Allemanha tinha-se preparado para vibrar um grande golpe. Esse golpe estava agora prestes a ribombar, para nos servirmos da characteristic phrase do estado maior general allemão «semelhante a um trovão.»

CAPITULO V

Æ marcha sobre Paris — Æ retirada para o Marne

Para comprehender a lucta que marcou a abertura da guerra necessario é conhecer as ideias geraes dos commandos allemão e francez. Ambos eram simples na sua concepção. O primeiro propunha-se atravessar a Belgica, dirigir-se rapidamente, atravessando a fronteira franceza, sobre Paris e, depois de destruida a armada britannica, invadir a Inglaterra e dictar a paz em Londres nos termos que á Allemanha aprovesse. O plano francez offerencia um programma mais modesto. A principio conservar-se-hia na defensiva. Um exercito vigiaria o desemboccar dos allemães da Belgica, outro vigiaria a fronteira leste da França d'uma posição atraz de Verdun.

Provavelmente uma força seria concentrada dentro do pentagono formado pelo campo entricheirado de E'pinal, Langres, Besançon, Dijon e Belfort, emquanto por detraz d'essa força ficaria uma reserva prompta a acudir aonde necessario fôsse.

Nenhuma d'essas disposições foi executada por completo.

A posse de Liége e da fortaleza de Namur era vital para os allemães, porque sem ellas a principal linha do caminho de ferro da Belgica para a fronteira franceza não era aproveitavel, como aproveitaveis não eram as outras linhas que passavam por Liége. Quando Namur cahiu e o inimigo podia já receber reforços em homens e provisões, a vanguarda franceza achou-se exposta a um

ataque directo por forças muito superiores e, o que era mais perigoso, a um ataque de flanco á sua direita pelos allemães vindos das Ardennas. N'esse meio tempo, sir John French desembarcára com duas divisões d'infantaria e uma de cavallaria do exercito inglez, e, d'accordo com o general Joffre, occupava a região á esquerda dos francezes.

No plano allemão o tempo era o elemento principal. O avanço sobre Paris e a tomada d'esta cidade deviam ser o primeiro acto do drama. Como o principal avanço das tropas imperiaes devia ser feito pela Belgica, uma parte consideravel do seu exercito pôz-se em movimento n'essa direcção e a maior parte de todo o exercito allemão foi lançada contra os francezes, a quem se pretendia esmagar antes de serem auxiliados pelos russos, que se suppunha levariam muito tempo a fazer a mobilisação.

Dos 25 corpos de exercito das suas tropas de primeira linha, apenas quatro, ao que parece, foram empregados contra a Russia e 21 contra a França. D'estes, cêrca de 4 foram empregados a principio nas operações contra Liége e no avanço contra a retirada dos alliados parece terem formado parte da esquerda do primeiro exercito allemão, cuja direita marchava contra a ala esquerda dos alliados na sua retirada sobre Paris.

Era essencial para os allemães conservar os francezes occupados em toda a linha das suas fronteiras norte e nordeste e ao longo do sector entre as duas regiões que faziam face ás duas Ardennas.

Porque, se a linha de ataque pela Belgica era claramente indicada desde o principio, seria possivel para os francezes, com a sua extensa rêde de estrategicos caminhos de ferro ao longo da linha em que as suas tropas se desenvolviam, transportar as suas tropas de modo a concentrar-as em força superior contra elles.

A principio, no que diz respeito ás tropas regulares, o numero devia ser egual e a superioridade allemã, que in-

dubitavelmente existia, foi naturalmente devida ao emprego de corpos de reserva desde o começo da guerra.

Mas essa superioridade nunca teve grande effeito na lucta. Porquê? Em primeiro logar, a incursão franceza na Alsacia por Belfort e pelos Vosges parece ter feito desviar uma consideravel massa de tropas allemãs contra ella. Em segundo logar, não póde haver duvida de que Verdun e os fortes em roda d'essa praça estavam aptos a resistir a um ataque contra elles feito, mesmo que os allemães empregassem a sua artilharia pezada, porque as fortificações estavam melhor preparadas do que as que faziam frente á Belgica.

D'ahi, o serem todos os avanços da infantaria allemã repellidos. Na linha de batalha, em conjuncto, os francezes sustentavam-se na ala direita e no centro.

Quando a esquerda dos alliados foi obrigada a recuar, a distancia deixada por esse recuo foi muito maior do que o movimento da direita. Nas condições modernas, um ataque de frente é excessivamente difficil e custoso e quasi impossivel contra uma linha bem apoiada. D'ahi, no centro, onde um ataque de flanco em larga escala era impossivel, o ser o progredimento necessariamente vagaroso. No flanco direito — Verdun-Belfort — as posições defensivas apoiadas pelos francezes eram demasiado fortes para serem directamente atacadas, enquanto o torneal-as era impossivel, porque, apesar de serem numerosas as tropas que os allemães tinham em operações, não eram, contudo, sufficientes para envolverem a direita dos alliados. Os allemães tinham, pois, de tomar precauções para que a sua frente geral não fôsse rota, o que traria em resultado uma situação perigosissima, pois exporia a parte assim separada do resto — que seria certamente a ala direita — a um desastre completo.

Quando von Kluck com o primeiro exercito allemão se lançou contra o exercito inglez, estendendo a sua linha cada vez mais para a direita, houve uma occasião em que

essa linha estava tão enfraquecida que era facil rompê-la, combinando essa operação com um ataque de flanco, com os reforços que os inglezes recebiam e com parte da extrema esquerda do exercito de Paris. Foi isso impossivel, porque grandes forças estavam procedendo a operações intensivas na Alsacia. Mas, logo que essas operações terminaram, por os francezes terem de recuar em virtude da superioridade das forças allemãs, a attitudo na fronteira de leste tornou-se completamente defensiva e o general Pau foi mandado com o 6.º exercito apoiar a esquerda ingleza.

Os commandantes allemães apreciaram o perigo quando viram a extensão que a sua ala direita tinha tomado e logo no fim da primeira semana de setembro começaram a concentrar-se. Em vez da ala esquerda dos alliados estar ameaçada d'um envolvimento, era a ala direita allemã que se achava em perigo. Então von Kluck ordenou uma marcha de concentração para se juntar ao centro.

Os alliados tomaram a offensiva.

A posição designada pelo general Joffre ao exercito britannico era ao norte do Sambre, affluente do Mosa, com o qual se junta em Namur, fortaleza belga. O grosso do exercito aliado estava disposto na area limitada a oeste pelo Oise que desembocca no Sena a poucos kilometros abaixo de Paris, a norte pelo Sambre, a leste pelo Mosa e ao sul pelo Sena e pelo seu affluente do norte, o Aube. Os principaes afluentes do Sena, o Aube e o Mosa, correm perto do planalto de Langres, que é defendido pela fortaleza d'esse nome. Entre as nascentes do Aube e do Mosa nasce o Marne, que, atravessando Vitry, Chalons-sur-Marne, Epernay, Chateau Thierry, La Ferté e Meaux, se lança no Sena dentro do vasto campo entrincheirado de Paris.

De Vitry o canal do Marne-Rheno dirige-se para Strasburgo, que é tambem terminus do canal do Rhodano-Rheno.

Em La Ferté, o Pequeno Morin, que atravessa Montmi-rail, corre do sul para o Marne, enquanto entre La Ferté e Meaux o volume das aguas do Marne é augmentado do lado do norte pelas aguas do Ourcq. O Grande Morin do sul lança-se no Marne abaixo de Meaux.

Como os cursos inferiores do Sena, do Aube e do Marne correm de leste para oeste e os seus cursos superiores do sul para norte, formam barreiras a um invasor que venha ou do norte ou do leste. Um outro obstaculo natural para um invasor vindo do norte é um afluente do Oise, o Aisne, que nasce nas eminencias da floresta da Argonne, a qual fica a oeste de Verdun.

Como se sabe, Verdun é a fortaleza na extremidade norte da linha de defeza Belfort-E'pinal-Toul-Verdun, correndo da fronteira da Suissa á latitude da fortaleza de Metz na Lorena, que faz face á fortaleza franceza. De Verdun á fortaleza de Toul, de E'pinal a Belfort, havia uma cadeia de isolados e poderosos fortes. Para o sul, por detraz de E'pinal, começa a cadeia de montanhas, que, sob varios nomes, separa os valles do Saône e do Rhodano do resto da França.

Na região da Argonne fica Valmy. O Aisne, vindo da extremidade sul da Argonne, corre para norte até ás alturas de Longwy, situada no recanto formado pelas fronteiras da Belgica, do Luxemburgo e da Allemanha. Volta para oeste e passando entre as fortificações de Reims e as de Laons, atravessa Soissons e lança-se no Oise em Compiégne.

O Aisne, na maior parte do seu curso, é outra barreira ao invasor que venha do norte. No Oise, cêrca de Compiégne e um pouco a nordeste da latitude de Laons ficava a fortaleza de La Fère. Preciso é accrescentar que as fortalezas tanto de La Fère como de Reims, Laon, Maubeuge e Lille não tinham sido concluidas, só podendo offerecer seria resistencia a de Maubeuge.

No quadrilatero formado pelo Oise e a parte superior

do Sambre a leste, o Sena ao sul, o Canal da Mancha e o Estreito de Dover a oeste, e a fronteira franco-belga ao norte, o principal obstáculo natural para um invasor vindo da Bélgica era o rio Somme, que nasce um pouco ao norte de Saint Quentin, a uns vinte e cinco quilómetros a noroeste de La Fère. O Somme, atravessando Amiens e Abbeville, divide esse quadrilátero em duas metades.

Na do sul, a da costa, estão o porto de Dieppe, e, na foz do Sena, o Havre, muito bem fortificado. Os principais portos na metade norte são, do sul para o norte, Boulogne, Calais, e, no lado francez da fronteira belga, Dunkerke. A duas últimas cidades são protegidas por fortes.

A meio caminho entre Dunkerke e a fortaleza de Maubeuge estava a fortaleza de Lille, que não fôra concluída. Foi entre Lille e a margem norte do Sambre que o general Joffre resolvera que estacionasse o exercito britannico. No caso da invasão allemã ser repellida, as forças de sir John French poderiam facilmente alcançar Calais e Boulogne, dois dos seus portos de desembarque, e a sua base, o Havre. Graças á vizinhança de Paris, podiam receber reforços, munições e provisões, se necessario fôsse — como realmente succedeu — pelo Mons, de Saint Nazaire na embocadura do Loire.

Contra o exercito alliado no Sambre estava em marcha uma grande força allemã. Era acompanhada por enorme numero de canhões e metralhadoras, alguns automoveis blindados, uma esquadra de aeroplanos, os «Taube», alguns aviadores e secção de pontoneiros. Era tambem seguida de carros movidos a vapor proprios para excavar trincheiras.

Os inglezes e francezes que entraram na Bélgica para apoiar os belgas foram atacados de subito por forças muito superiores e obrigados a recuar, emquanto parte do exercito belga retirava sobre Namur.

Durante quatro dias e meio os belgas resistiram n'essa

fortaleza ao ataque dos allemães, dez vezes mais numerosos do que elles. Quando o general Michel, seu commandante, viu que era impossivel continuar a resistencia sem arrastar a perda de toda a guarnição, tentou fazer sahir as tropas dos differentes fortes; mas, devido sem duvida a traidores ou espiões, encontrou o seu telephone destruido e nada poude fazer. Para assegurar na medida do possivel a retirada, os commandantes de cada regimento sahiram de Namur separadamente, perdendo assim grande numero de homens.

O general Michel, o seu estado maior, os seus officiaes e soldados fizeram o que podiam para defender a cidade e mais não podiam fazer. Foi muito criticado por ter retirado, mas, se a guarnição tivesse permanecido mais doze horas em Namur, nem um homem, nem um cavallo, nem uma peça se poderiam ter juntado ao exercito principal. As tropas assim salvas foram outras tantas forças ganhas para a Belgica: tel-as feito permanecer em Namur seria perdel-as sem motivo ou razão militar que tal justificasse.

Os allemães apoderaram-se da fortaleza no angulo formado pela junção do Mosã e Sambre e o caminho de ferro para Aix-la-Chapelle cahiu-lhes nas mãos. Fazia parte do seu plano transportar grandes massas de tropas atravessando o Mosa para entre Verdun e Namur, e, atravessando o Sambre, para entre Namur e Maubeuge.

Desde 15 d'agosto que importantes forças francezas tinham penetrado na Belgica por Charleroi, entre Maubeuge e Namur.

Pondo-se em movimento na direcção de Gembloux, as tropas francezas tinham passado pelo campo de batalha de Ligny, a ultima das victorias de Napoleão sobre os prussianos.

D'um communicado de 24 de agosto resalta claramente a intenção do general Joffre tornar a offensiva em quasi todos os pontos da gigantesca linha de batalha desde Condé até Belfort. Dizia esse communicado :

«Um exercito avançando da parte norte de Woevre — a floresta que fica a leste de Verdun — e seguindo em direcção a Neufchâteau — nas Ardennas belgas — está atacando as forças allemãs que vieram pelo ducado do Luxemburgo e estão na margem direita de Semoy... Um outro exercito na região de Sedan está atravessando as Ardennas belgas atacando as forças allemãs que marcham entre o Lesse e o Mosa. Um terceiro exercito na região de Chinany atacou a direita allemã entre o Sambre e o Mosa. E' apoiado pelo exercito inglez na região de Mons.»

No dia 15 de agosto, uma divisão da Guarda Prussiana e a 5.^a divisão de cavallaria, com muitos batalhões de infantaria e companhias de metralhadoras, atravessára o Mosa em Dinant, entre Givet e Namur. De subito foram atacadas pelos francezes e forçadas a recuar na maior desordem, atravessando de novo o rio. Um regimento de caçadores a cavallo preseguiu-as por espaço de alguns kilometros, pondo em fuga forças superiores de cavallaria que cobriam a retirada. Esta pequena victoria enthusiasinou os francezes.

Os allemães atacaram Charleroi, cidade d'uns 30:000 habitantes, centro da industria, do ferro na Belgica do sul. A's sete horas de sexta feira 21 d'agosto, uns vinte husards allemães entraram na cidade e, tentando fazer-se passar por cavalleiros inglezes, dirigiram-se para o Sambre. Foram reconhecidos por um official francez e rapidamente postos em fuga, deixando dois mortos e tres feridos. Os habitantes receberam ordem de recolherem a suas casas, metralhadoras foram postadas em diferentes sitios da cidade e fizeram-se todos os preparativos para a defender. Um combate se estava travando em Genappes.

No sabbado os allemães deram o assalto a Charleroi e ás pontes acima e abaixo d'essa cidade em Thuin e Châtelet, respectivamente. A sua artilharia abriu fogo so-

bre Charleroi e Thuin no dia anterior. Os allemães obrigaram dez mineiros a marchar á frente das suas columnas que atacavam os inglezes.

No domingo travou-se um combate desesperado nas ruas de Charleroi e na segunda feira uma horrivel lucha corpo a corpo entre os turcos francezes e a Guarda Prusiana. As tropas de côr da Argelia e do Senegal infligiram graves perdas aos allemães, mas metralhadoras collocadas n'uma fabrica em ruinas decidiram o combate em favor do inimigo. O Sambre, desde Namur até ás cercanias de Maubeuge, estava em poder dos allemães.

Perdida a batalha de Charleroi, sabendo-se que von Kluck avançava sobre Paris com espantosa rapidez, o general Joffre resolveu recuar. A ala esquerda dos alliados recuou, recuou, perseguida por uma massa enorme, que avançava com a velocidade de 40 a 50 kilometros por dia e que tentava envolvê-la.

A retirada para o sul do Marne começára. Não era, porém, como muitos poderiam suppôr, uma medida desprovida de significação, ou ainda, como tantos chegaram a julgar, uma fuga. Paris corria perigo e tanto que o governo transferira a sua séde para Bordeus e parte da população da grande cidade fugia desvairadamente.

A retirada para o Marne, depois do insuccesso de Charleroi, era uma retirada estrategica, determinada pelo generalissimo Joffre, a fim de concentrar os seus exercitos e poder dispôr d'elles no momento que se lhe afigurasse opportuno para retomar a offensiva. A linha extrema da retirada foi determinada de modo a que todos os exercitos ahi chegassem simultaneamente e simultaneamente pudessem tomar a offensiva.

De subito uma noticia assombrou o mundo. O exercito de von Kluck, que parecia estar ás portas de Paris, mudava de direcção a dirigia-se para o sudeste, para Meaux e Coulommiers.

A que fim obedecera tal movimento? Simplesmente ao

seguinte : os allemães, fieis á sua doutrina estrategica, iam tentar primeiro aniquilar os exercitos francezes, antes de entrarem na capital da França. Dava-se isto no dia 4 de setembro de 1914.

No dia 5, o general Joffre transmittia as suas ordens para no dia seguinte se travar a batalha do Marne.

CAPITULO VI

A situação dos exercitos a 5 de setembro

Para bem se comprehender as operações diversas que constituem no seu conjuncto a batalha do Marne, vamos explanar a composição e a situação, no dia 5 de setembro, dos exercitos alliados, desde a ala esquerda á ala direita, de oeste para leste. E para melhor se comprehender ainda o que vamos indicar, tanto no texto como no mappa que acompanha o presente volume, as forças francezas e inglezas são indicadas por algarismos arabicos, as allemãs por algarismos romanos.

O 6.^o exercito commandado pelo general Maunoury, comprehendia o 7.^o corpo, a 45.^a divisão do activo, duas divisões da reserva, a 55.^a e a 56.^a, e tres divisões de cavallaria. No dia 7 foi reforçado pela 61.^a divisão da reserva, tirada das tropas da guarnição de Paris; no dia 8, pelo 4.^o corpo d'exercito, que o general Joffre tirou do exercito de Sarrail, e no dia 9 pela 62.^a divisão de reserva, de Paris. Cobria Paris do lado de nordeste, desenvolvendo-se no dia 5 de manhã na frente Dammartin-en-Goëlle-Claye.

O exercito inglez que, perseguido pelo inimigo, accentuára rapidamente a sua retirada, occupava a região sudoeste de Coulommiers. Comprehendia, sob o alto commando do marechal sir John French, seis divisões formando tres corpos d'exercito; da esquerda para a direita, o 3.^o, o 2.^o e o 1.^o.

O 5.^o exercito, sob o commando do general Franchet d'Esperey, compunha-se do 18.^o, 3.^o, 1.^o e 10.^o corpos e

do grupo das divisões de reserva 51.^a, 53.^a e 69.^a, de um corpo de cavallaria composto da 4.^a, da 8.^a e da 10.^a divisões e de uma brigada ligeira da 2.^a divisão. Desenvolvia-se dos planaltos do norte de Provins até Sézanne.

O 9.^o exercito, commandado pelo general Foch, fôra constituído, a 29 d'agosto, compondose do 9.^o e 11.^o corpos, da 42.^a divisão de infantaria, a divisão marroquina, da 52.^a e 60.^a divisões de reserva e da 9.^a divisão de cavallaria. Occupava a frente Sézanne — Campo de Mailly pela seguinte ordem: 42.^a divisão e divisão marroquina, região de Mondement, Saint-Prix, Villeneuve-lès-Charleville; 9.^o corpo, região de la Fère Champenoise, com vanguardas na direcção de Morains-le-Petit e ao norte dos pantanos de Saint-Gond; 11.^o corpo, região Lenharrée, Sommesous, com reservas ao norte do Aube; 9.^a divisão de cavallaria, na direcção de Mailly.

O 4.^o exercito, sob as ordens do general de Langle de Cary, era composto do 17.^o corpo, do 12.^o (commandado pelo general Roques), do corpo colonial e do 2.^o corpo (sob o commando do general Gérard). A sua frente estendia-se ao sul do Ornain, de Sompuis a Sermaize.

O 3.^o exercito, finalmente, commandado pelo general Sarrail, comprehendia o 4.^o corpo — que no dia 8 se devia juntar ao exercito Maunoury —, o 5.^o, o 6.^o (menos a 42.^a divisão que passára para o 9.^o exercito mas augmentado com uma brigada da 54.^a divisão); as 65.^a, 67.^a e 75.^a divisões de reserva, sob o commando do general Léon Durand, e a 7.^a divisão de cavallaria. Desenvolvia-se na linha Revigny-Souilly — a sudoeste de Verdun — subindo na direcção sudoeste-nordeste e mantendo o contacto, na sua direita, com a defeza movel da praça e das elevações do Mosa.

Examinando no mappa que inserimos o conjuncto da disposição dos exercitos alliados, vê-se que apresentava, no centro, uma frente sensivelmente rectilinea para os 5.^o, 9.^o e 4.^o exercitos, formando, á esquerda e á direita, duas

frontes obliquas em angulos obtusos com a primeira. Finalmente, a offensiva a que os exercitos da Lorena estavam procedendo preservava as forças alliadas, na direita, d'um ataque pela retaguarda.

A ala direita allemã, depois dos exitos obtidos no Sambre, precedida e coberta por corpos de cavallaria, avançava, como dissemos, com uma rapidez vertiginosa.

Na extrema direita estava o I.º exercito (von Kluck), composto dos II.º, III.º, IV.º e IX.º corpos do activo, dos IV.º e IX.º corpos de reserva — tendo este ultimo, reforçado com elementos da landwehr, investido Maubeuge — e d'um corpo de cavallaria. Descia, pela margem direita do Aisne, na direcção de Paris.

Destacamentos inglezes e francezes travaram com elle uma serie de recontros, depois recuaram na sua frente ou para Rouen, por Amiens, ou por Beauvais para Paris, ou finalmente por La Fére, na direcção do sul. Esse exercito continuou a sua marcha e no momento em que se travou a batalha do Marne occupava a seguinte frente: o II.º corpo do activo tinha uma divisão entre Monthérand e la Celle-sur-Morin, estendendo-se a outra de Faremontiers a Saint-Augustin; o IV.º corpo do activo tinha uma divisão entre Beauthel e Amillis e a segunda de Petit-Beufour a Chevru; uma divisão do III.º corpo do activo estava na frente Cerneux-Sancy, a outra estendia-se de Montceaux-lès-Provins a Courgivaux; o IX.º corpo tinha as suas divisões estendidas em profundidade, uma de Tréfols a Neuvy, outra de Morsains a Esternay; o IV.º corpo de reserva estava na retaguarda da direita, na frente Marcilly-Barcy-Penhard; a V.ª divisão de cavallaria e a divisão da cavallaria da Guarda Prussiana estavam entre o IV.º e o III.º corpos do activo.

Os elementos avançados do conjuncto chegaram a Damartin-en-Brie, Mortcerf, Hautefeuille, Touquin, Vaudoy, Champcouelle, Saint-Bon, Escardes e Châtillon-sur-Morin.

Emquanto o II.^o e o IV.^o corpos do activo e o IV.^o de reserva e a V.^a divisão de cavallaria tinham de se haver com o 6.^o exercito e o exercito britannico, o III.^o e o IX.^o corpos, com a divisão de cavallaria da Guarda, iam fazer frente ao 5.^o exercito.

A' esquerda do I.^o exercito, o II.^o, composto da Guarda, do VII.^o e do X.^o corpos do activo, do X.^o de reserva, com um corpo de cavallaria, sob o commando do general von Bülow, foi atacado em Guise, a 29 d'agosto, soffrendo uma seria derrota. Avançou todavia sobre Laon e Epernay, no dia 5 á tarde passou o Marne de Dormans a Epernay, chegou á estrada de Châlons, entre Montmirail e Bergères-les-Vertus, pelas 11 horas, e entrou em contacto com o 5.^o e o 9.^o exercitos francezes na frente geral de Villeneuve-lès-Charleville-Saint-Prix-Morains-le-Petit-Ecury-le-Repos.

O seu quartel general era em Montmirail. Os seus corpos estavam assim dispostos, da direita para a esquerda: X.^o corpo da reserva, região de Montmirail; X.^o corpo do activo, região de Bannay-Congy; Guarda Prussiana, dos bosques de Toulon a Ecury-le-Repos; o VIII.^o corpo, escalonado na retaguarda e na direita, devia transpôr o Pequeno Morin em Montmirail e a oeste.

A' esquerda, sempre para leste, estava o III.^o exercito, sob o commando do general von Hausen, composto do XII.^o e do XIX.^o corpos do activo e da reserva — exercito saxonio. — Avançára de Rocroy sobre Rethel, depois sobre Châlons. Depois de ter atravessado o Marne n'essa cidade, apresentava, da direita para a esquerda, a seguinte ordem: XII.^o corpo do activo; XII.^o corpo da reserva na direcção de Sommesous; XIX.^o corpo. O XII.^o corpo ia fazer frente ao mesmo tempo a dois exercitos francezes. Ao passo que a sua XXXII.^a divisão marcharia, na frente Normée-Lenharrée, contra o exercito Foch, a sua XXV.^a divisão, descendo por Vatry e por Coole, ia atacar na direcção de Sompuis o exercito de Langle de Cary. Por seu

turno, o XIX.º corpo, vindo de Châlons pela margem esquerda do Marne, ia investir Maisons-en-Champagne.

O IV.º exercito, commandado pelo duque Albrecht de Wurtemberg, comprehendia o VI.º, o VIII.º e o XVIII.º corpos do activo, o VIII.º e o XVIII.º da reserva e uma divisão de cavallaria. A sua disposição, da direita para a esquerda, em frente do exercito do general Langle de Cary, era a seguinte: VIII.º corpo estendendo-se para Vitry-le-François; VIII.º corpo de reserva na direcção de Ponthion; o XVIII.º do activo, que teve grandes perdas, foi substituido durante a batalha pelo XVIII.º da reserva, o qual seguia escalonado, á esquerda, descendo ambos de Sainte-Menehould para Somme-Yèvre e Possesse.

O V.º exercito, o do kronprinz, compunha-se do VI.º do XIII.º e do XVI.º corpos do activo, do V.º e do VI.º da reserva e d'uma divisão de cavallaria. Fazia frente ao 3.º exercito francez na seguinte frente, da esquerda para a direita: VI.º corpo do activo, que descera des Islettes sobre Passavant e Charmontois; XII.º corpo do activo, descido de Sainte-Menehould e tendo alcançado Triaucourt; XVI.º corpo do activo, tendo chegado por Varennes e Clermont-en-Argonne sobre Froidos; VI.º corpo da reserva na margem esquerda do Mosa, na região de Montfaucon; finalmente, o V.º corpo da reserva na margem direita do Mosa, na região de Consenvoye.

Taes eram as forças allemãs que se oppunham ás francezas. Quanto ao VI.º e VIII.º exercitos — o do principe Ruprecht da Baviera e o do general von Heenrigen — reforçados com elementos tirados das praças de Metz e de Strasburgo, estavam-se batendo na Lorena contra os exercitos commandados pelos generaes de Castelnau e Dubail.

Em presença da concentração franceza sobre o Marne, duas soluções se apresentavam ao alto commando allemão: ou perseguir os exercitos francezes com o grosso das suas forças, pondo de parte Paris, ou atacar e tentar oc-

cupar a grande capital, o que seria um resultado politico deveras tentador.

No primeiro caso, todos os exercitos allemães deviam cooperar n'uma acção commum, resguardando-se de Paris, mas a sua ala direita podia ser ameaçada de envolvimento n'um terreno cortado por numerosos cursos d'agua: o Marne, o Ourcq, o Grande e o Pequeno Morin.

No segundo caso, o inimigo tinha de consagrar á tomada do invejavel refem, que Paris seria nas suas mãos, forças importantes, apezar d'algumas imperfeições que n'esse momento tinha a defeza do campo entrincheirado, enfraquecer o seu centro e crear na sua linha pontos desguarnecidos de que os alliados se poderiam aproveitar para retomarem a offensiva.

E' provavel que os allemães julgassem que os francezes effectuavam uma retirada definitiva, esmagados, desmoralizados, quasi vencidos, e que lhes parecesse que nada de melhor tinham a fazer do que completar a sua victoria. Estavam persuadidos talvez de que a ala esquerda franceza havia sido quasi que anniquilada durante os combates travados nas regiões d'Amiens, de Peronne e de Roye e que o exercito inglez não estava apto a sustentar a batalha. Ignoravam ou fingiam esquecer a existencia do 6.º exercito francez.

Póde ainda suppôr-se que o estado maior allemão, conhecendo as forças agrupadas em frente de Paris, recebeu, no caso do seu exercito não conseguir anniquilar, n'um golpe brutal, o exercito francez, que o exercito do general von Kluck, occupado em investir o campo entrincheirado, fôsse cortado e cercado pelos francezes.

No dia 4, os reconhecimentos effectuados tanto pelos aviões inglezes, como pelos do exercito Maunoury e os da praça de Paris, assim como pela cavallaria dos alliados confirmaram que, realmente, o exercito de von Kluck obliquava para sudeste. Ora, n'esse momento, o 5.º exercito francez estava preparado a dar um ataque de frente,

apoiado, á esquerda, pelo exercito inglez e pelo 6.º exercito, o qual por seu turno ameaçava o flanco do inimigo.

O general em chefe, que viu a situação com uma admiravel perspicacia, resolveu tomar a offensiva. E n'esse dia, á noite, fez publicar a seguinte ordem :

«1.º — Convem aproveitar a situação arriscada do 1.º exercito allemão para concentrar sobre elle os esforços dos exercitos alliados da extrema esquerda. Todas as disposições serão tomadas, no dia 5 de setembro, para se iniciar o ataque no dia 6.

2.º — As disposições a tomar no dia 5 de setembro á noite serão as seguintes :

a) — Todas as forças disponiveis do 6.º exercito, a nordeste de Meaux, preparadas a atravessar o Ourcq, entre Lizy-sur-Ourcq e May-en-Multien, na direcção geral de Château-Thierry. Os elementos disponiveis do 1.º corpo de cavallaria que estão nas proximidades serão postos ás ordens do general Maunoury para essa operação ;

b) — O exercito inglez, estabelecido na frente Changis-Coulommiers, frente a leste, prompto a atacar, na direcção geral de Montmirail ;

c) — O 5.º exercito, concentrando-se ligeiramente sobre a sua esquerda, estabelecer-se-ha na frente geral Courtacon-Esternay-Sézanne, prompto a atacar na direcção geral sul-norte, assegurando o 2.º corpo de cavallaria a ligação entre o exercito inglez e o 5.º exercito ;

d) — O 9.º exercito cobrirá a direita do 5.º, occupando as passagens sul dos pantanos de Saint-Gond e levando parte das suas forças para o planalto ao norte de Sézanne.

3.º — A offensiva será tomada por todos esses exercitos no dia 6 de setembro logo que amanheça.

J. Joffre».

Na manhã de 5 de setembro, o 4.º e o 3.º exercitos, que occupavam a ala direita, receberam por sua vez as ordens



	Avanço Alemão
	Frente das exércitos Aliados
	Frente em 12 Setembro de 1914
	Frente em 1915

que regulavam a sua cooperação na acção de conjuncto. Essas ordens foram as seguintes :

4.º exercito — Amanhã, 6 de setembro, os nossos exercitos da esquerda atacarão de frente e de flanco o I.º e II.º exercito allemães. O 4.º exercito, detendo o seu movimento para o sul, fará frente ao inimigo, coordenando o seu movimento com o do 3.º exercito, que, desembocando ao norte de Revigny, tomará a offensiva dirigindo-se para oeste.

3.º exercito — O 3.º exercito, cobrindo-se pelo nordeste, desembocará por oeste para atacar o flanco esquerdo das forças inimigas que sigam para oeste da Argonne. Coordenará a sua acção com a do 4.º exercito, que tem ordem de fazer frente ao inimigo.

Como se vê, offensiva geral em toda a frente; concentração de forças sobre a ala direita allemã; ataque de flanco pelo 6.º exercito na esquerda franceza, pelo 3.º na direita, de frente pelos outros exercitos. Tal é o plano de conjuncto da batalha do Marne.

CAPITULO VII

A batalha de 6 de setembro

O dia 5 de setembro, como dissemos, foi empregado pelos diferentes exercitos em occupar as posições d'onde deviam dar o ataque. Ao effectuar taes preparativos, o corpo de reserva do exercito Maunoury (55.^a e 66.^a divisões), que sahira de Iverny e de Cuisy, formando a vanguarda do exercito em movimento, teve um recontro com o IV.^o corpo de reserva allemão, que cobria a marcha do exercito von Kluck e que ficára sosinho ao norte do Marne.

O combate travou-se perto de Monthyon, n'um terreno bastante difficil. Foi uma acção limitada, indubitavelmente, mas rude e sufficiente em todo o caso para fazer sentir aos allemães a offensiva franceza e lhes revelar o perigo. Os francezes tiveram de lutar com muitas difficuldades. O commando allemão mandou immediatamente avançar para o norte do Marne o II.^o e o IV.^o corpos do activo, a fim de apoiarem o IV.^o de reserva, atacado inesperadamente.

No dia 5 á noite, a reserva franceza, sob o commando do general de Lamaze, teve de recuar para as suas posições anteriores; occupava Cuisy, Plessis-l'Evêque, Iverny e Neufmontiers. Não ganhára terreno, mas os cavalleiros marroquinos haviam causado grande numero de baixas ao IV.^o corpo.

No dia 6 de manhã, em conformidade com as ordens recebidas, o combate continuou. O exercito Maunoury

accentuou a sua offensiva, a fim de conseguir o objectivo que lhe fôra designado: transpôr o Ourcq entre Lizy e Neuffchelles, na direcção de Château-Thierry.

Emquanto o corpo de reserva tratava de avançar para leste, á sua esquerda o 7.º corpo atacava a linha Marcilly-Acy-en-Multien. Foi perto de Etrépilly que se operou a junção, depois de serem obrados verdadeiros prodigios de valor e de heroicidade.

Ao nascer do dia, foram tomadas Saint-Soupplets e Monthyon, sendo feitas algumas centenas de prisioneiros e tomados alguns canhões. A's 8 horas, a 8.ª divisão fez a junção, a 8 kilometros ao sul de Meaux, com o 3.º corpo britannico.

A's 10 horas, duas columnas allemãs, de infantaria e artilharia, subiram do sul para Varreddes e Lizy-sur-Ourcq. Ao meio dia, na linha Chamby-Crégy, o IV.º corpo de reserva era dominado por completo, sendo repellido para leste. De tarde, porém, esse corpo foi reforçado pelas duas columnas que haviam sido assignaladas de manhã e que passaram o Marne em Varreddes e em Mary. Pertenciam ao II.º corpo.

Apezar d'isso, pelas 17 horas o movimento de avanço francez accentuou se: tres columnas inimigas estavam em retirada nos bosques de Meaux perante a 8.ª divisão, que ficára ao sul do Marne. N'essa ultima parte do dia, o grosso do 6.º exercito estava em combate na frente Chambry-Barcy-Marcilly-Puisieux-Acy-en-Multien com o IV.º de reserva, que o II.º do activo veiu apoiar ao norte, em frente da esquerda franceza, e que só poude manter-se na margem occidental do Ourcq devido a esse apoio.

Ao findar o dia, o 6.º exercito tinha feito sensiveis progressos.

Na manhã de 6 de setembro, o exercito do marechal French foi atacado pelo II.º corpo em toda a linha Vaudoy-Pezarches-Hautefeuille e na orla norte da floresta de Crécy.

Columnas do IV.^o corpo estavam em marcha, a leste de Vaudoy, para Saint-Just e Provins.

Depois, bruscamente, pelas 10 horas, esses ataques cessaram. Parecia que os allemães iniciavam um movimento de retirada para o norte. As columnas do IV.^o corpo que combatiam a leste de Vaudoy, tomando como ponto de direcção Jouy-le-Châtel, pareceu retrogradarem tambem. O IV.^o corpo de reserva pedia soccorro; a pressão do 6.^o corpo começava a fazer-se sentir sobre elle.

Emquanto uma divisão do II.^o corpo, a III.^a, avançava a passo de carga pelos bosques de Meaux para apoiar a sua esquerda, a leste de Varreddes a IV.^a divisão dirigia-se para E'tavigny. O IV.^o corpo dirigiu-se para a região de Rebais, estando as suas vanguardas sobre o Marne, na direcção de Ferté-sous Jouarre.

O exercito inglez, então, avançou para leste na direcção de Courtacon, apoiando a sua esquerda no Grande Morin.

De tarde, os allemães retiraram para o norte, evitando todo e qualquer recontro. O IV.^o corpo transpôz de novo o Grande Morin na direcção de Coulommiers, enquanto duas columnas do II.^o corpo foram assignaladas subindo para Trilport e para Changis.

A' noite, as vanguardas inglezas chegaram á linha Villiers-sur-Morin-Crécy (o 3.^o corpo), Coulommiers (o 2.^o) e Choisy (o 1.^o corpo). O inimigo apenas oppôz uma ligeira e rapida resistencia. Comtudo, importantes forças allemãs continuavam na margem esquerda do Marne; parte do II.^o corpo allemão estava a sudeste de Meaux, o IV.^o na região de Rebais.

O 5.^o exercito, ao romper do dia 6, tendo o seu quartel general em Romilly-sur-Seine, devia atacar, escalonado, com a direita na vanguarda, na direcção geral de Montmirail, apoiado á direita pelo 9.^o exercito e á esquerda pelo corpo de cavallaria do general Conneau.

Desde as 7 horas que violentos combates se travaram, em toda a frente do 5.º exercito, com o III.º, o IX.º e o X.º corpos allemães. Durante todo o dia a lucta fôï muito violenta. Os francezes apoderaram-se de Montceau-lès-Provins e de Courgivaux.

O 1.º corpo, detido á tarde em frente de Châtillon-sur-Morin, destacou uma das suas divisões e toda a artilharia disponivel, que conseguiram, apoz um grande rodeio, desemboccar dos bosques de La Noue, a leste de Esternay, e bater de flanco as defezas que o inimigo havia estabelecido em redor da aldeia e na sua frente. Essa audaciosa manobra, opposta a um movimento do X.º corpo de reserva, que descera de Montmirail pela região da floresta de Gault, decidiu, n'esse ponto, da sorte da batalha n'esse dia. Durante a noite, os francezes tomaram Esternay.

Ao findar o dia, o 5.º exercito progredira sensivelmente e tinha sobre o inimigo manifesta superioridade. A' sua esquerda, o corpo de cavallaria conteve, na região de Courtacon, uma offensiva allemã.

No momento de se travar a acção, o posto de commando do 9.º exercito estava em Pleurs, ficando o seu quartel general um pouco mais ao sul. A 42.ª divisão e a divisão marroquina estavam em Villeneuve-lès-Charleville, Mondemont e Saint-Prix; o 9.º corpo occupava a região de Fére-Champenoise, tendo as suas vanguardas na direcção de Morains-le-Petit e ao norte dos pantanos de Saint-Gond, na região de Toulon-la-Montagne; o 11.º corpo occupava a região Semoine-Lenharrée-Sommesous; a 9.ª divisão de cavallaria estava em Mailly; as divisões de reserva ao norte do Aube.

O 9.º exercito devia apoiar a noroeste a offensiva do 5.º e manter-se no resto da frente, esperando que os progressos do 5.º exercito á esquerda e os do 4.º á direita lhe permittissem passar a atacar em toda a frente.

Como consequencia d'esse plano, as ordens dadas á

42.^a divisão e a divisão marroquina preceituavam que deviam atacar na direcção de Vauchamps-Janvillers, á direita do 10.^o corpo do 5.^o exercito, que estava na direcção de Sézanne e que devia avançar sobre Montmirail e a parte leste d'esta localidade.

O 9.^o corpo, commandado pelo general Dubois, devia estabelecer-se defensivamente na linha dos pantanos de Saint-Gond, de Oyes a Bannes inclusivé, mantendo ao norte dos pantanos vanguardas fortemente organisadas, sempre disponiveis e promptas a desembocar sobre Champaubert.

Ao general Eydoux, commandante do 11.^o corpo, fôra ordenado que se estabelecesse defensivamente de Morains-le-Petit a Lenharrée, emquanto á sua direita a 9.^o divisão de cavallaria devia dirigir-se para Vatry, seguindo a direcção Châlons-Sommesous, com concentração, se necessario fôsse, sobre Sommesous. Essa divisão era destinada tambem a assegurar a ligação com o 4.^o exercito.

No dia 6, o 9.^o exercito entrou em combate do seguinte modo :

A' esquerda, a divisão marroquina e a 42.^a divisão occupavam a retaguarda de Saint-Prix, a orla septentrional do bosque de Saint-Gond, Soisy-aux Bois e Villeneuve-lès-Charleville, que as vanguardas organisavam para resistir. Por esse lado, a ligação com o 10.^o corpo estava assegurada, chegando os elementos da direita d'este ultimo a Charleville.

No centro, o 9.^o corpo, depois de ter estabelecido as suas vanguardas ao norte dos pantanos de Saint-Gond, como lhe fôra ordenado, teve de recuar, por não se poder sustentar contra os ataques de que foi alvo. Conserveu, porém, as passagens ao sul.

A' direita, o 11.^o corpo resistia na frente Morains-le-Petit-Ecury-le-Repos-Normée ao ataque de forças de todas as armas apoiadas por numerosa artilharia. A' noite, Morains-le-Petit estava em fogo ; Ecury-le-Repos e Nor-

mée, violentamente bombardeadas, tiveram de ser evacuadas pelas forças do 11.º corpo que as occupavam e que se estabeleceram solidamente nos bosques ao sul. A 9.ª divisão teve um combate na região de Coole com forças de cavallaria apoiadas por artilharia e infantaria.

O X.º corpo allemão do activo atacou Villeneuve-lès-Charleville e Soisy e apoderou-se de Saint-Prix, de Villevenard e de Joches. A Guarda Prussiana atacou ao norte dos pantanos de Saint-Gond, onde se entrincheirou solidamente. O XII.º corpo entrou em combate, com as suas vanguardas, desde Normée a Lenharrée.

A ordem de retirada geral fôra dada ao 4.º exercito, o do general Langle de Cary, no momento em que, tendo retomado a offensiva, na segunda quinzena d'agosto, acabava de alcançar no Mosa uma grande victoria. Tal ordem causou a esse general um grande pezar, ao mêsmo tempo que receiava que as suas tropas desanimassem com semelhante facto.

Respeitando sempre as ordens que lhe eram dadas, não pode, porém, conter-se que não telegraphasse ao generalissimo Joffre, a 27 d'agosto, nos seguintes termos pouco mais ou menos: vencedor em toda a linha, não podia manter-se nas suas posições?

O general Joffre respondeu-lhe do seguinte modo: «Não vejo inconveniente em que fique n'ellas amanhã, 28 d'agosto, a fim de affirmar a sua victoria e mostrar que a retirada é puramente estrategica, mas no dia 29 todos devem estar em retirada.»

Era uma nova confirmação da firme e perspicaz vontade do generalissimo, que confiava absolutamente no plano que formára. O commandante do 4.º exercito curvou-se e as suas tropas seguiram o movimento geral, na direcção que lhes fôra indicada. Recuaram lentamente, combatendo durante um periodo ininterrupto de dez dias, sustendo valentemente a pressão do exercito do duque de Wurtem-

berg e de parte do exercito von Hausen, ao mesmo tempo que se organisavam para a proxima offensiva.

A 5 de setembro, o 4.^o exercito apoiava a sua esquerda em Humbauville, separado do exercito Foch por uma abertura apenas occupada pela 9.^a divisão de cavallaria, e a direita em Sermaize e Maurupt, em ligação com o exercito Sarrail.

A sua frente desenvolvia-se, no dia 5 á noite, da esquerda para a direita, na seguinte ordem: 17.^o corpo, em Huiron e Courdemanges; no centro, o 12.^o corpo, o do general Roques, que soffrera já grandes perdas e que apenas tinha seis batalhões em estado de combater, e o corpo colonial em Vauclerc, Domprémy e Blesmes; á direita, finalmente, o 2.^o corpo, em Maurupt e em Sermaize. O quartel general era em Brienne, o posto de commando em Chavonges.

A 6 de setembro, o 2.^o corpo, commandado pelo general Gérard, soffreu um ataque dos mais violentos, mas manteve-se em todas as suas posições. No centro, o corpo colonial manteve-se firme e progrediu até ligeiramente. A' esquerda, o 17.^o corpo rompeu a linha allemã e repelliu o XIX.^o corpo saxonio.

O 3.^o exercito, que comprehendia a principio, além das forças que já enumerámos, o 4.^o corpo, tomára a offensiva a 20 d'agosto e avançara sobre Longwy e Virton; depois começára simultaneamente com os outros o seu movimento de recúo, executando-o á vontade, não deixando de combater e contendo o inimigo com facilidade.

A 1 e 2 de setembro, especialmente um ataque dado pelo V.^o e pelo VI.^o corpos de reserva, na região de Montfaucon, foi facilmente repellido; os dois corpos, um dos quaes foi repellido para Cierges, o outro para a margem direita do Mosa, levaram muitos dias a reformar-se.

Todas estas vantagens, exactamente como succedera com o exercito do general Langle de Cary, demonstram

d'um modo inilludível que a retirada não era, como o inimigo o suppunha, uma derrota, mas sim uma operação de alta estratégia.

A 3 de setembro, as retaguardas do 3.º exercito estavam na altura de Varennes; a 4, na altura de Clermont-en-Argonne. Durante a marcha, o 4.º corpo foi destacado do exercito e enviado para Paris e a 42.ª divisão — o 6.º corpo — passou para o exercito Foch, que estava em formação, passando, porém, para o 3.º exercito uma das brigadas da 54.ª divisão. E, assim refeito, esse exercito deixou de ser commandado pelo general Ruffey, para passar a sel-o pelo general Sarrail.

No dia 5, o seu quartel general estava em Ligny-en-Barrois. Desenvolvia-se, da esquerda para a direita, na seguinte ordem: 5.º corpo, com a 7.ª divisão de cavallaria, em ligação com o 4.º exercito; no centro, o que restava do 6.º corpo com a brigada de reserva da 54.ª divisão; á direita, o grupo das tres divisões de reserva do general Léon Durand, a 65.ª a 67.ª e a 75.ª.

A fim de executar a ordem geral d'offensiva dada pelo general em chefe para o dia 6, o commandante do 3.º exercito resolveu conservar-se em contacto com a praça de Verdun, procurando ao mesmo tempo, á esquerda, conservar-se em contacto com o 4.º exercito, que estava ao sul do Ornain.

Realizando tal manobra, ameaçava a esquerda do exercito do kronprinz. O 6.º corpo recebeu ordem de atacar na região de Beauzée-sur-Aire, onde se encontrava, na frente Nubécourt-Sommainsne; o 5.º corpo manobraría ao sul da floresta de Belnoue, na região Laheycourt-Villotte-devant-Louppy; duas divisões de reserva do grupo Durand estavam na retaguarda da direita do 6.º corpo, em Sauilly, a terceira de reserva em Chaumont-sur-Aire; a 54.ª divisão de reserva ficou em Rembercourt-aux-Pots, a 7.ª divisão de cavallaria devia dirigir-se para Isle-en-Barrois. Finalmente, o general Coutanceau, commandante da

praça de Verdun, mandou a 72.^a divisão de reserva para Souhesme-la-Grande, como apoio.

O kronprinz foi o primeiro a tomar a offensiva. No dia 5, ás 8 horas dz noite, deu ordem para um ataque geral no dia seguinte, na direcção de Revigny-Bar-le-Duc. Essa ordem indicava que o IV.^o exercito (Wurtemberg) devia apoiar a acção do V.^o, especialmente com o XVIII.^o corpo de reserva, que estava em Saint-Mard-sur-le-Mont e em Givry-en-Argonne. O VI.^o corpo dirigir-se-hia de Charmontois e de Triaucourt sobre Laheyourt e Villotte e apoderar-se-hia das frentes de Revigny e de Neuville.

O XIII.^o corpo, que estava em Triaucourt e Evres, avançaria sobre Isle-en-Barrois e Rembercourt e apoderar-se-hia das pontes de Mussey, de Varney e de Fains no canal do Marne ao Rheno; o XVI.^o, intervindo a leste dos dois anteriores, tomaria Bar-le-Duc.

O corpo de cavallaria numero IV, da região de Saint-Mard-sur-le-Mont, entraria em acção e iria em exploração na frente do IV.^o e do V.^o exercitos na linha Dijon-Besançon-Belfort. Quanto ao investimento de Verdun, o VI.^o corpo de reserva devia manter a linha Saint-André-Avo-court; a divisão da landwehr d'esse corpo a linha d'Avo-court ao Mosa, a fim de assegurar a liberdade d'acção dos corpos que operavam no Mosa medio.

Taes eram as indicações que o kronprinz deu ao VI.^o exercito, cuja ala direita devia desemboccar por Vitry-le-François e Montier-en-Der, indicações que mostram que o kronprinz estava convencido de que a retirada franceza continuava.

A noite estava socegada. Só ás 7 horas da manhã o combate continuou, para os lados de Noyers, a oeste, para os lados de Beauzée, ao norte.

A's 10 horas, a 72.^a divisão de reserva, que viera de Verdun, atacou comboios e parques na estrada de Julvé-court a Ippécourt. O 6.^o corpo estava em combate na linha Sommaisne Nubécourt, a 7.^a divisão de cavallaria combatia

na direcção de Isle-en-Barrois, a 54^a divisão de reserva na de Rembercourt-aux-Pots.

A ala esquerda do 5.^o corpo foi repellida de Laheycourt para Laimont, onde foi violentamente bombardeada, pois o VI.^o corpo tomára Revigny e a sua artilharia operava sobre o flanco esquerdo do 5.^o corpo francez, o qual recebeu ordem para manter a todo o custo Villotte e Laimont.

Ao fim do dia, a frente franceza passava por Vassincourt, Neuville-sur-Orne, Laimont, Villotte, les Merchines, Sommaisne, Deuxnouds, Saint-André, Osches e Ville-sur-Coustances. O 3.^o exercito esperava com impaciencia o 15.^o corpo, uma divisão do qual devia ir reforçal-o entre Longeville e Ligny-en-Barrois.

CAPITULO VIII

A batalha do dia 7

O commandante do 6.^o exercito, o general Maunoury, tencionava agir pela esquerda, servindo-se da 61.^a divisão de reserva, que, como dissemos, vinha, de Paris, reforça-lo, e com toda a cavallaria de que dispunha.

As difficuldades d'essa manobra envolvente eram, porém, grandes. O IV.^o corpo do activo, que se sentiu ameaçado na retaguarda, fez volta face e entrincheirou-se em roda de Trocy.

O IV.^o corpo de reserva, que durante toda a manhã fez frente á ala esquerda franceza, a qual desenvolveu grande impetuosidade, começou de tarde a ceder terreno. A's 16 horas, os francezes haviam chegado á cumiada a oeste de E'tavigny. A acção estendeu-se. A 61.^a divisão, que acabava de chegar, alcançou Villers-Saint-Genest. A cavallaria franceza dirigiu-se de Bargny para Cuvergnon.

Mas o II.^o e o IX.^o corpos do activo, que puderam tornar a passar o Marne sem d'isso serem impedidos pelos inglezes, vieram em auxilio dos seus. O II.^o corpo atacou a esquerda do 7.^o corpo — o corpo Vauthier — em E'tavigny e em Acy-en-Multien, onde se deu um dos recontros mais violentos de toda a batalha. O pequeno cemiterio, á entrada d'essa aldeia, o bosque triangular, a pequena distancia, onde se encontraram amontoados, unidos na morte, cento e cincoenta cadaveres em duzentos metros quadrados de terreno, são um testemunho irrefutavel da violencia e do encarniçamento do combate.

Não houve hecatombe semelhante a essa a não ser em Varredes, na cota 139, reducto do IV.º corpo, onde reservistas francezes, á bayoneta, fizeram uma carnificina horrivel nos allemães.

Apreciando-o no conjuncto, o dia foi bom para o 6.º exercito. A' noite, fizera progressos contra o IV.º corpo de reserva e o II.º do activo, os quaes, ao que parecia, tinham transferido o grosso das suas forças para a margem oriental do Ourcq. A 8.ª divisão, que occupava Saint-Fiacre e Villemareuil, continuava luctando com o adversario, que occupava as orlas dos bosques de Meaux e as suas sahidas ao sul.

Grandes concentrações inimigas foram assignaladas para os lados de Essarts, Coulombs e Saint-Quentin. Parecia tratar-se de forças pertencentes ao IV.º corpo do activo, que na vespera á noite fôra assignalado na direcção de Rebais. Tambem batalhões vindos de Creil e de Pont-Saint-Maxence se reuniram em Senlis e se digiriram para Crépy-en-Valois. Grandes columnas foram igualmente assignaladas avançando para o Marne, seguindo por todas as estradas que correm na direcção sul-norte.

O exercito britannico, segundo as ordens dadas pelo general em chefe, devia continuar n'esse dia a sua marcha operando uma conversão, com a direita na frente, em escalões, para Rebais.

A's 10 horas, o grosso das forças attingia : o 3.º corpo, sob o commando do marechal French, Maisoncelles ; o 2.º, Coulommiers ; o 1.º, Dagny.

O inimigo retirou, coberto pela sua cavallaria, ou antes para falarmos com maior precisão, dirigiu-se ao encontro do 6.º exercito. O corpo de cavallaria de von Marwitz occupava o Grande Morin desde Pommeuse a Chauffry, d'um e d'outro lado de Coulommiers, tendo uma divisão em Boissy-le-Châtel e Chauffry, outra em Pommeuse e Mouroux e uma terceira a seis kilometros apenas ao norte

de Coulommiers. O general von Marwitz não sabia o que fôra feito do II.º corpo, com o qual operára de combinação na vespera.

A' tarde, o IV.º corpo começou a passar o Marne nas alturas de Charly, avançando na direcção de Montreuil-aux-Lions. Para os lados de Viels-Maisons e Hondevilliers assignalam-se grandes forças. A cavallaria, que passára o Grande Morin pelo meio dia, em seguida o Pequeno Morin, agrupára-se a sudeste de Ferté-sous-Jouarre, para os lados de Orly e Bussières.

A' noite, a divisão de cavallaria ingleza, que tentára impellir para o noroeste o inimigo em retirada, chegou a leste de Choisy. Os tres corpos de infantaria estabeleceram-se: o 3.º, em Maisoncelles, Giremoutiers e a noroeste de Coulommiers; o 2.º, a leste d'esta cidade; o 1.º, a noroeste de Choisy.

Na manhã do dia 7, os aviadores francezes assignalaram numerosas columnas allemãs em marcha para noroeste e norte: por sua vez o grosso do III.º e do IX.º corpos dirigiram-se em soccorro da direita do exercito de von Kluck, em lucta com o exercito Maunoury. O contra golpe do inesperado ataque no Ourcq começou a surtir os seus effeitos. A direita do exercito von Bülow voltou para traz, retirou em frente do 5.º exercito. O I.º corpo de cavallaria allemã, reforçado por grandes forças de infantaria do III.º e do IX.º corpos, foi cobrir esse movimento de recúo.

O 5.º exercito foi em sua perseguição, na direcção de Montmirail. Ia tentar chegar ao Pequeno Morin no fim do dia, enquanto a sua direita se esforçaria por cortar a retirada do inimigo para Montmirail.

Pelo meio dia, o genéral Franchet d'Esperey foi informado de que a esquerda do 9.º exercito — 42.ª divisão e 9.º corpo — estava sendo violentamente atacada, para os lados de Vileneuve-lès-Charleville e Soisy-aux-Bois, por

forças que desembocavam de Saint-Prix. Deu ordem ao 10.º corpo para obliquar para a direita, a fim de apoiar o 9.º exercito e deter a offensiva inimiga. O 10.º corpo, porém, foi detido n'esse contra-ataque por forças importantes que occupavam a região da floresta de Gault. A intervenção, á sua esquerda, do 1.º corpo permittiu-lhe ganhar terreno na direcção do norte.

Pelas 18 horas, as forças principaes d'esse corpo chegaram a Charleville e Rue-Lecomte. A sua direita estava em Soisy-aux-Bois, onde a 42.ª divisão estava empenhada n'um vivo combate. A' tarde, o X.º de reserva, que lhe estava fazendo frente, recebeu ordem para retirar.

O 3.º e o 18.º corpos occuparam a linha Trépols-Moutils. O dia fôra excellente para o exercito Franchet d'Épérey, que fizera approximadamente uns mil prisioneiros — só o 10.º corpo, á sua parte, aprisionára, na floresta de Gault, um batalhão completo do X.º corpo de reserva allemão — e apoderára-se de numerosos caixões de munições e d'uma companhia de metralhadoras.

As instrucções dadas pelo general Foch, commandante do 9.º exercito, para o dia 7 de setembro, eram as seguintes: a 42.ª divisão e a divisão marroquina conservariam a sua missão offensiva, em ligação com o 10.º corpo (do 5.º exercito). O 9.º corpo estava encarregado de defender as sahidadas ao sul dos pantanos de Saint-Gond, onde na vespera fizera alto, estando preparado a passar, logo que o pudesse fazer, á offensiva.

O 11.º corpo devia manter a posse da frente que na vespera occupára nos bosques onde se organisára ao fim do dia 6, ao mesmo tempo que faria esforços por desembocar primeiro sobre Clamanges, em seguida sobre Colligny; seria coberto á direita por uma divisão de reserva, que occuparia as elevações que dominavam a sudoeste as sahidadas de Lenharrée, Vassimont e Haussimont. Finalmente, a 9.ª divisão de cavallaria conservaria, para os lados

de Sommesous, a missão de que fôra encarregada na vespera: procurar estabelecer a ligação com o 4.º exercito, na direcção de Meix-Tiercelin e na do acampamento de Mailly, onde estavam os elementos da esquerda d'esse exercito.

De manhã, o 9.º exercito foi atacado com violencia. Baterias pezadas, estabelecidas pela vanguarda do XII.º corpo nos lados de Clamanges, causaram grandes perdas até a artilharia pezada franceza as poder contrabater. A batalha assumiu grande violencia. A 42.ª divisão e a divisão marroquina foram as que mais soffreram na região de Villeneuve-lès-Charleville, Soisy, Mondement e nos bosques; o 9.º corpo manteve as suas posições; o 11.º resistiu igualmente durante todo o dia, com a maior valentia; á sua direita, a 9.ª divisão de cavallaria cumpriu plenamente a missão de que estava encarregada, pois que estava em ligação, na região de Mailly, com o corpo da esquerda do 4.º exercito, o 17.º

O dia 7 foi rude para o 4.º exercito. Os combates felizes que se travaram na extrema esquerda, a desordem que se começava a manifestar no exercito allemão não se haviam ali repercutido. Foi, em toda a linha, uma batalha furiosa. Os corpos allemães atacaram a fundo.

O XVIII.º corpo de reserva entrou em linha á esquerda do XVIII.º do activo e atacou sobre Sermaize e Contrisson, na extrema direita do 2.º corpo francez; a XXIII.ª divisão de reserva, do XII.º corpo saxonio, estava em acção na extrema esquerda franceza na direcção de Sompuis, contra o 17.º còrpo, que conseguira ganhar terreno sobre o XIX.º; no centro, o VIII.º corpo do activo e o VIII.º de reserva, que haviam progredido, foram vigorosamente contra atacados pelas tropas coloniaes, que ganharam terreno na direcção de Vauclerc e Reims-la-Brûlée; á direita franceza, no fim do dia, o inimigo tomou Sermaize e atacou violentamente Pargny-sur-Saulx e a herdade de Sorton, ao longo da via ferrea.

O 3.º exercito tambem, durante todo o dia, d'uma a outra extremidade da sua frente, combateu ininterruptamente, com diversas alternativas, mas sem resultado algum decisivo. Na extrema esquerda franceza havia tropas do XVIII.º corpo de reserva; em frente da esquerda estava todo o VI.º corpo; em frente do centro, elementos do XIII.º corpo e uma brigada do VI.º corpo de reserva, que viera, por Islettes e Brizeaux, tomar logar entre o XIII.º e o XVI.º corpos; finalmente, em frente e á direita da 72.ª divisão de reserva franceza o VI.º corpo de reserva travou combate para proteger a linha de reabastecimento do exercito allemão.

O general Sarrail, pelas informações que a cada momento lhe chegavam em grande numero, teve a impressão de que o inimigo desenvolvia uma actividade febril nas elevações do Mosa e no Woëvre.

CAPITULO IX

As operações no dia 8

O commando do 6.º exercito propunha-se, no dia 8, atacar com a 45.ª divisão na direcção de E'trépilly e tentar dispersar o inimigo com a 61.ª divisão de reserva. Mas os allemães, que viam desandar a roda da fortuna, durante todo o dia deram violentos contra ataques e reforçaram incessantemente a sua direita, para a protegerem do movimento envolvente que se esboçava, tendo um papel importante nas operações a sua artilharia de grosso calibre.

Durante toda a manhã, a offensiva franceza continuou em toda a frente. A 45.ª divisão pronunciou sobre a linha Barcy-Marcilly, na direcção de Varreddes-E'trépilly, o ataque previsto. Pelas 8 horas, a 8.ª divisão cooperou, com a esquerda do exercito inglez, n'uma offensiva que se desenvolveu na frente Villemareuil-Pierre-Levéé.

Pelas 19 horas, a offensiva d'essa divisão foi entravada momentaneamente por um violento bombardeamento partido da região de Varreddes. O centro ficou estacionario. A linha allemã recebera grandes reforços e entrincheirára-se soljdamente. Para os lados de E'tavigny e Bas-Bouillancy, um violento contra ataque se pronunciou contra o 7.º corpo francez do activo. O inimigo occupava Betz e Thury-en-Valois. O general Maunoury mandou avançar, á esquerda, a 61.ª divisão de reserva, tres regimentos da qual travaram combate na primeira linha. Conservou a 7.ª divisão na reserva. Ao mesmo tempo a cavallaria, que es-

tava na retaguarda da ala esquerda, recebeu ordem para operar um movimento pela esquerda e mudar de frente para leste. A 8.^a divisão, vinda de Saint-Fiacre e Ville-mareuil, avançou sobre Trilport e Changis, por se ter recebido informações que, ali, os allemães estavam passando o Marne em pontões. O bombardeamento era violento.

A's 14 horas, grandes reforços foram recebidos pelos allemães em Lizy-sur-Ourcq, Mayen-Multien e Rosoy-en-Multien. Outras massas inimigas foram reconhecidas para os lados de Saint-Gengoulph e Brumetz e, no Ourcq, para os lados de Neufchelles. Soube-se tambem que Thury-en-Valois estava fortemente organisada.

Durante todo o dia, Acyfoi, chamemos-lhe assim, a arena d'uma lucta terrivel d'ambos os lados. A 63.^a divisão operou ahi verdadeiras maravilhas. A' noite, o inimigo estava ainda de posse da pobre aldeia, mas os francezes estavam senhores do pequeno bosque triangular que a dominava á entrada, atulhado de cadaveres misturados de francezes e allemães. Os contendores estavam em frente um do outro, a poucos passos de distancia.

Durante o dia, o general Maunoury recebera reforços, que solicitára na vespera, ao vêr que de hora a hora eram lançadas contra elle novas forças. O general em chefe mandou-lhe o 4.^o corpo, commandado pelo general Boëlle, tirado do 3.^o exercito.

Mas, ao mesmo tempo, o marechal French, receiando que parte das tropas inimigas que de hora a hora chegavam se dirigissem contra elle, pediu auxilio, pelo que o general Maunoury lhe mandou uma divisão do 4.^o corpo, a 8.^a, que tomou logar entre os dois exercitos, ao passo que enviou outra, a 7.^a, para a sua propria esquerda, onde tomou logar entre a 61.^a divisão de reserva e o 7.^o corpo, sobre o qual os allemães estavam exercendo forte pressão.

Acêrca dos movimentos do 1.^o exercito allemão durante o dia 8 podemos dar os seguintes esclarecimentos; cêrca de meio dia, o general von Kluck ordenou que fôssem

destruidas as pontes sobre o Marne, a fim de cobrir a sua retirada. Mas essa ordem não pôde ser executada immediatamente, por causa da affluencia de columnas que enchiam litteralmente Ferté-sous-Jourarre e a região a leste.

A's 13 horas e 10 minutos installou-se, na curva de Varreddes, a grossa artilharia cuja acção tão duramente se fez sentir, em Marcilly e em Barcy, sobre a 45.^a divisão. A' mesma hora, o inimigo desencadeou sobre Bas-Bouillancy o contra-ataque a que acima nos referimos e que se julga ter sido executado por reforços pertencentes ao IV.^o corpo do activo.

Pelas 17 horas e meia, uma divisão de cavallaria inimiga foi reconhecida em Thury-en-Valois. A' noite, tinha-se a impressão de que elementos do III.^o corpo estavam na região leste do Ourcq, para os lados de Saint-Gengoulph.

O commando dera ordem para que o exercito inglez continuasse a marcha da vespera, operando uma conversão com a direita na frente, na direcção de Nogent-l'Artaud, tendo por limites, a oeste, a estrada de Jouarre a La Ferté, a leste, a estrada de Rebais a Hondevilliers e Nogent-l'Artaud.

A's 6 horas, as cabeças de columna attingiram: o 3.^o corpo (esquerda) Haute-Maison, o 2.^o Boissy-le-Châtel, o 1.^o Saint-Rémy.

Pelas 13 horas, os aviões inglezes assignalaram um movimento geral de retirada dos allemães para norte e nordeste. Emquanto as forças allemãs que faziam frente ao exercito Maunoury atravessavam o Marne entre Chézy e Charly — como já dissemos tornaram a passal-o para os lados de Changis e Trilport, mais a juzante — as que estavam em frente do exercito do marechal French escoavam-se para a margem norte entre Charly-sur-Marne e La Ferté-sous-Jourarre. Mas uma forte retaguarda occupava ainda a linha Sablonnières-Orly, parecendo imminente um combate para os lados de Trétoire.

Trincheiras allemãs foram assignaladas um pouco a oeste de Ferté-sous-Jouarre, em Ussy, tendo a artilharia tomado posição em Jaignes. Finalmente, a grande estrada Paris-Châlons ia cheia de lés a lés entre Hondevilliers e la Ferté, dando passagem difficil, na sua curva, a tropas e comboios.

Era o momento favoravel para um ataque. O 3.º corpo inglez pronunciou-o entre Signy-Signets e Jouarre, na direcção de la Ferté, apoiado por um grupo de artilharia franceza. Entretanto o 2.º corpo chegava ao Pequeno Morin entre Jouarre, Archet e Saint-Cyr. Entre esses dois corpos, a artilharia pezada e os obuzes bateram vigorosamente as pontes de Ferté-sous-Jouarre, para as quaes se precipitava a retirada, que ia tomando a apparencia d'uma derrota.

Por seu lado, o 1.º corpo procedia energicamente entre Saint-Cyr e Trétoire. Era o combate previsto, que se travava com vivacidade, querendo o marechal French occupar o planalto norte do Pequeno Morin e avançar para o Marne. De facto, durante a noite, a ala direita britannica forçou as passagens do Pequeno Morin e chegou á frente Ferté-sous-Jouarre-Viels-Maisons. Os fuzileiros, avançando em perseguição da 11.ª divisão de cavallaria, alcançaram-na no momento em que se preparava para descançar e obrigaram-na a continuar a retirada.

Segundo as ordens do general em chefe, o 5.º exercito devia continuar a perseguição, accentuando o movimento da sua ala esquerda e sustentando com a direita o 9.º exercito. O general Franchet d'Esperey tomou as suas disposições em conformidade com essas ordens.

O 18.º corpo foi dirigido sobre Fontenelle, o 3.º sobre Corrobert, o 1.º sobre Ville-sous-Orbais. Quanto ao 10.º corpo, progredindo a principio para norte, devia inflectir para nordeste, de modo a apoiar a acção da 42.ª divisão, que continuava fortemente empenhada.

O 13.^o corpo, do commando do general de Maud'huy, progredindo por Montolivet, forçou a passagem do Pequeno Morin e, apoz um vivo combate, apoderou-se de Marchais-en-Brie.

O 3.^o corpo, commandado pelo general Hache, apoz uma lucta assaz violenta, apoderou-se de Montmirail, onde estava uma forte retaguarda.

O 1.^o corpo estabeleceu-se no planalto de Vauchamps e cobriu a esquerda do 10.^o corpo, que avançou, frente a leste, para Bannay, secundando assim efficazmente o esforço da 42.^a divisão.

A' noite, o quartel general do 5.^o exercito installou-se em Villiers-Saint-Georges.

Vejamos o que se passava com o 9.^o exercito.

As forças allemãs — excepto o X.^o corpo de reserva que a retirada do exercito de von Kluck, á sua direita, obrigou a uma attitude defensiva — tomaram a offensiva em toda a frente. A 42.^a divisão e a divisão marroquina continuaram, na esquerda, a ser alvo dos mesmos violentos ataques da vespera, que as não deixaram ter um momento de repouso. Nem uma nem outra arredaram pé. Ao contrario, e á noite a 42.^a divisão, apoiada pelo 10.^o corpo do exercito contiguo, conseguiu, á custa d'um esforço prodigioso, reoccupar Saint-Prix e repellir para o norte dos pantanos de Saint-Gond o inimigo — X.^o corpo e parte da Guarda — que desembocára ao sul. Foi um dos pontos onde a acção foi mais violenta.

O 9.^o corpo, no centro, manteve-se firme ao sul dos pantanos. Mas o 11.^o foi obrigado a recuar momentaneamente perante os ataques de fracções da Guarda, do XII.^o do activo e do XII.^o de reserva, e de retirar, sempre combatendo, ao sul do regato de Maurienne, para a frente Corroy-Gourgançon-Semoine.

Não foi isso, porém, por muito tempo. N'essa mesma noite, auxiliado por um contra-ataque dado contra Frère-

Champenoise pela divisão de reserva posta á disposição do 9.º corpo, o 11.º reoccupou as alturas ao norte de Euvy. A' direita, a 9.ª divisão de cavallaria, na região de Mailly, ficou em ligação com o corpo da esquerda do 4.º exercito e apoiou um ataque dado por este, durante a tarde, na região de Sompuis.

A' noite, o posto de commando do 9.º exercito, que estava em Pleurs, foi transferido para o sul, para Plancy.

Para o 4.º exercito, o dia começou, á direita, por um violento ataque do XVIII.º corpo de reserva, que estava em Sermaize e em Contrisson, contra o 2.º corpo que, atacado pela frente em Pargny-sur-Saulx e pela direita, pediu auxilio ao 3.º exercito: o 15.º corpo dirigiu sobre Robert-Espagne uma das suas brigadas, na direcção oeste, ameaçando o inimigo de flanco, enquanto a sua força principal operava na direcção de Contrisson, estando o 5.º corpo em frente de Laimont.

Pelas 10 horas e um quarto, o 17.º corpo, na outra ala, era atacado com a maior vehemencia, na esquerda, pelas tropas da XXIII.ª divisão saxonica, que progrediram a oeste do regato Puits, ao tempo em que o XIX.º corpo saxonio atacava a leste do mesmo regato.

A's 15 horas, o inimigo estava empenhado a fundo em toda a parte: uma brigada do XII.º corpo saxonio, a XLVI.ª ao sul de Sompuis; o XIX.º corpo entre Humbauville e Courdemanges; o VIII.º sobre Frignicourt e Vauclerc; o VIII.º de reserva sobre Favresse e Blesmes; o XVIII.º sobre a via ferrea até Sermaize, por Pargny-sur-Saulx; o XVIII.º de reserva até ao sul d'Andernay e Mognéville. Em quasi todas as partes os francezes mantiveram as suas posições.

Todavia, ás 22 horas e meia, o 17.º corpo, atacado pela esquerda, perdeu algum terreno, mas em breve foi reforçado, porque o general em chefe pôz á disposição do general Langle de Cary o 21.º corpo que, tendo desembarcado

na região Vassy-Moutier-en-Der, se dirigiu para Cavanges ; a 13.^a divisão concentrou-se em Mont-Marains ; a 43.^a chegou a Dampierre apoz uma marcha de 50 kilometros e no dia 9 o 21.^o corpo podia entrar em linha.

O 3.^o exercito, como dissemos, prestára auxilio, desde manhã, ao 4.^o ; o 15.^o corpo desembarcára no dia 7 á noite ; na manhã de 8, enquanto o grosso das suas forças tomava, como dissemos, a direcção geral de Contrisson, uma brigada dirigia-se para Robert-Espagne.

A agitação que o inimigo manifestava, desde a vespera, no alto do Mosa, levou o general Sarrail a dar ordem para cortar as pontes sobre o Mosa.

Desde manhã, o 5.^o corpo avançou sobre Vassincovert, Laimont e Villers-aux-Vents ; no centro, o 6.^o repelliu um ataque desencadeado de Triaucourt, enquanto duas divisões de reserva resistiam na linha Nubécourt-Saint-André.

Pelas 16 horas, em frente do 5.^o e do 6.^o corpos a resistencia enfraqueceu ; ao que parecia, o inimigo tinha falta de munições.

O 3.^o exercito manteve todas as suas posições n'esse dia, pois que o 15.^o corpo á noite reoccupou facilmente o terreno que o 2.^o tivera de ceder momentaneamente.

A artilharia do 6.^o corpo destruiu as baterias do XVI.^o corpo, cuja posição fôra indicada pelos aviões.

Continuava, porém, a ser ameaçadora a posição dos altos do Mosa e por esse motivo a 7.^a divisão de cavallaria dirigiu-se para ali, ao passo que a 2.^a divisão de cavallaria e a brigada mixta de Toul iam vigiar a região ao sul de Saint-Mihiel. De manhã, com effeito, patrulhas inimigas haviam sido assignaladas em Seuzey, um pelotão de uhlanos passára em Heudicourt, em marcha para Chaillon, seguido por um regimento d'artilharia acompanhado de cavallaria, ou sejam 150 uhlanos e 30 canhões, que avançavam sobre Saint-Mihiel para a bombardearem.

Ao meio dia, um regimento de cavallaria e outro de artilharia estavam entre Seuzey e Croix-sur-Meuse, achando-se cortadas as communicações telegraphicas e telephonicas. Em Saint-Mihiel as pontes foram pelos ares e a situação tornou-se critica. Nem sequer se podia pensar em evacuar a população. A's 13 horas a artilharia allemã começou a bombardear o forte de Troyon. O bombardeamento de Saint-Mihiel não podia demorar.

CAPITULO X

A batalha do dia 9 de setembro

Na noite de 8 para 9, o general Gallieni, governador militar de Paris, deu um audacioso golpe de mão ; lançou, transportando-os em automoveis, zuavos sobre Senlis e Creil, determinando o apparecimento subito d'essas forças um tal panico no inimigo que deixou nas mãos dos zuavos um certo numero de prisioneiros. Esse *raid* desembarcou a região.

O exercito Maunoury, exaustos pelo violento esforço que fazia havia tres dias, carecia de ser reforçado para continuar a sua tarefa. O governador de Paris mandáralhe na vespera, para apoiar uma retirada eventual, a 62.^a divisão de reserva, que o general Gallieni, com uma previsão admiravel, fez transportar em automoveis, tendo para esse fim requisitado todos os vehiculos que havia na capital.

O general Maunoury pediu tambem ao marechal French que lhe mandasse a divisão que na vespera lhe enviára e que veiu em caminho de ferro. Ficou na extrema esquerda, onde se esboçava um contra-ataque. Devido a esse apoio, a offensiva do 6.^o exercito continuou com o mesmo vigor dos dias anteriores.

O corpo de cavallaria de von Marwitz, que estava tentando, desde o dia 7, deter a offensiva ingleza ao sul do Marne, teve de abandonar a linha do Pequeno Morin.

O exercito allemão teve de fazer um violento esforço para desembaraçar a sua ala direita, atacada por todos os

lados e ameaçada ao norte de ser envolvida. Com effeito, n'um supremo sobresalto, conseguiu apoderar-se de Nanteuil-le-Haudouin. A esquerda franceza retirou sobre Silly-le-Long. O resto da frente manteve-se firme e atacou o inimigo em toda a linha.

A's 11 horas, os allemães abandonaram Betz, iniciando, ao que parecia, a retirada definitiva, mantendo-se, ainda, porém, em alguns pontos, sobre Nanteuil, que não se resolveram a abandonar tão depressa, sobre E'tavigny com tal firmeza que se não comprehendem bem as suas intenções.

Mas as noticias mandadas por von Marwitz, ao meio dia, complicam a situação. O commandante allemão vê que é quasi impossivel manter-se.

Pelas 17 horas, foram assignaladas numerosas columnas inimigas em retirada: uma columna de todas as armas, de 15 kilometros de extensão, seguia de Coulombs para nordeste; uma outra de tres grupos d'artilharia seguia de Lizy para Cocherel; outras, compostas de todas as armas, iam em retirada de Mary e de Jaignes, todas para nordeste. Era, em toda a margem esquerda do Ourcq, a derrota.

A's 20 horas, von Kluck deu a todo o seu exercito a ordem de retirar immediatamente. Mas isso só mais tarde se saberá, como só mais tarde se saberá que o 1.º exercito estava de tal fórma cançado e soffrera tantas e taes perdas que lhe serão necessarios alguns dias para se reconstituir.

N'essa verdadeira derrota, a ala direita allemã estava em grande perigo e o supremo esforço de von Kluck consistiu em lançar para Nanteuil-le-Haudouin uma forte columna de infantaria, apoiada por artilharia, a fim de se desembaraçar: foi a ultima convulsão da batalha do Ourcq. A esquerda franceza fez frente, com firmeza, a essa divisão.

Ao fim do dia, o general Maunoury deu ordem á 8.ª divisão, que era inutil á sua direita, para se dirigir para Silly-le-Long, a fim de apoiar um novo ataque da esquerda,

que pensava em dar na manhã seguinte. Talvez mesmo tivesse de se repellar um retorno offensivo e o 4.º corpo, que se batia no extremo d'essa ala, estava exausto. Apesar d'isso, á noite recebeu ordem para se deixar matar, mas não recuar um passo que fôsse.

O commandante do exercito inglez dera ordem para atravessar o Marne, indo a ala direita na vanguarda, para os lados de Château-Thierry, e avançar para norte.

De manhã, o 1.º e o 2.º corpos atravessaram com effeito o rio em Lazancy, Saâcy, Nanteuil-sur-Marne, Charly e Nogent-l'Artaud, mas á esquerda o 3.º corpo estava bloqueado nos arredores de Ferté-sous-Jouarre, cujas pontes haviam sido cortadas.

O general von Marwitz tentou baldadamente deter esse movimento. Ao meio dia, tentou de novo cortar a marcha ás columnas que avançavam para Charly e Nanteuil-sur-Marne. O exito não correspondeu á sua intenção e o combate que se travou, pelas 16 horas, com os inglezes na frente indicada pela estrada de Lizy a Château-Thierry e que attingiu o auge em Montreuil-aux-Lions não lhe foi favoravel.

Pelo meio dia, o marechal French foi informado que forças inimigas estavam na linha Marigny-en-Orxois-Château-Thierry. Pediu ao general Franchet d'Esperey que mandasse apoiar o seu 1.º corpo nos lados de Château-Thierry. Foi encarregado d'essa missão o 18.º corpo.

O inimigo não se manteve e retirou sobre a linha Busiaries-Torcy-Belleau-E'trépilly, onde chegou pelas 16 horas. Duas horas depois, os reconhecimentos aereos verificavam que não havia inimigos na zona comprehendida entre Pargny-la-Dhuis-Viffort e o Marne, assim como não havia inimigos na zona da floresta de la Fère, de Mézy-sur-Marne a Fère-en-Tardenois.

Era evidente que todo o 1.º exercito allemão estava em retirada a oeste de Château-Thierry.

A's 19 horas, as posições inglezas eram as seguintes : o 3.º corpo tinha o quartel general em Tarterel e estendia-se de Chamigny a Ferté-sous-Jouarre, onde n'essa noite foi lançada uma ponte ; o 2.º corpo, com o quartel general em Saâcy, tinha os seus postos avançados na linha de Chamoust ao sul de Montreuil-aux-Lions e em Coupru ; o 1.º corpo, cujo quartel general estava em Charly, tinha os seus postos avançados na linha Coupru-le-Thiolet-Château-Thierry.

A retirada dos allemães era muito rapida na região de Jaignes, de Mary, de Lizy-sur-Ourcq, de Coulombs. Os allemães dirigiam-se para o norte em columnas cerradas.

O 5.º exercito continuou a offensiva em direcção ao Marne. A' sua esquerda, o corpo de cavallaria, reforçado por uma brigada de infantaria, devia seguir por Azy e pelo norte do Marne para operar no flanco das columnas inimigas em retirada.

O grosso do exercito estava assim disposto : o 18.º corpo, sobre Château-Thierry ; o grupo de reserva, que até então estivera na segunda linha, sobre Artonges ; o 3.º corpo, sobre Montigny-lès-Condé. O 1.º corpo devia subir para o planalto de Vauchamps, a fim de cooperar com o 10.º, o qual fôra posto á disposição do general Foch.

As retaguardas allemãs, em plena retirada, foram perseguidas pelos corpos da esquerda. A' noite, o 18.º corpo apoderou-se de Château-Thierry e da sahida que dava para o norte. O inimigo era impellido como que por uma onda de refluxo irresistivel.

Debalde, na vespera, o general de Richthofen, com a cavallaria do 11.º exercito, que acabava de tomar parte na batalha, foi encarregado pelo alto commando de organizar defensivamente a margem norte do Marne, de Chézy a Château-Thierry. Não teve tempo para isso. O violento combate travado em Montreuil-aux-Lions não o deixou levar a cabo a sua tarefa.

Entretanto, o 1.º corpo chegou a noroeste de Fromentières. N'esse momento, o 10.º corpo encontrou grande resistencia. Foi a phase critica da lucta em redor dos pantanos de Saint-Gond. Então, o general Franchet d'Esperey deu ordem ao seu 1.º corpo para inflectir para sudeste e atacar a fundo sobre Baye e Villevénard, no flanco do X.º corpo allemão. Essa intervenção desembarçou o 10.º corpo e trouxe como resultado, no dia seguinte, a retirada de toda a direita do II.º exercito. Na noite do dia 9, o general Franchet d'Esperey dirigiu ás suas tropas uma vibrante ordem de dia registando a victoria «nos campos memoraveis de Montmiral, de Vauchamps e de Champaubert».

Na maior parte da frente do 9.º exercito a batalha continuou durante o dia 9 com a maior violencia.

A' esquerda, o 10.º corpo, arrastado pelo movimento d'avanzo do 5.º exercito, foi posto como reforço á disposição do general Foch, cuja tarefa era deveras ardua. Foi lentamente que conseguiu avançar para Fromentières e Baye, até ao momento em que o desembarçou o ataque de flanco dado pelo 1.º corpo.

A' direita do 10.º corpo, a divisão marroquina manteve-se com firmeza na região de Mondement, mercê d'um admiravel e constante esforço, que pôde ser considerado como um feito d'armas magnifico.

No centro e na ala direita, a situação era muito menos favoravel: o 9.º corpo e o 11.º haviam sido, desde manhã, violentamente atacados pela Guarda Prussiana, pelo XII.º corpo do activo e pelo XII.º da reserva.

A Guarda Prussiana, em frente de Fère-Champenoise, carregára a fundo. Uma parte da frente franceza teve de recuar deante d'esse ataque furioso. A linha de combate chegou, no centro, ao sopé das elevações de Allemant e á orla nordeste da aldeia de Connantre; á direita os francezes tiveram de recuar desde Gourgauçon até Salon. A resolução do general Foch não deixa, por isso, de persistir.

A chegada do 10.^o corpo, mandado, como já dissemos, em reforço do 9.^o exercito pelo general Franchet d'Esperey, deu-lhe azo a mandar a 42.^a divisão, que estava de reserva geral, para a região de Linthes e de Pleurs. Foi ahí que, pelas 16 horas, recebeu ordem para dar um contra-ataque sobre Fère-Champenoise. O general Foch queria que esse contra-ataque fôsse o signal de um retorno de offensiva encarniçada na frente do seu exercito.

Logo que a ordem dada começou a ser executada, deu em resultado o desembaraçar os movimentos do 11.^o corpo, n'esse momento violentamente atacado por forças que desembocavam de Fère-Champenoise. Esse facto ia decidir, em favor do 9.^o exercito, do resultado da lucta.

A' noite, a situação d'esse exercito era a seguinte: á esquerda, o 10.^o corpo chegou a Fromentières e a Baye; a divisão marroquina apoderára-se de Mondement e occupava o bosque de Allemant; o 9.^o corpo apoiava a sua esquerda n'esse bosque e a sua direita estendia-se na direcção de Connantre; o 11.^o corpo, reforçado pela 18.^a divisão, estava nos bosques ao sul de Gourgançon; á direita, finalmente, a 60.^a divisão de reserva estava ao sul de Semoine, tendo á sua direita a 9.^a divisão de cavallaria, acantonada em Arbre-de-la-Justice, ao sul de Mailly.

A acção do 4.^o exercito sobre Sompuis começou a fazer-se sentir. O do 5.^o, á esquerda, accentuou-se, porque se soube, á noite, que o VII.^o corpo, que ficára ao norte de Montmirail, recebera ordem para retirar sobre o Marne. Era, sem duvida, para seguir o movimento do exercito von Kluck, o começo da retirada de todo o exercito.

Esse movimento effectuou-se, de noite, por Vauchamps e Orbais; o VII.^o corpo cruzou ou passou além das columnas em marcha e dos parques do X.^o de reserva e, forçando a marcha, foi atravessar o Marne nas immedições de Dormans e de Châtillon-sur-Marne.

A' esquerda do 4.^o exercito, o 17.^o corpo estava entre

Meix-Tiercelin e Courdemanges, auxiliado na esquerda pela 18.^a divisão do 21.^o corpo, que entrou em acção e que, partindo de Monts-Marains, atacou, na direcção da herdade de Pimbraux e de Ormet, a XXIII.^a divisão — do XII.^o corpo d'exercito saxonio — que estava na sua frente.

Essa divisão havia recebido ordem para formar em linha com as suas duas brigadas para atacar entre Humbauville e os bosques a oeste da herdade de Custonne, tendo um batalhão de reserva a sudeste de Ormet e dois ao sul de Ancienne-Croix-d'E'tienne-Pierson.

Esse combate foi de extrema violencia. Apesar da artilharia pezada, em posição a nordeste de Sompuis e que a apoiava, a linha saxonia acabou por ceder em frente da 15.^a divisão; dois batalhões de caçadores saxonios — o CVIII.^o e o XI.^o — apenas haviam entrado na acção receberam ordem para bater em retirada. Retiraram na maior desordem, sob o fogo da artilharia franceza.

A 43.^a divisão, do 21.^o corpo, que na vespera ficára em Dampierre, continuando o avanço para a frente, seguiu para les Fenus e la Folie, mas não entrára ainda em acção.

No centro, o corpo colonial e o 12.^o corpo mantiveram-se firmes. O 2.^o corpo continuou o seu avanço sobre Andernay e Sermaize, apoiado pela acção do 15.^o corpo do 3.^o exercito, que pelas 8 horas da manhã continuára o seu ataque contra a linha Vassincourt-Mognéville-Constrisson.

A's 6 horas e meia da tarde, a esquerda franceza progredira na direcção de Sompuis até ao limite dos bosques que ficam ao sul d'essa localidade.

Foi assignalada a marcha d'uma columna inimiga, vindo de Mailly em direcção de Trouan-le-Petit. Por outro lado, o inimigo parecia concentrar forças na direcção de Coole-Maisons-en-Champagne e a XLIX.^a brigada mixta da landwehr — do XVIII.^o corpo do activo — foi assignalada perto de Vitry-le-François.

Como a posição da sua direita e do seu centro era boa, o general Langle de Cary, que recebera ordem para atacar com todas as forças que tivesse disponíveis, transferiu para oeste do Marne uma divisão do corpo colonial e outra do 2.º corpo.

Ao anoitecer estavam, na margem esquerda do Marne, o 21.º e o 17.º corpos e as duas divisões a que acabamos de nos referir.

O 15.º corpo do 3.º exercito sustentou durante todo o dia o ataque que de manhã continuára contra Andernay, Mognéville e Vassincourt, em ligação com o exercito de Langle de Cary. A' noite fez progressos na direcção de Trois-Fontaines.

O 5.º e o 6.º corpos mantiveram as suas posições, apesar do ultimo ter sido bombardeado por obuzes de 21 cm. A' direita, as divisões de reserva do general Léon Durand mantiveram-se igualmente. A 72.ª divisão de reserva atacou incessantemente a linha de communicações do inimigo, mas soffreu grandes perdas.

Entretanto, acontecimentos que não tinham relação com a batalha estavam preocupando o commando: o que se estava dando no Mosa, onde o inimigo desenvolvia grande actividade.

A's 9 horas da manhã, Verdun fazia saber que o forte de Génicourt estava sendo bombardeado por artilharia pezada, naturalmente quatro canhões austriacos de 305 que na vespera haviam passado em Harville, em direcção a Manheulles. A's 11 horas, o forte de Troyon cessára fogo.

Soube-se que uma divisão inimiga, dividida em duas forças, fôra reconhecida: sete ou oito batalhões a nordeste de Deuxnouds-aux-Bois, cinco a nordeste de Creue.

Nos cumiadas de Deuxnonuds, em Chaillon e em Buxières estavam em posição as baterias de duas divisões de cavallaria. Uma brigada de infantaria, com artilharia e cavallaria, estava a norte de Mouilly. Uma columna de ar-

tilharia, da extensão de dois kilometros, circulava entre Combres e Saint-Rémy.

Parques d'avição, comboios, artilharia, são assignalados em outros pontos. Finalmente, o forte de Troyon fôra já atacado tres vezes, sendo os ataques repellidos de todas ellas.

A ameaça do inimigo sobre o Mosa medio accentuava se cada vez mais inquietadora.

CAPITULO XI

As operações no dia 10

Adquiriu-se finalmente a certeza de que os allemães estavam em retirada. No momento em que o 6.º exercito, cumprindo as ordens que recebera na vespera, ia retomar a ofensiva na extrema esquerda, quasi não encontrou o adversario na sua frente.

Durante toda a noite anterior o inimigo escoára-se para o norte, a leste do Ourcq, continuando a cobrir-se cuidadosamente contra o 6.º exercito. Estava ainda de posse de Nanteuil-le-Haudouin; um ataque expulsou-o d'ahi, de manhã. Em seguida os francezes retomaram tambem E'ta-vigny.

Cêrca do meio dia, a esquerda franceza chegou a Lé-vignen. A direita — 45.ª divisão — apoiada á direita pela brigada de cavallaria de reserva do general Gillet, em ligação com o exercito inglez, subiu pelas duas margens do Ourcq. Foi uma perseguição facil.

Só se encontravam aqui e ali os cavalleiros da retaguarda que cobria a precipitada retirada. O grosso do inimigo tinha chegado já, a marchas forçadas, ao norte da floresta de Villers-Cotterets, defido na região Rétheuil, Mortefontaine-Montgolert. Uma columna estava agrupada de Sérý a Fresnoy-la-Rivière, ao norte de Crépy-en-Valois. As retaguardas occupavam Bonneuil-en-Valois, Vez, Largny, e ao sul da floresta de Villers-Cotterets, Autheuil-en-Valois.

O 6.º exercito continuou nos dias seguintes a perseguição do inimigo em retirada, até á linha Soissons-Ribécourt.

Como succedera ao 6.^o exercito, o do marechal French não encontrou adversarios com quem combater, limitando-se a uma perseguição. Lançou-se na peugada do inimigo na direcção de Neuilly-Saint-Front e na de Fèrté-Milon.

A' noite, a sua direita chegava á primeira d'essas localidades. O marechal French installou o seu quartel general em Fère-en-Tardenois.

O 5.^o exercito continuou ao norte a sua offensiva victoriosa.

O 18.^o corpo do activo, o grupo das divisões de reserva e o 3.^o corpo carregaram sobre as retaguardas allemãs, chegando o grosso das suas forças, ao fim do dia, ao valle do Marne. O corpo de cavallaria, ao qual o 18.^o corpo abriu passagem ao norte do rio, dirige-se para Oulchy-le-Château e Fère-en-Tardenois, em ligação com o exercito britannico. O 1.^o corpo, depois de ter operado, na tarde do dia 9, á esquerda do 10.^o, como já dissemos, decidiu, com a acção energica d'uma das suas brigadas e da sua artilharia, a retirada da ala direita do 11.^o exercito. A vanguarda do grosso das suas forças, dirigindo-se para o norte, chegou ao Marne.

As instrucções dadas ao 9.^o exercito para as operações do dia 10 eram as seguintes: offensiva ás 5 horas da manhã em toda a frente, na direcção de Sommesous e de Morains-le-Petit. O 10.^o corpo, que continuava addido a esse exercito, devia atacar pelo norte dos pantanos de Saint-Gond, na direcção geral de Bergères-lès-Vertus, e repellir as retaguardas inimigas.

O 9.^o corpo avançou ao norte da linha ferrea de Sézanne a Fère-Champenoise, para Normée, Ecury-le-Repos e Morains-le-Petit. A 42.^a divisão avançou sobre Fère-Champenoise, que tomou pelas 9 horas. O 11.^o corpo, com a 18.^a divisão, atacou a sudeste da linha Euvy-Lenharrée. Pelas 9 horas occupou Gourgançon.

O inimigo cedeu em todos os pontos. Um facto apressou o cessamento da sua resistencia: pelas 8 horas, o I.º exercito fez saber ao II.º que retirava á pressa. Além d'isso, inquietam-no os movimentos que percebe á sua esquerda ao sul do Marne.

Os francezes tiveram conhecimento dos movimentos do inimigo em direcção ao norte, para os lados de Epaux, Bézu., na frente de Château-Thierry. A ordem geral de retirada devia ter sido dada.

De facto, ao meio dia, o movimento de retirada é geral e rapido. O VII.º corpo, seguindo por Romigny, foi acantonar para os lados de Arcis-le-Ponsart. O grosso do II.º e do III.º exercitos retira na direcção de Berry-au-Bac e de Reims.

A' 1 hora da tarde, o 9.º exercito estava na frente Sommesous-Morains-le-Petit. Recebeu ordem para avançar á noite até á frente Villeneuve-Reuneville-Germinon-Vatry. Mas o 10.º corpo devia parar na região de Coligny e de Bergères-lès-Vertus, com a frente ao norte, com as vanguardas ao norte da grande estrada de Châlons, em ligação, em Voipreux, com o 9.º corpo; no dia seguinte tornará a passar para debaixo das ordens do general d'Esperey. A 9.ª divisão de cavallaria devia avançar até Châlons tentando cortar a retirada ao inimigo que, de manhã, occupava ainda Sompuis.

A' noite, o general Foch transferiu o seu quartel general para Fère-Champenoise, onde foi feito grande numero de prisioneiros.

Ao nascer do dia o 4.º exercito continuou o combate a oeste do Marne. Os saxonios cederam e retiraram para o Norte, o XIX.º corpo para Coole e Maisons-en-Campagne, a XXIII.ª divisão — do XII.º corpo — para Coole e Soudé-Sainte-Croix. A ala esquerda franceza progrediu, mas o centro foi detido ao sul de Vitry por obras defensivas consideraveis, providas de artilharia pezada, que se estendiam

por toda a região, em Glannes, Frignicourt e Marolles.

De tarde a XXIII.^a divisão accentuou a sua retirada, impellida no movimento precipitado do XII.^o corpo saxonio de reserva e do exercito von Bülow, batido pelo general Foch. De noite, chegou ao Marne ao sul de Châlons.

A posição do 3.^o exercito, no fim do dia, era a seguinte: á esquerda o 15.^o corpo fizera sensiveis progressos, repellido o XVIII.^o corpo de reserva. Occupava todas as orlas da floresta de Trois-Fontaines. Retomára Sermaize, ou antes as suas lamentaveis ruinas, Andernay e a çumiada oeste de Vassincourt e fizera grande numero de prisioneiros. O 5.^o corpo obtivera alguns sucessos.

O VI.^o corpo allemão contentára-se com durante todo o dia bombardear os francezes e apenas tentára, á tarde, um pequeno ataque.

O XVI.^o corpo progredira a principio ligeiramente sobre Souilly, mas o 6.^o corpo francez manteve quasi todas as suas posições e, reforçado por duas divisões de reserva, repelliu um ataque violentissimo do XIII.^o e do XVI.^o corpos, reforçados no seu centro pelo VI.^o corpo de reserva, que foi substituido, na extrema esquerda, pelo V.^o corpo de reserva, oppondo-se, portanto, á extrema direita franceza, á 72.^a divisão de reserva, a qual, em Vadelaincourt, com a frente ao sul e reforçada por tropas do sector da praça de Verdun, atacára violentamente por diversas vezes a linha de communicações do inimigo, passando por Damvillers, Consenvoye, Montfaucon, Avocourt e Clermont, e guardada por infantaria bem entrincheirada e artilharia.

Esta actividade da 72.^a divisão acabou por determinar, á noite, da parte do V.^o corpo um ataque assaz vivo. Os reservistas francezes, que sustentaram com rara energia um pezado esforço, começaram a dar signaes de fadiga.

Das elevações do Mosa, annunciou-se que o forte de Troyon repellira dois novos ataques. Ao cahir da noite, mantinha-se ainda. O inimigo não transpuzera o Mosa.

CAPITULO XII

Os ultimos dias de lucta

A batalha para o 6.º exercito, para o exercito britânico e para o 5.º exercito terminou no dia 10 á noite, pela victoria, que se prolonga n'uma perseguição activa. No dia 13, porém, o 5.º exercito, ao chegar ao norte do Aisne, depois de ter girado sobre a sua direita com a frente a nordeste, encontrou uma resistencia desesperada.

No dia 14, o corpo de cavallaria que, com o 18.º corpo do activo e o grupo das divisões de reserva, passou para a margem direita do Aisne, avançou até Sissonne. Uma das divisões de cavallaria recebeu ordem de atacar pela retaguarda as tropas allemãs que combatiam contra o 18.º corpo do activo no planalto de Craonne. Mas, como o grupo das divisões de reserva se não tivesse podido manter na margem direita do rio, o corpo de cavallaria, que, n'esse momento cortára a ala direita do 11.º exercito allemão do grosso d'esse exercito, teve receio de se encontrar isolado para além do Aisne.

A chegada do VII.º corpo de exercito, que ficára com os movimentos livres em virtude da rendição de Maubeuge, repelle o 18.º corpo do activo da extremidade do planalto de Craonne. A tenacidade, a energia do general Maud'huy conseguiram, porém, manter esse corpo nas alturas da margem direita do Aisne.

No dia 11, o 9.º exercito, por seu lado, só encontrou na sua frente retaguardas que pouca ou nenhuma resistencia lhe offereceram. Avançando a direito, os alliados

atingiram n'esse dia a frente da floresta de Compiègne-Villers-Cotterets-la-Fère-en-Tardenois-Bazoches-E'pernay-Châlons.

O 4.º exercito perseguiu de perto um inimigo em derrota, que tornou a passar o Marne sem poder sequer tentar deter ahí os francezes. De manhã, na esquerda, o 21.º e o 17.º corpos dirigiram-se para nordeste; ameaçavam envolver as obras fortificadas da linha de resistencia tão bem organizada em Vitry que o inimigo se viu obrigado a evacua-la pelas 11 horas.

A' noite, o 12.º corpo chegou a Pringy e a Couvrot, enquanto a extrema ala esquerda continuou o seu movimento de conversão concentrando-se sobre o Marne. Ao escurecer, o 17.º corpo chegou ao Marne em Sogny-aux-Moulins e o 21.º corpo entre Mairy-sur-Marne e Togny-aux-Bœufs.

Entretanto, o corpo colonial atravessou o Saulx e acantonou entre Heiltz-l'E'vêque e Brusson; o 2.º corpo estava no Ornain, desde E'trépy a Sermaize, ficando em ligação com o 15.º, do 3.º exercito, o qual por sua parte continuava a progredir e que logo de manhã chegára ao canal do Marne ao Rheno, entre Contrisson e Neuville-sur-Orne, destacando patrulhas para Revigny.

Em frente do 3.º exercito, n'esse mesmo dia — 11 — tudo estava em socego, um scego impressionador.

O 5.º corpo encetou um movimento d'avançaço.

A's 6 horas da tarde, o 6.º corpo e as duas divisões de reserva não encontraram actividade alguma da parte do inimigo. As patrulhas de cavallaria chegam até Souilly. As duas divisões de reserva reconstituem-se perto de Neuville-eu-Verdunois. A 7.ª divisão de cavallaria estava em frente de Saint-Mihiel, detendo um dos ataques desencadeados do alto do Mosa. O 5.º corpo retomou Laimont e Villotte-devant-Louppy, apoiado pela artilharia do 15.º corpo.

A's 7 horas e um quarto da tarde, o movimento de avanço da direita do 4.º exercito permittiu ao 15.º corpo

que avançasse para além do canal, entre Contrisson e Neuville. O 6.º corpo e a divisão de reserva estão sob o fogo dos obuzes. É a sua retirada que os allemães protegem assim, porque, em frente do 6.º, observa-se uma columna que sóbe para o norte.

A's 9 horas da noite, a situação em toda a parte era satisfactoria. O 15.º corpo occupava Alliancelles, Rancourt e Revigny e avançava para Brabant-le-Roi; tomára ao XVIII.º corpo de reserva, em retirada para o nordeste, quatro canhões, cinco metralhadoras e quinze caixões de munições.

O VI.º corpo retirava sobre Lahey-court e os bosques de Belnoue. Mas em frente do 6.º corpo francez, o inimigo entrincheirou-se n'uma posição que organisou ao sul de Souilly.

As noticias recebidas das elevações do Mosa diziam, ás primeiras horas da manhã, que em frente do forte de Liouville não havia força alguma, que o forte de Troyon continuava a ser bombardeado e que Bannoncourt fôra tambem bombardeado. De Verdun foi enviado para esse ponto um batalhão da reserva.

A's 5 horas e 40' da tarde a 2.ª divisão de cavallaria assignalou uma columna de infantaria allemã marchando de Thiaucourt sobre Beney. Era a XXXII.ª divisão de reserva, da guarnição de Metz, que no dia 10 fôra vista marchando de Pont-à-Mousson sobre Montauville.

No dia 12, o 21.º e o 12.º corpos, do 4.º exercito, atravessaram o Marne entre Mairy e Vitry-le-François, e tomaram a direcção de Courtisols-Poix-Somme-Yèvre. O corpo colonial e o 2.º corpo receberam ordem de atravessar o Saulx e avançar sobre Possesse e Charmont. A manobra executada, na sua esquerda, pelo general Langle de Cary obteve pleno exito: o exercito do duque de Wurtemberg e os corpos saxonios que formavam a esquerda do exercito von Hausen haviam sido batidos por completo.

No dia 13, o inimigo estava em retirada geral na frente do 4.º e do 3.º exercitos, mas este encontrou-se em presença de entrincheiramentos estabelecidos sobre a linha Villers-aux - Vents - Louppy-le-Château - Rembercourt-aux-Pots.

Será forçado a fazer um vigoroso esforço para repellir o exercito do kronprinz para Vienne-la-Ville, Varennes, Montfaucon e Consenvoye e desembaraçar assim a linha ferrea de Sainte-Menehould a Verdun por Islettes, cuja posse era de capital importancia.

Epilogo

Terminára a batalha do Marne, ou antes a serie de batalhas, cujas phases principaes acabamos de indicar nos capitulos precedentes.

E tendo os allemães sido derrotados na primeira batalha campal em fórma que se atreveram a dar, ou antes, para falarmos com maior precisão, que se viram forçados a acceitar, começou a guerra de sitio, essa guerra de trincheiras, ardua, interminavel, que ainda hoje dura e que não se sabe ainda quando terminará.

Resta-nos apenas dar algumas indicações uteis para os que lerem este modesto trabalho. A batalha abrangeu uma frente de quatrocentos kilometros e póde calcular-se em quatro milhões de homens os que tomaram parte n'esse prelio gigantesco em que, para se ficar victorioso, necessario foi vencer em vinte recontros differentes.

Todos os exercitos francezes se bateram valentemente, todos tiveram de se medir com um inimigo não só terrivel, mas bem appetrechado e a quem seduzia a esperanza d'uma victoria que julgava facil. Basta dizer que o 9.^o exercito se bateu furiosamente durante quatro dias e o 4.^o exercito durante cinco dias.

A accrescentar ha um ponto importante, qual é o do estado maior allemão ter respondido á habil estrategia do general Joffre por uma audaciosa manobra: o tentar romper brutalmente o centro francez, deslocar essa frente immensa, cortar em dois os exercitos francezes.

Não o conseguiu, porém, mercê da fé ardente que ani-

mava as tropas francezas e dos magnificos feitos d'armas que houve e cuja narrativa encheria um volume.

Morrer, se necessario fôr, mas não arredar pé! — tal foi a ordem do generalissimo Joffre na manhã de 6 de setembro de 1914. Taes foram, estas ou outras semelhantes, as palavras proferidas pelo grande general. E um milhão e quinhentos mil homens responderam a esse appello, preferindo deixar-se matar a recuar um passo, com a firme vontade de vencer.

E venceram. O «milagre» do Marne ficará para sempre memoravel na Historia.

F I M





NB



EFG0000083192

